

Universidade do Estado do Pará
Centro de Ciências Sociais e Educação – CCSE
Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia



JULIANA SILVA GOMES

**Vozes masculinas na docência: Uma compreensão
sobre o ingresso de homens no curso de Pedagogia
em Instituições de Ensino Superior Privado**

Belém-Pa

2017

JULIANA SILVA GOMES

Vozes masculinas na docência: Uma compreensão sobre o ingresso de homens no curso de Pedagogia em Instituições de Ensino Superior Privado

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciatura Plena em Pedagogia, do Centro de Ciências Sociais e Educação, da Universidade do Estado do Pará, sob a Orientação da Prof.^a Dr. Lucélia Bassalo.

Belém-Pa

2017

JULIANA SILVA GOMES

Vozes masculinas na docência: Uma compreensão sobre o ingresso de homens no curso de Pedagogia em Instituições de Ensino Superior Privado

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciatura Plena em Pedagogia, do Centro de Ciências Sociais e Educação, da Universidade do Estado do Pará, sob a Orientação da Prof.^a Dr. Lucélia Bassalo.

Banca Examinadora

Prof.^a Dr. Lucélia de Moraes Braga Bassalo
Orientadora – Uepa

Prof.^a Dr. Lana Cláudia Macedo da Silva
Professora Convidada

Apresentado em 20 de Dezembro de 2017

Conceito: _____

Belém-Pa

2017

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a **Deus** por esses quatro anos de curso, em especial esse último ano com a realização do TCC, pois mesmo em meio as dificuldades enfrentadas Ele me deu forças para não desistir até atingir os meus objetivos.

Aos meus pais **Adelson Aragão Gomes Júnior e Maria Ivanilde Boas Silva**, que se esforçaram para proporcionar a concretização dos meus objetivos e por acreditarem no meu potencial.

A minha família, que da sua forma apoiaram e torceram para a finalização do meu curso universitário, e em especial ao meu padrinho **Célio de Souza Garcia**, que sempre me aconselhou, me apoiou e me incentivou em minhas escolhas, que sempre torceu pelas minhas conquistas e pelas minhas vitórias. MUITÍSSIMO obrigada!

Aos meus amigos, **Amanda Magalhães Ribeiro, Julliana Viana de Oliveira e Renato Passos Raiol**, por estarem presentes na minha vida durante esses quatro anos de curso, pelas experiências adquirida durante a nossa convivência e pelo apoio durante a realização deste trabalho.

Ao meu namorado, **Matheus Henrique Silva de Oliveira**, que assim como os meus amigos, também esteve presente durante esses quatro anos de curso me apoiando e me incentivando, e foi através da convivência com ele que pude presenciar todas as dificuldades enfrentadas por ser homem e estar cursando Pedagogia, ainda que em uma Instituição Pública, e assim me senti motivada a realizar a minha pesquisa com essa temática. MUITÍSSIMO obrigada amor!

Agradeço também ao grupo de pesquisa ao qual eu faço parte, o **JEDS (Juventude, Educação e Sociabilidades)**, pela oportunidade de divulgar a minha pesquisa e por proporcionar uma nova visão sobre temas como Juventude e Gênero. E esse agradecimento referente ao grupo, eu dedico especialmente a **Hamanda Pontes e Thais Mendonça**, duas das principais idealizadoras para que o grupo fosse concretizado, por todo o apoio e a contribuição para que esse trabalho se finalizasse.

Por fim, à **Prof.^a Dr. Lucélia de Moraes Braga Bassalo** por ter aceitado o convite de ser a minha orientadora nesta pesquisa. Obrigada por compartilhar os seus ensinamentos e suas experiências como docente e pesquisadora, por propor novas aprendizagens e métodos diferenciados, pela paciência, sabedoria, dedicação e por incentivar para que futuramente eu possa idealizar novas perspectivas quanto a minha carreira como pesquisadora. Muitíssimo obrigada!

Seria o amor uma exceção, a única, mas de primeira grandeza, à lei da dominação masculina, uma suspensão da violência simbólica, ou a forma suprema, porque a mais sutil e a mais invisível, desta violência?

(Pierre Bourdieu)

RESUMO

O estudo buscou compreender o ingresso de homens no curso de Pedagogia em Instituições de Ensino Superior Privado na cidade de Belém. Quando realizamos a descrição do perfil da pessoa atuante na sala de aula a primeira característica aparente e unânime é a associação ao sexo feminino. Uma visão construída historicamente onde preferencialmente a mulher se adequa e encaixa-se no perfil de educador. Em decorrência da predominância desse estereótipo, onde define-se um determinado sexo para atuar na docência, atribui-se a reprodução de preconceitos que perpetuam práticas sexistas, como a exclusão masculina para atuação na sala de aula. Portanto, a realização deste trabalho, visa trazer uma contribuição acadêmica acerca do ingresso masculino no curso de Pedagogia, visto que as pesquisas sobre essa temática, quando voltadas para a cidade de Belém, encontram-se de forma escassa. Aponta-se como objetivo geral compreender a opção de estudantes homens de Instituições de Ensino Superior Particulares pelo curso de Pedagogia. E, como objetivos específicos intenciona-se delinear suas percepções sobre a composição predominantemente feminina no curso de Pedagogia, analisar como ocorreu a trajetória para a realização do processo de escolha do curso e identificar qual o posicionamento dos sujeitos diante da profissão professor de crianças. Realizou-se uma pesquisa com enfoque fenomenológico e abordagem qualitativa. Como técnica de coleta e análise de dados foi utilizada a entrevista narrativa, segundo Jovchelovitch e Bauer (2002). Os dados foram analisados buscando relacioná-los com os principais teóricos como Carvalho (1998), Connell (1995), Januário (2016), Silva (2006), Beraldo e Trindade (2016), que discutem a categoria gênero e masculinidade, e Barreyro (2008), Corbucci (2004), Martins (2009), Sampaio (1991, 2000, 2000), que discutem a construção histórica do Ensino Superior Privado. Os resultados evidenciam que para os cinco estudantes entrevistados, o Ensino Superior Privado revela-se como uma oportunidade para adentrar no referido ensino, sendo influenciados por fatores sociais, econômicos e culturais, e o ingresso na Pedagogia são referentes a acessibilidade do curso, a identificação com o trabalho educacional e a mudança na realidade social.

Palavras-chave: Masculinidades. Docência. Ensino Superior Privado.

ABSTRACT

The following study sought to understand the entrance of men in the course of Pedagogy in Private Higher Education Institutions in the city of Belém. When we describe the profile of the person acting in the classroom, the first apparent and unanimous characteristic is the association to the female sex. A historically constructed view where preferably the woman fits and fits into the educator profile. Due to the predominance of this stereotype, where a sex is defined to act in the teaching, it is attributed to the reproduction of prejudices that perpetuate sexist practices, such as the male exclusion to act in the classroom. Therefore, with the accomplishment of this work, I intend to bring an academic contribution about the male entrance in the course of Pedagogy, since the researches on this subject, when facing the city of Belém, are scarce. With this, I have as general objective to understand the option of male students of Private Higher Education Institutions by the pedagogy course. And, as specific objectives, I seek to delineate their perceptions about the predominantly female composition in the pedagogy course, to analyze how the trajectory occurred for the realization of the course choice process and to identify the positioning of the subjects before the teacher profession of children. A research with a phenomenological approach and a qualitative approach was carried out. As a technique for data collection and analysis, the narrative interview was used according to Jovchelovitch and Bauer (2002). The data were analyzed in order to relate them to the main theorists such as Carvalho (1998), Connell (1995), Januário (2016), Silva (2006), Beraldo and Trindade (2016), who discuss the category gender and masculinity, and Barreyro (2008), Corbucci (2004), Martins (2009), Sampaio (1991, 2000, 2000), who discuss the historical construction of Private Higher Education. The results show that for the five students interviewed, Private Higher Education reveals itself as an opportunity to enter the mentioned education, being influenced by social, economic and cultural factors, and the entrance in the Pedagogy are referring to the accessibility of the course, the identification with the educational work and the change in social reality.

Keywords: Masculinities. Teaching. Private Higher Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
I- METODOLOGIA	18
1.1. TIPO DE ESTUDO	18
1.2. LOCAL	20
1.3. FONTES.....	21
1.4. COLETA DE DADOS	21
1.5. ASPECTOS ÉTICOS	25
II- MASCULINIDADE, EDUCAÇÃO E UNIVERSIDADE	27
2.1. FAMÍLIA	33
2.2. ESCOLA E UNIVERSIDADE	37
2.3. MASCULINIDADE E O ENSINO SUPERIOR PRIVADO NO BRASIL	43
2.3.1. A HISTÓRIA DO ENSINO SUPERIOR PRIVADO NO BRASIL	44
III- VOZES MASCULINAS DA PEDAGOGIA	65
3.1. MOTIVAÇÕES PARA ESCOLHER A PEDAGOGIA COMO CURSO PARA FORMAÇÃO ACADÊMICA.....	67
3.2. SATISFAÇÕES E OBJETIVOS PARA EXERCER A PRÁTICA EDUCATIVA.....	71
3.3. DIFICULDADES ENFRENTADAS AO OPTAR PELO CURSO DE PEDAGOGIA.....	77
3.4. APRENDIZAGENS, EXPERIÊNCIAS E OPORTUNIDADES NA EDUCAÇÃO INFANTIL E NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	84
3.5. MOTIVAÇÕES AO OPTAR POR UMA INSTITUIÇÃO PARTICULAR PARA ADENTRAR NO ENSINO SUPERIOR	89
3.6. POSICIONAMENTO SOBRE A EDUCAÇÃO E A MODIFICAÇÃO NO PENSAMENTO AO INGRESSAR NA PEDAGOGIA.....	94
IV- CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
REFERÊNCIAS	107
APÊNDICES	118

INTRODUÇÃO

As relações de gênero, segundo Januário (2016), referem-se aos vínculos sociais de poder entre homens e mulheres, em que cada um tem seu papel social que é determinado pelas diferenças sexuais. Diferenças essas refletidas na docência, que ao longo dos tempos foi assumindo um caráter predominantemente feminino, em especial na Educação Infantil e Ensino Fundamental. (CARVALHO, 1998).

Quando realizamos a descrição do perfil da pessoa atuante na sala de aula a primeira característica aparente e unânime é a associação ao sexo feminino. Uma visão construída historicamente onde preferencialmente a mulher se adequa e encaixa-se no perfil de educador. Segundo Vianna (2001, p.84) "a docência feminina no Brasil nasce no final do século XIX, relacionada com a expansão do antigo ensino público primário" e, essa predominância feminina, na composição sexual da categoria docente, perdura até os tempos atuais, destinando aos homens cargos no ambiente escolar voltados a gestão, coordenação, entre outros.

Em decorrência da predominância desse estereótipo, onde define-se um determinado sexo para atuar na docência, atribui-se a reprodução de preconceitos que perpetuam práticas sexistas, como a exclusão masculina para atuação na sala de aula. É necessário ocorrer uma reformulação a respeito dessa concepção para darmos oportunidades à inserção masculina, direcionada principalmente para o Ensino Infantil e Fundamental, pois a imagem masculina é fundamental para os alunos em fase de desenvolvimento, principalmente quando esse aluno não possui uma figura paterna em casa. Há possibilidades que homens correspondam tanto quanto as mulheres na atuação da docência em sala de aula.

A partir de leituras e experiências pessoais, busquei investigar: o ingresso do homem no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, nas Faculdades Particulares da cidade de Belém, na contemporaneidade.

Durante o curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, muitos professores abordaram temas relacionados à escola que em um determinado ponto resultaram em conversas referentes às concepções que se perpetuam na sociedade, até dias atuais. Partindo dessas conversas uma das concepções

que me levou a refletir, foi com relação ao grande preconceito enfrentado pelos homens para atuar na docência do Ensino Infantil e Fundamental. Que por se tratar de um tema muito referente ao meu cotidiano e que se relaciona com as minhas experiências durante a formação acadêmica me levou a muitas indagações acerca da temática.

As problemáticas que impedem essa aceitação masculina voltam-se muito para o ponto de vista do “cuidar”, que através da construção histórica, acerca dos papéis sociais do homem e da mulher, houve uma propagação de que o homem não teria capacidade para se adequar ao perfil referente à docência por não serem hábeis na condução de atividades com crianças. Dessa forma, a associação das atividades de educação, delicadeza e afeto, são relacionadas as mulheres, e atitudes grosseiras, relacionadas aos homens.

Outra perspectiva que se conecta com o magistério, refere-se a implicação com relação ao questionamento quanto à orientação da sexualidade do profissional que trabalha na docência, ao qual Cardoso (2007) destaca que para os homens que escolhem ingressar na profissão docente, é posto em questionamento a sua sexualidade, pois em tempos atuais a sociedade ainda acusa de homossexualidade, rapazes que optam pela carreira docente, pelo fato da profissão estar muito associada à mulher.

A continuidade da reprodução de preconceitos que perpetuam práticas sexistas na sociedade refletem de forma direta implicações na formação do pedagogo, o que gera questionamentos paradoxais, pois em um curso acadêmico que objetiva formar futuros professores, há segregações com relação à composição sexual, que é predominantemente feminina. E em determinadas situações, esse preconceito sexual parte do próprio homem, por estar moldado por pensamentos impostos pela sociedade, que influenciam no seu julgamento como ser social.

No início da construção do objeto de pesquisa objetivava compreender como foi realizada a construção do perfil feminino da docência no Ensino Infantil e Fundamental, e como se modificou com o passar dos tempos. Buscava entender como a professora de outrora, que segundo Carvalho (1998) era estereotipada com a descrição de solteirona, rígida, disciplinadora e assexuada, transformou-se em um perfil de mãe, flexível, feminina e meiga.

Mas em meio aos estudos me deparei com muitas perguntas e, a maioria delas, relacionava-se ao sexo masculino, pois ao descrevermos um estereótipo relacionado ao profissional atuante na sala de aula, a primeira característica aparente é associada ao sexo feminino. Outra é a associação do homem ao papel educador, que só se concretiza quando atribuído na função de “pai”, não havendo essa associação quando se refere a sala de aula.

Diante da aparição de perguntas referentes à docência masculina, decidi modificar o meu eixo de pesquisa que antes focalizava o papel atuante da mulher na docência, para a relação com o perfil masculino, que pode sim estar presente em uma sala de aula. E, como a presença desses professores poderia contribuir para a diminuição de preconceitos com relação ao homem.

Ao observar a turma de Pedagogia que frequento na faculdade, de uma análise referente à sua composição sexual, constatei que a predominância feminina é unânime, tendo apenas 03 representantes do sexo masculino. Essa predominância de certa forma implica em uma dualidade, pois em um curso de formação acadêmica, onde futuramente formará pessoas capacitadas para educar outro ser e combater determinados preconceitos, é visível ainda o reflexo de padrões da sociedade em não relacionar a docência como uma prática masculina.

A formação total da turma é de 41 alunos, sendo 03 alunos são do sexo masculino, como já foi colocado acima. Desses 03 representantes masculinos, 02 deles fazem parte do grupo ao qual realizo trabalhos acadêmicos e percebo da parte deles, em determinadas falas, a insatisfação por estar em um curso que se por um lado oferece muitas oportunidades com relação às áreas de atuação, ao mesmo tempo delimita-se quando posto em foco um estudante/professor do sexo masculino.

Nas experiências que obtive quanto ao ambiente escolar no período em que efetivei o estágio na educação infantil, identifiquei preconceitos com relação a professores homens, pois é muito comum deparar-se com desconfianças e suspeitas por parte de pais de alunos e clientela em geral quando se trata de um educador masculino presente em sala de aula. No período em que realizei o meu Ensino Infantil e Fundamental, lembro da ausência masculina no âmbito escolar, pois a presença do homem na composição docente da sala de aula era nula. O aparecimento masculino foi

somente na relação à disciplina de Educação Física, que realizávamos uma vez por semana.

Os preconceitos e problemáticas que envolvem o tema sobre a inserção masculina na sala de aula, puderam ser presenciados com uma grande assiduidade ao realizar a aplicação de um projeto produzido na universidade. O projeto foi construído em duplas e a pessoa que compunha a dupla para realizar o trabalho comigo, era do sexo masculino. Como eu fazia o estágio não obrigatório em um colégio particular, decidimos então elaborar a aplicação do projeto no mesmo, mas enfrentamos dificuldades, pois a coordenadora mostrou-se incomodada pelo fato de ter um homem compondo a dupla e ficou receosa com o posicionamento dos pais quanto à presença de um homem na sala de aula. Decidimos então realizar a aplicação em outro local, escolhemos uma escola pública onde não presenciamos nenhuma resistência quanto a composição escolar para efetuar a aplicação.

A participação de poucos homens da docência voltada para o Ensino Infantil e Fundamental reflete as discriminações e preconceitos estabelecidos pela sociedade, que interferem de forma direta no posicionamento da escola, que permanece como um dos lugares mais conservadores na qual a divisão rígida entre papéis e funções de cada sexo parece resistir aos apelos de renovação, principalmente quando relacionados à temática dessa inserção masculina.

Debates e conversas acerca de uma reformulação dessa concepção, de que o homem não é visto para atuar na docência em sala de aula, deve estar na formação acadêmica de futuros profissionais da educação, pois:

O pedagogo é o profissional que atua em várias instâncias da prática educativa, direta ou indiretamente ligadas à organização e aos processos de transmissão e assimilação ativa de saberes e modos de ação, tendo em vista objetivos de formação humana definidos em sua contextualização histórica. (LIBÂNEO, 1996, p. 127).

Assim, ressalto a importância e a relevância da atuação do pedagogo para formação de cidadãos democráticos, através de uma transmissão de concepções que reduzam preconceitos que se propagam por várias décadas. E a sua participação para construção de uma escola de caráter formador, moralizante e civilizadora. Uma vez que, por intermédio da construção e análise do contexto histórico atual, ainda se encontra uma pequena presença

masculina no ambiente escolar. Essa ausência é ainda mais perceptível quando se focaliza no ensino da Educação Infantil e Fundamental, pois ainda se tem o pensamento e a concepção de que apenas a mulher se adequa a condição de educadora pelo fato de que apresentaria características relacionadas ao cuidado e zelo.

A iniciativa da atuação do homem no Ensino Infantil e Fundamental ainda se encontra de forma tímida, presente em raros casos, como em disciplinas em que os professores não são titulares, interagindo apenas uma vez por semana com a determinada turma. Ainda se enfrenta um grande preconceito por parte do grupo escolar e dos pais para realizar essa inserção, pois o homem só é visto como educador quando o mesmo se estabelece no papel de “pai” presente no contexto familiar.

Na formação acadêmica, com relação ao curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, muitos ensinamentos voltam-se para a docência na sala de aula, mas são poucos os homens que conseguem de fato ter uma experiência em sala e pôr em prática esses ensinamentos aprendidos, direcionando então a sua docência para o Ensino Médio, Superior e outras áreas onde encontram mais oportunidades.

A presença masculina, no curso de Pedagogia nas Universidades Públicas, está muito associada à realidade ao qual o sujeito está presente, pois muitos homens optam pelo curso por apresentar-se como a única oportunidade para o ingresso de uma formação acadêmica, assim são poucos os que escolhem o curso por de fato ter uma vocação ou afinidade com o mesmo. Com relação às Faculdades Particulares, as motivações que levam os homens a optar pelo curso de Pedagogia encontram-se desconhecidas, pois é conhecido que o curso delimita as oportunidades para o público masculino, mas em meio a isso ainda se identifica uma procura por parte dos homens.

Assim, neste trabalho pretendeu-se compreender a seguinte questão: Por que os homens decidem ingressar no curso Superior de Pedagogia das Faculdades Particulares, se os mesmos possuem a consciência de que o curso se torna excludente e apresenta poucas oportunidades quando relacionado ao sexo masculino? Quais motivos levariam o homem a escolher a docência com crianças, após todo o processo de feminização do magistério, especialmente no Ensino Infantil e Fundamental e presente nos dias atuais?

A inserção masculina na docência com crianças é observada como algo inovador e que gera grande admiração, pois mobiliza uma diversidade de opiniões, atitudes e crenças em torno da aceitação ou recusa dessa docência. Um exemplo comum é a reação negativa de famílias ao se depararem com um homem lecionando em turmas do Ensino Infantil e Fundamental, portanto:

São evidentes os preconceitos e estigmas originários de ideias que veem a profissão como eminentemente feminina porque lida diretamente com os cuidados corporais de meninos e meninas. (...) os cuidados com o corpo foram atributos das mulheres, a proximidade entre um homem lidando com o corpo de meninos e/ou meninas de pouca idade provoca conflitos, dúvidas e questionamentos, estigmas e preconceitos. (SAYÃO, 2005, p.16).

Esse olhar negativo provém do medo de que aconteçam casos de pedofilia, algo presente em nossa realidade e muito difundido pela mídia, onde mostram uma ampla divulgação de casos envolvendo padres, médicos, educadores, artistas e outros. Diante dessa divulgação midiática, possíveis ações, que antes pareciam ser tão inofensivas, hoje podem ser interpretadas ou confundidas como nocivas às crianças. Atualmente até as próprias manifestações de afeto e interesse de homens por crianças é vista com certa desconfiança pela sociedade, portanto tende haver um convencimento por partes dos homens em mostrar que são pessoas de boa índole para assim serem aceitos.

Tornou-se habitual encontrarmos nas falas e nos pensamentos de muitas pessoas a ideia de que só os homens são abusadores, por possuírem uma sexualidade tida como incontrolável, quase “animalesca”, onde as mulheres no exercício da maternidade ou na função de cuidadoras de crianças parecem estar sempre acima de qualquer suspeita, mas nem sempre é verdade. As professoras podem até representar, também, algum tipo de ameaça, todavia, no momento de sua avaliação, interpreta-se que, por serem mulheres, são incapazes de abusar das crianças, pois trazem consigo a vocação para a maternidade e as mães, por sua natureza, protegem e cuidam de seus filhos pequenos e jamais cometeriam qualquer tipo de maldade contra crianças.

Portanto, homens que optam pela docência com crianças, dificilmente seguem carreira e a desistência está relacionado ao grande preconceito, arraigado a concepções que foram construídas historicamente pela sociedade,

e que nos mostra a força histórica que esses modos de pensar exercem sobre essa inserção. Contudo, é necessário compreendermos que o professor masculino tem a capacidade de se equiparar a mulher quanto a sua docência, e que o seu magistério pode ser aceito independente de fatores ligados ao sexo.

Por intermédio de pesquisas relacionadas ao tema sobre a inserção masculina no magistério, pude constatar o quão escasso são os trabalhos referentes a temática acerca da masculinidade em Belém do Pará. Estudos científicos nesta área são fundamentais para fomentar discussões e ampliar compreensões sobre a temática, especialmente no que diz respeito aos elementos que influenciam no processo de construção de identidades.

Durante a investigação deparei-me com um artigo onde Pimentel (2011) apresenta uma reflexão sobre masculinidade associada as matrizes moderna e pós-moderna, com indagações a respeito de como homens residentes em Belém do Pará, na faixa etária de 21 a 53 anos, definem masculinidade, modelos, aprendizagens, virilidade, afetividade e educação de meninos.

Os resultados foram coletados através de um site, criado para investigação on-line, onde os entrevistados respondiam questões abordadas como: O que define/caracteriza a masculinidade?, Quais modelos orientaram a formação da masculinidade?, Qual a importância do pênis para a virilidade?, Quais orientações para a educação e socialização de menino, considera importantes transmitir?.

A organização e análises dos dados coletados pela autora, foram realizados através de temáticas, onde na matriz moderna identificou-se uma premissa da propagação de uma série de papéis e traços representativos da condição masculina, da obrigatoriedade de provar ser o sexo forte, de cultivar mais do que nunca a sua masculinidade e a sua virilidade. Com relação à matriz pós-moderna identifica-se indícios de uma postura de ruptura através da busca de um caminho de equilíbrio entre os papéis de gênero, onde os homens redefinem a si mesmos como não mais um “macho”, onde a sua virilidade estaria intacta, mas sim como um novo homem que admite sua fraqueza, sua fragilidade, onde o corpo já não serve mais para impor uma condição masculina.

Em seu artigo, Pimentel (2011) também destaca que transitamos entre duas lógicas, a primeira está relacionada a permanência de uma educação masculina que desestimula a exteriorização de sentimentos, onde os meninos são cobrados a adequar-se a um ideal de masculinidade ligado à força e a agressividade, na qual jamais poderão demonstrar fraqueza ou vulnerabilidade. A segunda lógica, está relacionada a uma ruptura vivenciada por homens que buscam uma equidade de gênero para superar desigualdades socialmente construídas, com o objetivo de reescrever princípios novos para a construção dos processos de socialização de meninos e meninas.

Para que ocorra essa ruptura é necessário recorrer a uma atuação integrada entre a família, a escola e instituições que participam da formação vinculadas a afetividade, socialização e educação, pois para obtermos uma sociedade mais compreensiva com relação a temas sobre gênero, devemos partir de uma construção de um novo modelo de masculinidade, onde os homens possam ser livres para dar e receber afeto e cuidados, onde possam demonstrar fragilidade sem sofrer represálias.

Outro artigo encontrado durante a pesquisa é referente a um estudo sobre a compreensão da metrosssexualidade em Belém do Pará, no qual Moura et al (2014) indicou que o conceito de masculinidade construído historicamente, onde os cuidados exagerados ligados à aparência, que destinavam-se à figura feminina, ainda influencia o homem pós-moderno, porém, os benefícios de manter o perfil metrosssexual são mais significativos que os preconceitos sofridos.

Ainda sobre a metrosssexualidade, em sua tese de mestrado, Oliveira (2012) analisa a percepção dos sujeitos, residentes em Belém do Pará, sobre o modo de ser e de pensar do metrosssexual, a partir de personagens das telenovelas. Entende-se essas telenovelas como uma expressão cultural, que por ser um dos programas mais assistidos nos canais televisivos, exerce de certa forma uma influência na construção do ser humano e das masculinidades na contemporaneidade.

Mesmo que tenha focalizado no gênero masculino, Oliveira (2012) realizou as entrevistas com homens e mulheres, com a finalidade de perceber possíveis diferenças e aproximações em suas percepções acerca da metrosssexualidade. Para a entrevista, foram realizadas perguntas sobre: qual a

frequência que os entrevistados assistiam as telenovelas, que personagens na opinião deles chamavam mais atenção, como eles viam os personagens masculinos e o que era para eles ser metrosssexual.

É possível perceber que os homens, a cada dia, externalizam mais e mais sua vaidade, portanto o metrosssexual apesar de algumas resistências, está cada vez mais visível na sociedade, onde é visto inicialmente como um tipo de homem que vai de encontro com os ditames da masculinidade hegemônica, que acredita que os homens não devem ter grandes preocupações com a aparência. Dessa forma, faz-se necessário a compreensão de que a questão de a pessoa ser hetero, homo ou bissexual não a impede de ser metrosssexual.

A construção da identidade masculina, diante a afirmações, crises e desdobramentos, é analisada concomitantemente aos processos sociais, econômicos e políticos, que caracterizam a sociedade pós-moderna na (des) construção da identidade dos seus indivíduos. Hoje, diante das transformações da pós-modernidade, é necessário pensar nas diferentes configurações de identidade de gênero que se fazem presentes, pois elas apresentam-se como polissêmicas.

Portanto, com a realização deste trabalho, visou-se trazer uma contribuição acadêmica acerca do ingresso masculino no curso de Pedagogia, visto que as pesquisas sobre essa temática, quando voltadas para a cidade de Belém, encontram-se de forma escassa. Com isso, objetivo geral da investigação foi compreender a opção de estudantes homens de Instituições de Ensino Superior Particulares pelo curso de Pedagogia. E teve como objetivos, específicos delinear suas percepções sobre a composição predominantemente feminina no curso de Pedagogia, analisar como ocorreu a trajetória para a realização do processo de escolha do curso e identificar qual o posicionamento dos sujeitos diante da profissão professor de crianças.

I- METODOLOGIA.

1.1. Tipo de estudo

Neste estudo tive como fundamento a abordagem qualitativa, onde tenho como objetivo compreender, através de descrições e observações, como se efetivou o ingresso desses homens no curso de Pedagogia, partindo de um enfoque no conhecimento fenomenológico relacionados ao meu objeto de pesquisa.

Segundo Denzin e Lincoln (2006), a abordagem qualitativa envolve uma análise interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, baseados em um caráter exploratório, onde levam em consideração as particularidades do objeto estudado.

Assim, a pesquisa qualitativa visa a compreensão ampla do fenômeno através do contato direto entre o pesquisador e o sujeito, pois, dessa forma, o pesquisador buscará compreender o fenômeno a partir das perspectivas dos sujeitos. E a melhor forma para se captar essas perspectivas, é a partir da possibilidade do pesquisador "colocar-se no papel do outro", vendo o mundo através dos significados que cada pessoa atribui às coisas e à sua vida. Para essa compreensão ampla, considera-se que todos os dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos são importantes, pois compõem a realidade e o contexto estudado. Portanto:

Os estudos qualitativos têm como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural. Nessa abordagem valoriza-se o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo estudada. (GODOY, 1995, p. 62).

Os métodos qualitativos contribuem para o trabalho de pesquisa ao trazer uma mistura de procedimentos de cunho racional e intuitivo, que são capazes de contribuir para um melhor entendimento do fenômeno, através do reconhecimento e da análise da perspectiva do sujeito. Tem por objetivo diminuir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dado, entre contexto e ação. Por meio desses métodos, o pesquisador poderá ter clareza a respeito de sua pesquisa como parte de um processo de conhecimento. Assim:

A pesquisa qualitativa recobre, hoje, um campo transdisciplinar, envolvendo as ciências humanas e sociais, assumindo tradições ou multiparadigmas de análise, onde adotam multimétodos de

investigação para o estudo e um fenômeno situado no local em que ocorre, e enfim, procurando tanto encontrar o sentido desse fenômeno quanto interpretar os significados que as pessoas dão a eles. (CHIZZOTTI, 2003, p. 221).

Segundo Neves (1996, p. 1) “o desenvolvimento de um estudo de pesquisa qualitativa supõe um corte temporal-espacial de determinado fenômeno por parte do pesquisador”. Esse corte irá definir o campo e a dimensão em que o trabalho será desenvolvido, ou seja, a realidade ao qual o sujeito está inserido. Portanto, esse tipo de abordagem relaciona-se com a minha pesquisa quando busquei compreender através de análises o meu objeto de pesquisa, isto é, o homem, e a realidade ao qual ele está inserido, ou seja, o curso de Pedagogia das Instituições de Ensino Superior Privadas, e como se mobiliza uma variedade de opiniões, atitudes e crenças em torno da aceitação ou recusa da ideia de que o magistério possa ser frequentado por homens.

A vertente da pesquisa qualitativa, com os fundamentos dados pela Fenomenologia, tem encontrado uma reflexão nas investigações por ser um modo profundo de romper com a hegemonia das concepções clássicas. (GARNICA, 1997). Deste modo, a Fenomenologia busca desvendar o fenômeno a partir da compreensão do nosso viver, através da totalidade do mundo vivido.

Ao direcionar as suas interrogações, o pesquisador busca absorver os aspectos do fenômeno, por meio das descrições dos sujeitos, pois, o fenômeno se manifesta sob diferentes perspectivas. Assim, a descrição “é um protocolo que se limita a descrever o visto, o sentido, a experiência como vivida pelo sujeito.” (BICUDO, 2000, p. 77). Portanto, a Fenomenologia trabalha, analisando e interpretando os dados descritivos fornecidos pelos sujeitos, logo:

No texto fenomenológico, a interrogação de onde parte o pesquisador é de suma importância, pois indicará o caminho a ser percorrido pela pesquisa, definindo procedimentos e sujeitos e apontando a direção da hermenêutica. Em Fenomenologia trabalha-se com todo o texto da descrição dos sujeitos. Esse texto é importante em sua totalidade, pois relata o percebido, no fundo onde a percepção se dá. As descrições podem ser lidas e relidas diversas vezes, até passarem a fazer sentido à luz da interrogação formulada pelo pesquisador. (ROJAS; BARUKI; SOUZA, 2012, p. 5).

Para que o pesquisador compreenda o fenômeno estudado, é importante que as experiências sejam revividas e recriadas. E para atingir essa

compreensão, faz-se necessário que o pesquisador assuma um papel de imparcialidade, para que se estabeleça uma escuta atenta para as descrições dos sujeitos, e assim estabelecer novas interpretações ao fenômeno. Portanto, "a relação entre o mundo e os textos deve ser um constante movimento de ir e vir, para que se evite um único entendimento do contexto." (ROJAS; BARUKI; SOUZA, 2012, p. 3).

Na Fenomenologia, segundo Rojas, Baruki e Souza (2012), a análise ideográfica é o momento ao qual se depara o mundo do investigador e do investigado. Nessa fase, o investigador esclarece a fala do investigado através dos recursos fenomenológico, para obter assim um discurso que corresponde às unidades de modo mais esclarecedor. E a análise nomotética, apresenta os aspectos mais importantes do fenômeno estudado, pois indica as convergências que embasam a estrutura geral e as divergências nas reações individuais ao fenômeno, que representam os resultados de toda ação do investigador. Assim, à Fenomenologia pode se atribuir a uma dimensão profundamente pedagógica, com características de constante aprendizado e construção da própria história, pois:

A fenomenologia basicamente se guia pelos caminhos da experiência, e assim sugere uma tomada reflexiva da vivência, abrindo possibilidades de observar as coisas como elas se manifestam. Trazendo à consciência novos olhares, para permitir um redimensionamento dos fazeres. Ao tratarmos das práticas educativas, evidenciamos a necessidade de buscar um olhar intencional que possa nos desvelar formas diferenciadas no fazer pedagógico. Compreendendo que em todo processo somos sujeitos, e estamos em constante elo com o outro no movimento das mudanças e transformações dialeticamente intenso. (ROJAS, 2006, p. 3).

Portanto, a partir de um enfoque fenomenológico busquei entender, de forma descritiva, os modos de relacionamento estabelecidos entre este homem presente no curso de Pedagogia e o ambiente que em se estabeleceu o seu ingresso, os modos ao qual esse homem convive e enfrenta a realidade, e as maneiras que essa realidade se mostra a ele.

1.2. Local

O trabalho foi desenvolvido em duas Instituições de Ensino Superior Privadas de Belém, com estudantes homens matriculados em turmas, de diferentes semestres, do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. A

primeira, denominada de IES x, é considerada de grande porte e apresenta um amplo prestígio social e acadêmico, assim, o estudo foi desenvolvido no pólo localizado na Alcindo Cacela. A segunda, denominada de IES y, é considerada de médio porte e localizada no bairro de Nazaré.

O fator de escolha do *locus* da pesquisa foi referente ao valor dos cursos. Pois, em meio as pesquisas sobre o valor das mensalidades, com relação as Instituições presentes em Belém que ofertam o curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, a IES x foi a que apresentou um valor mais elevado. Enquanto que a IES y apresenta uma das mensalidades mais acessíveis ao público. Diante desses valores determinados para o curso de Pedagogia, as duas Instituições escolhidas também ofertam cursos com os mesmos valores que possivelmente oferecem maiores oportunidades para os homens, porém, os mesmos ainda sim optam pela Pedagogia.

1.3. Fontes

Para enriquecer o meu trabalho considerarei como fonte de dados orais quatro estudantes homens na faixa etária de 20 a 30 anos, que frequentam o curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, no 4º e 6º semestre, nos turnos vespertino e noturno, e um aluno homem concluinte. Esses estudantes homens foram distribuídos em dois *locus* de pesquisa, ou seja, duas IES Privadas. Assim, realizou-se a entrevista com dois estudantes homens matriculados na IES x, e três matriculados na IES y. E como dados textuais, utilizei livros, artigos, periódicos, bibliografias, de autores que analisam temas e assuntos afeitos a esta pesquisa.

1.4. Coleta de dados

A coleta de dados é o ato de pesquisar, juntar documentos e provas, procurar informações sobre um determinado tema ou conjunto de temas correlacionados e agrupá-las de forma a facilitar uma posterior análise. E para coletar esses dados utilizei como instrumento a entrevista narrativa, com o objetivo de propor uma análise mais detalhada, para assim enriquecer a pesquisa. Portanto, fiquei frente a frente com o entrevistado, para uma melhor obtenção de informações acerca da pesquisa, onde busquei compreender a trajetória dos sujeitos para assim ingressar em uma faculdade particular, quais

motivos o levaram a efetivar o seu ingresso, e quais as possíveis dificuldades enfrentadas. Dessa forma, a entrevista foi gravada com ciência do entrevistado.

Segundo Jovchelovitch e Bauer (2002, p. 90), "o estudo de narrativas conquistou uma nova importância nos últimos anos", devido a uma crescente consciência sobre o papel que o contar histórias desempenha para compor o fenômeno social. Dessa forma, as entrevistas narrativas são usadas como uma técnica específica de coleta de dados no formato sistematizados por Fritz Schütze.

Assim, as narrativas vão muito além de um método de investigação, pois se caracterizam como ferramentas não estruturadas que visam a profundidade de pontos de vistas específicos, a partir da construção de uma história de vida, desenvolvida por algum sujeito, possuindo um detalhamento nos acontecimentos e nas ações. Portanto:

As narrativas são infinitas em sua variedade, e nós as encontramos em todo lugar. Parece existir em todas as formas de vida humana uma necessidade de contar; contar histórias é uma forma elementar de comunicação humana e, independentemente do desempenho da linguagem estratificada, é uma capacidade universal. (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p. 91).

As narrativas podem ser um dos instrumentos que melhor proporcione uma coleta de informações, uma vez que mostrará ao investigador situações e explicações sobre o sujeito estudado, através de relatos sobre algum acontecimento de sua vida e do contexto social, pois os sujeitos "interpretam o mundo a partir de uma dada perspectiva, de determinados interesses, motivações, desejos, entre outros". (WELLER; ZARDO, 2013, p. 132). Os relatos emergem a partir da interação entre entrevistador e entrevistado, assim atribui uma importância fundamental aos depoimentos dos atores sociais envolvidos, uma vez que estimei os entrevistados a pensar e a expressar-se livremente sobre o assunto em questão, para que possibilite uma vivência da realidade por meio de discussões e análises, e assim estabelecer uma relação entre a teoria e a prática.

Para uma melhor compreensão, as entrevistas narrativas são ordenadas em etapas, que correspondem a iniciação de uma pergunta narrativa de forma a abordar toda trajetória de vida do sujeito. Dessa forma, a narração "é então eliciada na base de provocações específicas e, uma vez que o informante

tenha começado, o contar histórias ira sustentar o fluxo da narração". (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p. 94). Assim, um contexto é dado; os acontecimentos são relatados em sequências e terminam em ponto definido.

O contar histórias, segundo Jovchelovitch e Bauer (2002), divide-se em duas dimensões, a cronológica, referente a uma narrativa através de sequências de episódios, e a não cronológica, que se relaciona a uma construção de um todo a partir e sucessivos fatos, ou enredos. Os enredos são fundamentais para estruturar uma narrativa, pois são através deles, que as unidades individuais adquirem sentido e coerência. Assim, primeiramente o enredo define o espaço de tempo que estabelece o início e o fim da história, em segundo lugar fornece critérios para selecionar os acontecimentos.

Para obtenção das entrevistas narrativas, organiza-se de maneira estruturada, um processo dividido em quatro fases, como apresentado no quadro abaixo:

Tabela 1- Fases principais da entrevista narrativa

Fases da Entrevista Narrativa	Regras para entrevista
Preparação	Exploração do campo. Formulação de questões <i>exmanentes</i> .
1. Iniciação	Formulação do tópico inicial para narração. Emprego de auxílios visuais (opcional).
2. Narração Central	Não interromper. Somente encorajamento não verbal ou paralinguístico para continuar a Narração. Esperar para sinais de finalização ("coda").
3. Fase de Perguntas	Somente "Que aconteceu então?". Não dar opiniões ou fazer perguntas sobre atitudes. Não discutir sobre contradições. Não fazer perguntas do tipo "por quê?" Ir de perguntas <i>exmanentes</i> para Imanentes.
4. Fala Conclusiva	Parar de gravar. São permitidas perguntas do tipo "por quê?" Fazer anotações imediatamente depois da entrevista.

Fonte: JOVCHELOVITCH; BAUER (2002).

Ao iniciar a preparação da entrevista, o pesquisador, primeiramente, necessita criar familiaridade com o campo de estudo, por intermédio de uma investigação preliminar, através de documentos e relatos informais, relacionados ao objeto que será estudado. Desse modo, o pesquisador irá elaborar uma lista de perguntas exmanentes, as quais refletem os interesses a serem pesquisados. Assim:

O ponto crucial da tarefa é *traduzir questões exmanentes em questões imanentes*, ancorando questões exmanentes na narração, e fazendo uso exclusivamente da própria linguagem do entrevistado. No decurso da entrevista, a atenção do entrevistador deve estar focada em questões imanentes, no trabalho de tomar anotações da linguagem empregada, e em preparar perguntas para serem feitas posteriormente, em tempo adequado. (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p. 97-98).

As questões exmanentes são referentes às questões da pesquisa ou do interesse do pesquisador, que surgem através do aprofundamento no tema pesquisado ou na exploração do campo, e as questões imanentes, são tópicos e relatos traduzidos pelos sujeitos, que surgem durante a narração. (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002). Assim, as questões exmanentes e imanentes podem ou não coincidir uma com a outra.

Segundo Jovchelovitch e Bauer (2002), após a preparação da entrevista, institui-se a fase da Iniciação, correspondente a investigação e explicação, em termos amplos, sobre o contexto para o entrevistado, ao qual deve-se pedir a ele a permissão para se gravar a entrevista. A segunda fase corresponde a Narração Central, na qual inicia-se a narração, onde não pode haver interrupções até que haja uma indicação ("coda"), que significa que o entrevistado terminou sua história. Nessa fase o entrevistador pode tomar notas ocasionais, com finalidade de realizar, por conseguinte, perguntas referentes as suas anotações.

A terceira fase é referente ao Questionamento, na qual a narração chega a um fim "natural", e o entrevistador inicia os seus questionamentos. Este é o momento em que as questões exmanentes do entrevistador são traduzidas em imanentes para completar as lacunas da história. A quarta fase é relativa a Fala Conclusiva, que corresponde ao final da entrevista, onde, muitas vezes após o gravador ser desligado, acontecem discussões interessantes na forma de

comentários, ao qual devem ser tomadas a partir de anotações pelo entrevistador.

Após a entrevista, o pesquisador inicia a sua análise das entrevistas gravadas, através da conversão dos dados em transcrições, as quais são utilizadas para se ter uma melhor apresentação do material, pois propicia um fluxo de ideias para assim interpretar-se o texto. Dessa forma:

Para analisar o material recomenda-se reduzir o texto gradativamente, operando-se com condensação de sentido e generalização, divide-se o conteúdo em três colunas, na primeira fica a transcrição, na segunda coluna a primeira redução e na terceira apenas as palavras-chave. (MUYLAERT et al, 2014, p. 196).

Após o levantamento do material investigado, o estudo seguiu distribuído em 5 fases diferentes, as quais foram examinadas separadamente. A primeira fase é referente à pesquisa bibliográfica, onde busquei o conhecimento teórico relacionado à contextualização do objeto pesquisado, ao estudo da historicidade sobre a iniciação da docência, até os dias atuais, focalizando o ambiente escolar no Brasil, e assim investiguei a construção de um perfil estabelecido pela sociedade para atuar na docência.

A segunda fase é referente a investigação sobre o espaço ao qual o homem está inserido, através da compreensão sobre as Instituições de Ensino Superior Privadas e a questão da Masculinidade.

A terceira fase foi a realização das entrevistas, que investiguei como se configurou o ingresso desses homens no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, quais caminhos percorreram para se concretizar essa integração.

A quarta fase foi relativa à análise dos dados, que buscou uma análise das percepções e opiniões por parte dos sujeitos, acerca dos homens que escolheram para sua formação acadêmica o curso de Pedagogia nas IES Privadas, em Belém.

A quinta fase foi referente à importância do tema para a sociedade, com o intuito de trazer discussões acerca de uma reformulação de concepções construídas historicamente.

1.5. Aspectos Éticos

O trabalho foi realizado de forma acadêmica e profissional, onde garanti e respeitei os direitos dos integrantes que se dispuseram a serem entrevistados

para minha pesquisa. Para os que não concordaram com a entrevista, aceitei a sentença de não participação dessas pessoas. Com isso a entrevista se desenvolveu sem constrangimentos ou danos aos objetos investigados.

II- MASCULINIDADE, EDUCAÇÃO E UNIVERSIDADE.

Atualmente, questiona-se a presença de um homem universal e o "agir como homem" varia de acordo com o contexto histórico, social e cultural. A masculinidade se define como o conjunto de atributos, valores, comportamentos e condutas que são características de homens de uma determinada sociedade. E, para compreendermos as mudanças e transformações ocorridas com relação às possibilidades de representação da masculinidade, Almeida (2000) destaca, que se faz necessário uma análise, a partir de quatro vetores vigorosamente atuantes no contexto das modificações identitárias do gênero masculino.

O primeiro vetor é referente a sexualidade e ao erotismo, o segundo a afetividade ou emocionalidade, o terceiro a corporalidade de gênero e, o quarto, relativo a sociabilidade masculina. Esses quatro vetores, segundo Almeida (2000, p. 31), "compõem ao mesmo tempo dimensões representacionais (simbolismo, estereótipos, significados, valores e sentidos que podem ser particulares e também universais)".

As análises referentes as transformações sobre as formas de representação da masculinidade, indicam que se situam no contexto atual de crise, como um reflexo do movimento feminista e configurado a partir de um conflito identitário vivenciado pelo homem. Por consequência, fez-se necessário a criação de um "novo homem", ocasionada pela não identificação com os modelos identitários hegemônicos existentes, onde já não descreviam mais a sua nova condição masculina. Portanto:

Fala-se, e muito, do verdadeiro significado do que é ser homem na contemporaneidade, talvez como resultado de sua inserção na cultura à qual pertence, onde, por conseguinte, precisa moldar-se sustentando ou criticando, aderindo ou rejeitando, integrando-se ou afastando-se, obedecendo ou resistindo às regras impostas pela cultura e definidas como normas, conformando características, comportamentos e papéis que não necessariamente sejam aqueles que condizem com aquilo que ele almeja para si enquanto traços identificatórios. (SILVA, 2006, p.120).

As tensões que surgem entre a manutenção do poder do macho nas relações íntimas entre os gêneros e a possibilidade de se ver contemplam a associação entre sexo e afetividade e um relacionamento igualitário com a parceira amorosa, têm sido um dos momentos para se falar de uma crise masculina. (GOMES, 2003, p. 827).

Como resultado para essa crise da masculinidade, foram desenvolvidos estudos masculinistas, ou *men's studies*, com o objetivo de propor soluções para esse quadro. Portanto entende-se como literatura masculinista "aquela que desconstruiu uma identidade masculina baseada nos ideais de masculinidade oitocentista, tradicional, e que viu na pluralidade do gênero uma espécie de "feminização" do masculino" (SILVA, 2006, p.120).

O conflito identitário da crise da masculinidade, constituiu-se a partir de dois momentos distintos, o primeiro refere-se a tentativa de se manter um modelo de identidade de gênero hegemônico e, ao mesmo tempo pluralista, ocasionando um conflito entre os modelos tradicionais e os modelos modernos de masculinidade. O segundo refere-se a impossibilidade de sustentar essa hegemonia relacionadas às subjetividades da maioria dos homens.

A questão da masculinidade hegemônica foi conceituada por Robert Connell em seu estudo "*Maculinities*", onde a masculinidade hegemônica representa a estrutura de poder das relações sexuais, buscando excluir qualquer variação de comportamento masculino que não se adapte a seus preceitos (CONNELL, 1995). A masculinidade hegemônica é uma configuração de gênero que contém uma explicação para o problema da legitimidade do patriarcado, que garante a posição de dominação dos homens e a subordinação das mulheres. Portanto:

A masculinidade hegemônica foi entendida como um padrão de práticas (...) que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse. (...) Ela incorpora a forma mais honrada de ser homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens. (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245).

Tal conceito é exemplificado por determinados grupos masculinos cujas representações e práticas instituem-se como referência social para ser considerado homem. Dessa forma, esses homens que se utilizam desse tipo de masculinidade, possuem características como ser autônomos, independentes, ativos, produtivos, heterossexuais, com relação a família são os provedores da renda, e com um amplo controle de suas emoções. Portanto:

a identidade masculina não é apenas uma maneira de viver a sexualidade e de construir o relato de si mesmo, mas também o símbolo de um sistema de hierarquias sociais no qual, a partir de uma configuração de masculinidade hegemônica, alguns homens podem exercer poder sobre outros homens e sobre as mulheres. Assim, a

masculinidade hegemônica, num determinado contexto, não está simbolicamente associada apenas ao poder e à autoridade, mas a modelos ou paradigmas identitários institucionais, pessoais e profissionais (...). (SABOYA; CARVALHO, 2007, p. 77).

Quando analisamos os contextos históricos, observamos que essa dominação e superioridade masculina relacionadas ao patriarcado, nem sempre foi existente, sendo criada por determinados fatores e para compreendermos a nossa realidade atual, faz-se necessário uma investigação quanto a construção dessas representações da identidade masculina, pelo viés dos fatores que as influenciaram.

Segundo Alambert (2004, p.27), no período da Pré-História "não havia uma superioridade cultural entre homens e mulheres, portanto a desigualdade era desconhecida". Nessa época, a agricultura era a principal atividade de subsistência, e pelo fato da mulher ser, em termos biológicos, a geradora da vida, acreditava-se que ela detinha uma espécie de poder mágico relacionado a fertilidade, portanto, a mulher também era responsável pelo trabalho na agricultura.

Saffioti (2004) afirma que uma das bases do capitalismo é o patriarcado e, demonstra que este teve seu início devido a substituição dos instrumentos utilizados pela mulher na agricultura, por outros que necessitavam de tração animal e da força do homem. Nesse contexto, percebeu-se a necessidade de formar famílias grandes, compostas por muitos filhos, pois quanto mais pessoas a família possuísse, maior seria a mão-de-obra para o cultivo. Desse modo, exigia-se uma preferência por ter filhos homens, que significava ter mais braços fortes para cultivar e colher.

Com essas modificações compreendeu-se a importância do homem para o processo reprodutivo, pois acreditava-se que o útero da mulher seria como uma terra fértil, propícia para germinação, e o homem seria o portador da semente que germinaria a vida (JANUÁRIO, 2016). Com essa interpretação, desfez-se o vínculo das mulheres enquanto portadoras de poderes atribuídos a reprodução, e pôs o homem na centralidade como detentor da fonte da vida. Dessa forma, foi estabelecido uma superioridade do homem diante da mulher, onde para os homens couberam grandes realizações relacionadas ao poder, enquanto que para as mulheres destinava-se o mundo privado, direcionado a casa e ao casamento (BERALDO; TRINDADE, 2016).

Por conseguinte, no período do século III a.C até o início do século XIX, segundo Silva (2006), o modelo ideal de perfeição humana estava caracterizado na anatomia masculina, onde o padrão fálico distinguia a superioridade do homem diante da inferioridade da mulher, ao qual era idealizada como um homem invertido, onde a vagina era vista como "um pênis interno, os lábios como o prepúcio, o útero como o escroto e os ovários como os testículos" (LAQUEUR, 2001, p.16). Assim, a anatomia difere e divide o ser humano em dois tipos físicos, e essa diferenciação e divisão são referentes a sua genitália e ao seu corpo, o último torna-se parte da constituição da identidade sexual e de gênero do sujeito. Por isso:

A identidade de gênero e sexual são processos complexos, impostos ora por nossos pais e amigos, e cobrados direta ou indiretamente pela sociedade em que vivemos, conjurando a heterossexualidade como modelo normativo único e constitutivo das subjetividades da maioria dos homens. (SILVA, 2006, p.122).

Portanto, a ideia básica da diferença entre sexo e gênero é que, o primeiro se refere ao fisiológico, enquanto que, o segundo, é uma construção cultural sobre a base biológica. Então o indivíduo nasce macho ou fêmea e se torna, num processo de socialização, homem e mulher. Deste modo, a diferença dos sexos passou a instituir a diferença de gênero masculino e feminino, criando-se uma identidade de gênero (SAPAROLLI, 1997).

Entende-se a identidade de gênero como o conjunto de traços construídos culturalmente, que permeiam todas as experiências humanas e as relações sociais, associadas às atribuições que cada sociedade impõe ao homem ou à mulher. Assim, com a modificação do pensamento baseado na metafísica da hierarquia, para o pensamento de uma anatomia e fisiologia incomensuráveis, a mulher, que antes era considerada um homem invertido, passa a ser o inverso do homem, estabelecendo, dessa forma, o início do estado de declínio masculino (SILVA, 2006).

Sobre a ameaça de serem comparados com a figura da mulher, os homens vitorianos realizam uma ruptura na valorização de ideias perfeccionistas masculinas da sociedade, tanto em sua concepção ideológica como nas articulações das relações sociais (SILVA, 2006). O modelo e comportamento masculino deveria ser pautado pela agressividade, competitividade, buscando o sucesso e o poder, enquanto que a visão

elaborada para o feminino, deveria ser de pleno contraste, baseado na suavidade, na expressão das emoções e na dependência. Desse modo, durante o século XIX, ser homem significava não ser mulher, e em hipótese alguma ser homossexual, por consequência:

Exemplos de personagens másculos ecoavam através da produção artística vitoriana, representada, sobretudo, na literatura, pintura e escultura da época. Nos círculos de amizade, ressaltavam-se com eloquência quem representava o mais perfeito ideal de beleza masculina, bem como o ideal de virilidade. (SILVA, 2006, p. 125).

Diante desses exemplos, os ideais tradicionais de masculinidade são representados pelo dado anátomo-fisiológico e também pelos aspectos psicológicos, que de maneira hierárquica estabeleceram e mantiveram esses modelos tradicionais de relações de gênero, onde posicionavam as mulheres no papel de frágil e submissa, e os homens de sexo forte, dominador e viril. Nesse contexto:

A formação da identidade masculina que poderíamos chamar de "tradicional" é curiosamente construída, em grande medida, a partir de negações, e não de afirmações. Desde menino, o homem aprende o que *não* deve ser, em detrimento o que *deve ser*. A definição da masculinidade como "tudo o que não é feminino" é bastante verdadeira. Assim, "homem que é homem" *não* chora, *não* expressa seus sentimentos (e se quer aprende a nomeá-los), *não* é fraco, *não* gosta de coisas femininas, *não* é homossexual e tantos outros inumeráveis exemplos dessa negação (...). (BERALDO; TRINDADE, 2016, p. 62).

Com o advento da segunda onda do movimento feminista, ocorrida no final da década de 60, criticou-se a base secular tradicional de estrutura do poder masculino. O movimento protagonizou uma ruptura na ideologia feminina, onde as mulheres mostraram ser ativas, independentes, escolarizadas, que reivindicavam por seus direitos e expressavam sua rejeição ao controle da sociedade patriarcal, muito diferente daquela visão de mulher meiga, doce, passível e frágil. Nesse sentido:

as profundas mudanças estabelecidas na sociedade pelos movimentos sociais, entre os quais o feminismo, abalou os vínculos tradicionais estabelecidos entre indivíduos e grupos, "desestabilizando" valores e crenças estruturadas ao longo dos anos na sociedade ocidental.

A família nuclear sofreu transformações profundas na sua estrutura à medida que as mulheres começaram a aceder ao mercado de trabalho e lutaram por seu direito de cidadania, denunciando as múltiplas formas de dominação masculina (...). (JANUÁRIO, 2016, p. 72).

A emancipação feminina modificou e inverteu os valores sociais tradicionais e pôs em ameaça o papel do homem. Dessa forma, a sua identidade de macho dominador e a sua posição de poder hegemônico foram postos em questão. Contudo, ao criticarem essa base tradicional, contribuíram para que houvesse um abalo na identidade dominante masculina, que ocasionou uma busca, por parte de alguns homens, para encontrar um modelo que melhor definisse suas subjetividades. Desse modo, é importante dizer que o feminismo possibilitou conhecer os primeiros tipos de masculinidade, e “muitas destas correntes que legitimam o feminismo, são destacadas a opressão do feminino e o privilégio masculino, assim como o repúdio do machismo”. (JANUÁRIO, 2016, p. 108).

Buscou-se, portanto, a criação de um modelo de masculinidade que se aproximasse ao de feminilidade, onde grande parte das características da masculinidade hegemônica estariam ausentes. Assim:

O modelo de masculinidade para o novo homem estaria baseado na capacidade e possibilidade desse homem demonstrar seus sentimentos, de poder amar e se emocionar publicamente sem constrangimento, além de sensibilidade ao invés de agressividade, junto à capacidade de executar tarefas domésticas, maior participação na educação dos filhos, exercício de profissões antes consideradas femininas, admitindo inclusive ganhar menos do que sua companheira. No campo da sexualidade, a possibilidade de falhas no intercuro sexual seria compreensível, e, ao invés de dominador, o homem já admitia ser dominado, ao invés de ativo, ser passivo. Identidades sexuais alternativas, como a homossexual, a bissexual e a transsexual, fariam parte das subjetividades masculinas contemporâneas. Finalmente, o machismo estaria disposto e as relações entre homens e mulheres tenderiam a melhorar. (SILVA, 2006, p. 126-127).

Muitos homens adotaram esse novo modelo de masculinidade, pois sentiam-se insatisfeitos em relação aos padrões de comportamento masculino determinados pela sociedade. Consideravam, um pesado fardo ser homem pelo viés das regras do modelo tradicional, onde eram pressionados a agir conforme a masculinidade hegemônica, para assim enquadrar-se na imagem do "macho", do verdadeiro homem. Diante da procura para um reposicionamento da sua condição masculina e através da reestruturação da sua subjetividade, o homem tem contribuído para o surgimento de uma nova masculinidade ou mesmo novas masculinidades. Dessa forma:

A imagem do homem no passado estava associada à força, dominação e sustentação da família. Já as mulheres, uma vez

consideradas frágeis e dóceis, eram responsáveis pelos cuidados com o ambiente doméstico e os filhos. Com base nessa construção, a feminilidade era subvalorizada, e a masculinidade, supervalorizada. Com a pós-modernidade, porém, as identidades de gênero hibridizam-se, a exemplo de homens que podem assumir sua sensibilidade ao chorar e mulheres que podem ocupar espaços na vida profissional e chefiar suas famílias, não mais se limitando à esfera produtiva (OLIVEIRA; LEÃO, 2012, p. 267).

A inserção das novas masculinidades que fogem aos padrões da representação simbólica tradicional podem ser expressas através das transformações ocorridas nos planos da sexualidade, do afeto e do corpo. Mas como romper com uma masculinidade hegemônica, firmada no patriarcado, que defendia a submissão da mulher perante o homem, e tão arraigada aos padrões defendidos pela sociedade do que representava ser o verdadeiro homem?

2.1- Família

Na contemporaneidade o modelo masculino patriarcal é mais amplamente questionado, em razão das transformações políticas, econômicas e sociais, pois vivenciamos um cenário de estímulo às pluralidades, no lugar dos padrões rígidos e tradicionais. Porém, apesar de ter ocorrido grandes modificações na questão do "ser homem", ainda identificamos a força que a masculinidade hegemônica exerce na sociedade através da cultura. Assim, para o homem a norma social construída é "comportar-se como o modelo histórico e social definido pela maioria e enquadrar-se nele, dirigindo a sua sexualidade para o sexo oposto ao seu" (SILVA, 2006, p. 124). E para os homens que adotam modelos contrários a essa norma social, a identidade é interpretada como um desvio da normalidade, vindo o sujeito a sofrer psicologicamente por discriminações, pois:

Numa sociedade demarcada por padrões universais na qual o homem, caucasiano, heterossexual, com destaque social e financeiro marca o padrão universal, a mulher é, conseqüentemente, definida com o segundo sexo, frágil, submissa. Já os homossexuais são 'doentes', anormais e desviantes (...). (JANUÁRIO, 2016, p.37).

O modelo tradicional masculino requer do homem frieza, insensibilidade, altivez, opressão, poder, força, virilidade, enfim, o que representa superioridade física e intelectual. Desde cedo são educados, inclusive pelas mulheres, para se tornarem agressivos, competitivos, provedores e intolerantes com a manifestação de sentimentos e emoções. Há certo temor de serem rotulados como "fracos", caso manifestem algum comportamento que lembre o campo emotivo feminino. (SANTOS, 2010, p. 62).

Algumas concepções desse modelo tradicional se modificaram, mas ainda encontramos fortes resquícios do patriarcado. Como exemplos destes resquícios, observamos que, para algumas pessoas, a passagem das meninas para a feminilidade se dá de maneira natural, sendo marcada pela primeira menstruação, sem a necessidade de provas quanto a sua feminilidade, quando na verdade essa “naturalidade” não existe, é uma visão imposta pela cultura patriarcal.

Ao contrário dos meninos, que são incentivados de forma extemporânea a manifestar sua virilidade, muitas vezes iniciando sua vida sexual precocemente. Essa iniciação, outrora, era incentivada pelo pai, através de idas a bordéis e a casas de prostituição, no Brasil colônia com as escravas ou em outros tempos com empregadas domésticas

Independente da sua criação, todo menino passa por um longo período de aprendizagem sobre o que se espera dele como representante do sexo masculino. Para construir essa masculinidade, primeiramente deve garantir-se que o menino seja "macho", para então ser "homem de verdade", desse modo, o mesmo deve ajustar-se a parâmetros preestabelecidos. Essa "cobrança" pode originar-se tanto no convívio familiar, como na sociedade através dos ideais culturais, que definem os papéis, prescrevem os estereótipos e ditam as normas de comportamento, que são apresentados ao menino e que se constituem necessários para socialização do mesmo.

Verificamos que ao longo dos anos delineou-se a exigência de uma reafirmação constante da virilidade, fabricada de acordo com o referencial idealizado do ser homem. Essa reafirmação da virilidade era realizada por meio da masculinidade, onde os meninos cresciam compreendendo que deveriam ser fortes, independentes e com uma elevada condição financeira, para assim promover o conforto de sua futura família. Ao passo que, o desenvolvimento das habilidades domésticas e emocionais ficariam a cargo das meninas. Portanto, a questão da construção da masculinidade encontra-se inserida num contexto social, no qual novas representações poderão ser acrescentadas, enquanto outras serão reforçadas ou eliminadas. Assim:

os desempenhos profissional e sexual tornaram-se as principais referências para a construção do ideal de comportamento masculino e, dessa forma, limitaram as possibilidades de realização existencial de um homem à esfera do trabalho, ao acúmulo de dinheiro e de

patrimônio, ao desenvolvimento intelectual voltado principalmente para o aprimoramento profissional, e a uma vida sexual tão intensa quanto possível. Um desempenho profissional ou sexual pouco satisfatório constitui fracasso, de difícil elaboração, reforçando ainda mais a carga já existente dos estereótipos. Em alguns casos, a conjunção desses fatores pode levar o homem a fazer da violência a principal alternativa de defesa contra o sentimento de frustração e menos-valia. Uma vez aprendida a lição, o menino já não chora, mas bate. (WANG; JABLONSKI; MAGALHÃES, 2006, p. 57).

A continuidade de determinadas representações masculinas, são reflexos da criação dos nossos pais, referentes ao contexto histórico no qual estavam inseridos. Dessa forma, observamos que o primado masculino se organiza com tal força que as instituições continuam a reproduzir essas representações tradicionais de masculinidade. E a repetição da educação baseada no padrão viril masculino, não se detêm apenas na esfera familiar, propaga-se para a igreja, a escola e o Estado.

No ambiente familiar, em alguns casos, percebemos uma ruptura quanto aos padrões de masculinidade e como reflexo observamos um desempenho dos homens em tarefas domésticas como cozinhar, lavar, cuidar das crianças, contribuir para o bem-estar dos membros da família e para manutenção do lar. Esse reflexo é também observado no comportamento quanto ao papel de pai, onde em alguns casos, os homens têm rejeitado os estereótipos de herói, protetor, forte, seguro. Dessa forma:

A paternidade é abordada em dois sentidos: na condição de filho de pai, cuja masculinidade foi definida em termos tradicionais, e na condição de pai, através do exercício de uma paternidade que se constrói segundo novos modelos e cria a possibilidade de engendrar nova geração de homens, realmente distinta das anteriores. (WANG; JABLONSKI; MAGALHÃES, 2006, p. 60).

Muitos pais contemporâneos estão se tornando mais compromissados com a família e com os filhos, principalmente a partir da convivência conjugal, onde se mostram mais próximos, companheiros e participativos, muito diferente de seus antecessores. Contudo, diante destas transformações o ambiente familiar ainda assim, continua a ser a principal instituição de reprodução dos modelos tradicionais, pois, desde criança, ou melhor antes mesmo de nascermos, somos bombardeados por opiniões, representações e práticas sociais baseadas no que se considera ser homem ou ser mulher. Essa classificação acontece primeiramente ao escolher a cor do enxoval do bebê, onde cores como rosa, roxo, e lilás são destinadas as meninas, enquanto que

azul e verde destinam-se aos meninos. E, para os bebês que durante a gestação os exames não conseguiram antecipar o sexo, destinam-se cores neutras como branco, amarelo e verde-bebê.

Essas divisões determinadas pelo sexo, não se detém somente a cores, sendo refletidas também em brinquedos e brincadeiras, comportamentos, roupas, profissões, entre outros. Pois, através de concepções e padrões sociais é possível identificar quais brinquedos, brincadeiras, cores, condutas e comportamentos são instituídos como “aconselháveis” e “permitidos” para meninas e meninos.

Por conseguinte, perpetuam-se desde a infância, características e comportamentos de uma masculinidade onde homens só podem usar azul, gostar de futebol, não podem chorar, onde os pais embrutecem seus filhos para os ensinar a enfrentar a dureza do mundo, que por vezes são levados a comportamentos violentos. Esse padrão de comportamento não se restringe apenas ao masculino, pois a associação da mulher com a maternidade e com o cuidar é influenciada desde a infância. Essa associação se intensifica ainda mais quando se focaliza o universo do brincar, pois a brincadeira é entendida como forma de representação do mundo, onde ao brincar a criança imita a realidade. Portanto para as meninas lhes são entregues brinquedos que estimulam o desenvolvimento de habilidades manuais finas, do cuidado com os afazeres domésticos e a educação dos filhos, através de bonecas e panelas lhes é dado a função de “mãe” e “dona do lar”, preparando-as assim para um universo doméstico ligado ao cuidar. Portanto:

Na relação com os pais, os estereótipos de gênero serão evidenciados, não apenas através da maneira como o menino é educado, mas sobretudo através de como esses estereótipos são vivenciados pelos próprios pais. Assim, o “tipo de homem” que é o pai e o “tipo de mulher” que é a mãe revelam, de forma mais silenciosa e menos óbvia, modelos de masculinidade e feminilidade que terão papel fundamental no seu desenvolvimento. (WANG; JABLONSKI; MAGALHÃES, 2006, p. 55).

Com a manutenção desse modelo, perpetua-se também a questão da família tradicional, onde o pai é responsável por prover o bem-estar da família, a mãe assume o papel de dona de casa e cuidadora dos filhos. E para os filhos, destinam-se a responsabilidade de preservar esses ensinamentos e repassar para as gerações futuras. Apesar das modificações nas últimas

décadas, esses exemplos, ainda se constituem nas bases familiares mais tradicionais, inspiradas nas famílias burguesas retratadas em livros de História como a "verdadeira família" (BERALDO; TRINDADE, 2016).

2.2- Escola e Universidade

A escola também é um dos principais locais de perpetuação desses estereótipos, pois a masculinidade mostra-se como uma referência simbólica, ao qual os meninos estabelecem a sua identidade de gênero, permitindo uma representação de si, para assim serem reconhecidos pelos outros (SAAVEDRA, 2004). Os rapazes aprendem a ser masculinos através de discursos relacionados às brincadeiras, às disciplinas, ao conhecimento, entre outros. Assim:

Pode entender-se que transformar um rapaz num homem implica a aprendizagem de que a luta pelo poder e a repressão das emoções são essenciais. As instituições escolares assumem grande parte da responsabilidade neste tipo de aprendizagem (...). Mesmo os rapazes que não passam por este tipo de experiência sabem que elas existem e que podem ser exercidas sobre eles se não se conformarem às normas. (SAAVEDRA, 2004, p. 108).

Em alguns casos, vemos condutas de professores, na tentativa de provocar um modelo de bom comportamento, comparar um desses meninos com a aluna mais aplicada da sala, o que acaba por enfatizar a distância entre os mesmos. Portanto, podemos observar a escola com uma dualidade com relação às representações da masculinidade, pois na interface dessas representações exige-se "tanto características relacionadas ao cuidado, à proteção, à orientação, quanto características ligadas à chefia, ao controle e ao comando." (SABOYA; CARVALHO, 2007, p. 75). As primeiras estão associadas ao gênero feminino e o segundo ao gênero masculino. Por conseguinte:

Se a escola estiver, ela também escrava das "modas sociais" reproduzirá esses modelos, e tudo o que se afastar das normas de comportamento esperado será considerado psicopatológico ou desajustado. (SILVA, 2004, p. 82).

A forma habitual de masculinidade encontrada pelos meninos durante o período escolar é associada a atividades relacionadas aos esportes e a superioridade, pois na conjuntura escolar há uma grande feminização do magistério, onde encontram-se homens apenas em cargos como gestor ou

professor de Educação Física. Muitas vezes, esses homens mostram-se como o único modelo masculino presente na escola, e por causa de seus cargos assumem uma postura rígida, onde devem demonstrar força e algumas vezes agressividade. Dessa forma, o menino absorve esse tipo de representação da masculinidade, e por se tratar de o único modelo presente na escola, ele passa a ter como exemplo essa representação, para assim construir a sua identidade de gênero. Nesse sentido:

A identidade de gênero remete para a constituição do sentimento individual de identidade. O processo de construção da identidade de gênero tem importância fundamental para o desenvolvimento dos indivíduos, pois determina interesses, atitudes e comportamentos que o acompanharão ao longo da vida. (JANUÁRIO, 2016, p. 38).

Em meio as instituições que exercem influência quanto a formação da identidade de gênero, destacam-se também as de Ensino Superior, ao qual representa um modelo, pois dissemina conhecimento e ao mesmo tempo reflete os aspectos da realidade social. São responsáveis também pela formação de cidadãos profissionais, que possuam esclarecimentos para promover as mudanças nessa realidade social.

As Instituições de Ensino Superior (IES) assumem uma função relevante para efetuar e concretizar tais transformações, pois é considerada como um espaço onde a identidade, os papéis e as ideologias são construídos a partir da socialização dos indivíduos. É através desse espaço que serão formados futuros profissionais, assim como, professores de todos os níveis da educação formal. Deste modo, faz-se necessário a compreensão de que a educação deve ser protagonista para a construção da igualdade de gênero na sociedade, pois:

Indivíduos são diferentes, homens e mulheres podem possuir diferenças, entretanto tais distinções não podem refletir desigualdade e inequidade. Tais diferenças são motivos fortes para que haja complementariedade tanto na vida pública quanto na vida privada. A diversidade de olhares é o que enriquece. E a universidade que é formadora de consciência, de visões, deve-se fazer presente nesta construção de neutralidade das identidades, dos papéis e ideologias de gênero. (FARBER; VERDINELLI; RAMEZANALI, 2012, p. 136).

Assim, as Universidades devem assumir um posicionamento quanto as suas próprias políticas, onde “necessitam estar alicerçadas em valores que reafirmem a democracia e os direitos humanos, o respeito pelas diferenças e especificidades de cada pessoa.” (FARBER; VERDINELLI; RAMEZANALI,

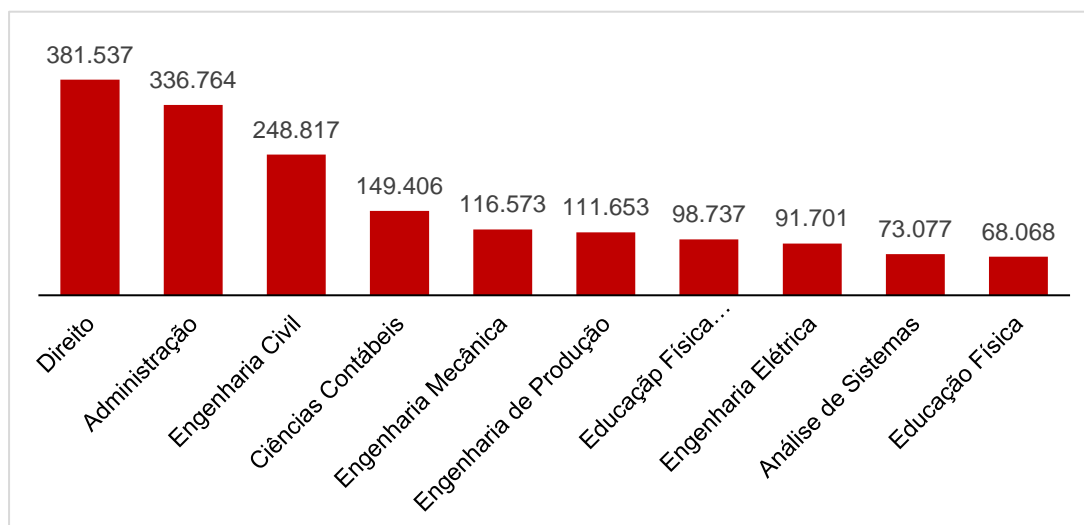
2012, p. 122-123). Para assim, preparar os indivíduos quanto aos conhecimentos técnicos e saberes profissionais, para atuarem na formação de pessoas com o objetivo de integrá-las na sociedade como verdadeiras cidadãs.

Temos observado que as Universidades têm realizado um determinado esforço para romper com os padrões disseminados socialmente. Esses esforços podem ser identificados através de palestras com propostas de temas relacionadas a gênero, com a criação de grupos de pesquisas, onde debatem-se determinados temas, com o objetivo de desconstruir esses padrões e propiciar um esclarecimento ao indivíduo, para assim, torná-lo crítico quanto à assuntos presentes em sua realidade social. Porém, quando observamos de maneira mais minuciosa, podemos constatar que no âmbito acadêmico ainda existe, de uma forma bem arraigada, a permanência dos padrões tradicionais. Esses padrões são influências da criação que tivemos, onde determinadas profissões, relacionadas ao cuidado e educação são ditas como femininas e outras relacionadas ao trabalho braçal e cálculo como masculinas. Nesse sentido:

As disparidades de gênero no trabalho acadêmico podem ser averiguadas através de indicadores como a representatividade de homens e mulheres nas diversas áreas do conhecimento, nas posições ocupadas na estrutura hierárquica das IES (reitorias, cargos de gestão, coordenações), na produtividade, nas atribuições (ensino, pesquisa, extensão), promoções acadêmicas, na disparidade salarial, entre outros. As próprias áreas de conhecimento podem estar evidenciando ou não os hiatos de gênero. (FARBER; VERDINELLI; RAMEZANALI, 2012, p. 124).

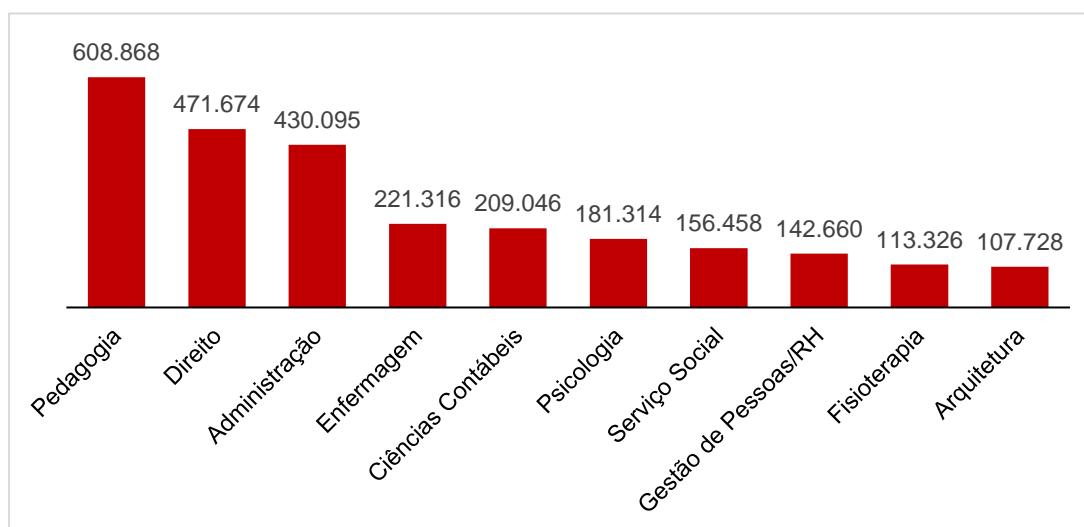
No âmbito acadêmico, ao analisarmos a conjuntura desses cursos, nota-se uma evidente divisão sexual quanto as áreas de conhecimento, onde para os cursos nas áreas de Ciências Exatas e Engenharias a grande incidência é masculina, enquanto que cursos referentes as áreas de Ciências Humanas e Ciências da Saúde, grande parte da sua composição é feminina. Nos gráficos abaixo, podemos observar essas afirmações, ao considerarmos o número de matrícula de homens e mulheres e as suas escolhas pelos cursos acadêmicos.

Gráfico 1. Cursos com mais homens – Os 10 cursos de graduação com maior total de homens matriculados.



Fonte: Elaborado pela autora

Gráfico 2. Cursos com mais mulheres – Os 10 cursos de graduação com maior total de mulheres matriculadas.



Fonte: Elaborado pela autora

A partir dos dados fornecido pelos gráficos, constatamos que há coincidência de ambos os sexos em três cursos: Direito, Administração e Ciências Contábeis. Dessa forma, os cursos de Direito e Administração, que ocupam as primeiras posições de preferência masculina, também aparecem bem posicionados no gráfico referente as mulheres, ao mesmo tempo que o curso de Ciências Contábeis aparece em 4º colocado para os homens e em 5º para as mulheres.

Observamos que em ambos os gráficos predominam os padrões culturais de estereótipos relacionados ao gênero, pois, para os homens, prevalecem cursos associados ao conhecimento aplicado, como Engenharia (civil, mecânica, produção e elétrica) e Análise de Sistemas, enquanto que para as mulheres, há uma grande predominância de matrículas para cursos associados ao universo do educar e cuidar, aos quais são responsabilidades ditas femininas. Como exemplo desses cursos destacam-se a Pedagogia, Enfermagem, Serviço Social e Fisioterapia.

As IES podem e devem reverter as desigualdades de gênero, para isso faz-se necessário rever e avaliar a forma que o sistema está implantado e suas atividades acadêmicas, para assim influenciar todas as organizações. Pois, se as IES desempenham uma conduta de agente social formador "que cria, transmite e dissemina conhecimentos, constituindo exemplo e referência à sociedade, não se podem admitir disparidades neste âmbito" (FARBER; VERDINELLI; RAMEZANALI, 2012, p. 123). Portanto, todas as instituições têm sua parcela para contribuir na busca pela igualdade e democracia.

A realidade atual tem permitido uma crescente ruptura de padrões e regras que definem a masculinidade. Em alguns casos, presenciamos um momento de transição, onde valores pautados por velhas referências são transformados por uma nova concepção de valorização social. Entre outros casos, percebemos uma coexistência entre os novos modelos de masculinidade, pautados na sensibilidade e no companheirismo, em detrimento ao modelo tradicional, pautado na agressividade e opressão (JANUÁRIO, 2016).

Assim, o homem de hoje encontra-se em posição oscilante entre os antigos valores cada vez mais incoerentes com o mundo atual. Dessa forma, a identidade fixa do que era "ser homem" foi de maneira gradual modificada, dando lugar para as múltiplas formas de "ser homem". Portanto:

No modelo de masculinidade a ser seguido, ressaltam-se as ideias de que o *homem de verdade* é solitário e reservado no que se refere às suas experiências pessoais, ou, quando muito superficial e prático, direcionado para agir e realizar atividades. Por outro lado, espera-se que o homem compreenda demandas emocionais de suas parceiras e de seus filhos, sendo cúmplices e sensível. (GOMES, 2003, p. 827).

As mudanças sociais ocorridas, em especial nesses últimos anos, têm favorecido de forma extraordinária para rompermos com os padrões tradicionais. Essas mudanças revelam uma acelerada modernização dos costumes e uma nova dimensão identitária e cultural, relacionadas ao gênero. Destacam-se em meio as manifestações contra a cultura tradicional, movimentos como o feminismo, o LGBT, o estudantil, entre outros, que buscam uma equidade de gênero, diante da instabilidade das bases em que se apoiava a masculinidade.

A busca por essa igualdade de gênero tem sido vista como algo emergencial e necessária para o desenvolvimento social, cultural e econômico. E para que isso ocorra, é imprescindível não nos determos apenas a indagações sobre o conceito de identidade, gênero e sexo. Pois, para propiciarmos novas formas de subjetivação, é indispensável a desconstrução da identidade masculina tradicional, para assim gerarmos uma inclusão. Nesse sentido, "o mais coerente seria buscar não um novo homem, mas novas e múltiplas possibilidades de ser, independentemente de sexo ou gênero". (WANG; JABLONSKI; MAGALHÃES, 2006, p. 61).

A crise da masculinidade vivenciada atualmente pode ser interpretada de forma benéfica, pois durante a construção da história da humanidade em grandes momentos fez-se necessário rupturas para o esclarecimento de muitas dúvidas e inseguranças. São nessas rupturas, que encontramos novas perspectivas para a realidade vivente, assim, a crise da masculinidade possibilita transformação e crescimento em detrimento aos modelos hegemônicos, onde possa criar novas condições mais favoráveis não somente para homens e sim para a sociedade.

No presente, o homem passou a reconstruir a sua própria base de identidade, ao questionar e a repensar cada vez mais os limites de seus próprios direitos e obrigações, e ainda mais as suas necessidades individuais em detrimento aos estereótipos da lógica patriarcal. Dessa forma:

Uma nova política do gênero para os homens significa novos estilos de pensamento, incluindo uma disposição a não ter certezas e uma abertura para novas experiências e novas formas de efetivá-la. No dia em que fotografias com homens carregando armas se tornarem raras e fotografias com homens empurrando carrinhos de bebê se tornarem comuns, aí saberemos que estamos chegando a algum lugar. (CONNELL, 1995, p. 205).

Para que se efetue essa desconstrução da masculinidade é imprescindível ressaltar a importância de estudos dessa natureza, pois os mesmos promovem reflexões e compreensões não apenas para o homem, mas para a sociedade como um todo, acerca dos temas sobre gênero. O contato com esses temas, conseqüentemente, irá possibilitar a construção de novos sentidos para as práticas diárias, pois, quando práticas como essas não são refletidas "perpetuam discursos de segregação que polarizam não somente masculino e feminino, mas os diferentes grupos raciais, culturais, políticos e de gênero". (BERALDO; TRINDADE, 2016, p. 72).

As iniciativas para estudos e discussões sobre o tema masculinidade, podem propiciar reformulações acerca das concepções tradicionais, fundadas no patriarcado, na masculinidade hegemônica e no machismo. Essas reformulações irão fortalecer outras representações possíveis sobre a masculinidade, sem que as mesmas sofram represálias, para assim fortificar o respeito e a valorização do gênero, que contribuirão para minimizar a violência contra mulheres, crianças, homossexuais e entre outros. Pois:

Os significados de masculinidade variam de cultura a cultura, variam em diferentes períodos históricos, variam entre homens em meio a uma só cultura e variam no curso de uma vida. Isto significa que não podemos falar de masculinidade como se fosse uma essência constante e universal, mas sim como um conjunto de significados e comportamentos fluidos e em constante mudança. Neste sentido, devemos falar de masculinidades, reconhecendo as diferentes definições de hombridade que construímos. Ao usar o termo no plural, nós reconhecemos que masculinidade significa diferentes coisas para diferentes grupos de homens em diferentes momentos. (KIMMEL, 1998, p. 106).

Portanto, investigar masculinidades traz à tona, não apenas aspectos relacionados à saúde masculina, mas também para a criação de espaços onde possam ser discutidas as práticas e fazeres do homem, seja no contexto histórico da modernidade ou da pós-modernidade, ou ainda no âmbito familiar, social, acadêmico, e entre outros.

2.3- Masculinidade e o Ensino Superior Privado no Brasil

O "novo" Ensino Superior Privado surge a partir de um desdobramento da reforma universitária de 1968, que teve como objetivo a modernização, a expansão e a democratização do Ensino Superior. Mas, para abordar a educação superior no Brasil, faz-se necessário uma discussão e uma análise, a

começar pelo momento de seu surgimento até a realidade atual. Portanto, muitos autores do cenário brasileiro, como: Sampaio (2000), Martins (2009), Cunha (1975), Barreyro (2008), Corbucci (2004), abordam a construção histórica sobre o surgimento e a expansão das Instituições de Ensino Superior (IES) no Brasil.

Além das mudanças ocorridas tanto na estrutura quanto na organização do Ensino Superior, o mesmo traz alterações em sua composição, onde em um primeiro momento seu público era majoritariamente masculino, e que em um segundo momento esse público passa a ser em sua maioria feminino. Essa inversão é ocasionada pela criação do estereótipo referente a feminização do magistério, onde no contexto histórico da docência no Brasil, ocorreu de maneira gradual, porém, significativa no decorrer dos séculos.

O processo de inserção da mulher na profissão docente acontece, principalmente, por se tratar de um ambiente em que primeiro proporcionou uma abertura para as mulheres, pelo fato da profissão ser associada com a maternidade, e por se tratar de um espaço onde elas não eram reprovadas pela sociedade. Assim, com as transformações na compreensão de quem dever ser educado ou quando se inicia a escolarização, presencia-se de forma mais acentuada o afastamento masculino da docência, principalmente quando focalizado na educação de crianças.

Hoje, a profissão docente assumiu um caráter inteiramente feminino, e os homens que optam por essa formação acadêmica são vistos como sujeitos desviantes que fogem ao padrão convencional, “a exceção às regras” estabelecida pela sociedade. Portanto, a presença de homens como docente em turmas de Ensino Infantil e Fundamental, é visto como um fenômeno raro em comparação à histórica predominância feminina. Esse afastamento também pode ser observado na composição atual do curso Superior de Pedagogia, onde a presença masculina é mínima ou até nula.

2.3.1- A História do Ensino Superior Privado no Brasil

Instituições de Ensino Superior (IES) é o nome dado àquelas Instituições que ministram educação superior. Quanto a sua categoria administrativa, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB nº 9.394/96), classificam-se como pública quando criadas, mantidas e administradas pelo

poder público, e privadas quando mantidas e administradas por pessoas físicas ou jurídicas de direito privado. As privadas enquadram-se em categorias como particulares, quando possuem fins lucrativos, e privadas, quando não possuem fins lucrativos que podem ser comunitárias, confessionais ou filantrópicas.

No início da colonização, e durante um longo tempo, a educação no Brasil era função estritamente masculina, onde os alunos eram do sexo masculino e o ensino era exercido principalmente por religiosos e por homens que estudavam e eram contratados como tutores pelas pessoas com melhores condições financeiras. E nesse período observa-se também que o Brasil não possuía Universidades nem outras Instituições de Ensino Superior, pois a política adotada pela coroa portuguesa foi a de impedir a formação de intelectuais nas colônias, concentrando à Metrópole essa formação. Logo:

No Brasil a instituição escolar é, primeiramente, masculina e religiosa. Os jesuítas, “braço espiritual da colonização”, para além das tentativas de catequização dos índios, investem, de fato, na formação dos meninos e jovens brancos dos setores dominantes. As primeiras escolas brasileiras regidas por esses irmãos (e a grande maioria daquelas que se organizam a partir de outras ordens religiosas) constituem-se, pois, num espaço marcadamente masculino, voltado para a formação de um católico exemplar. (LOURO, 2011, p. 98).

A forma como se deu a colonização em terras brasileiras e, mais, a evolução da distribuição social, do controle político, aliadas ao uso de modelos importados de cultura, condicionaram a evolução da educação escolar no Brasil. A necessidade de manter os desníveis, teve, desde então, na educação escolar um instrumento de reforço das desigualdades. Nesse sentido, a função da escola foi a de ajudar a manter privilégios de classe, apresentando-se ela mesma com uma forma de privilégio, quando se utilizou mecanismos de seleção escolar (...) Ao mesmo tempo está escola deu a classe dominante a oportunidade de ilustrar-se. (ROMANELLI, 1978, p.23-24).

O desenvolvimento do Ensino Superior no Brasil é marcado pela sua iniciativa tardia, ao qual Sampaio (2000) e Barreyro (2008) destacam que as primeiras IES no Brasil foram fundadas em 1808, com a chegada da Família Real ao país, com o intuito de suprir as necessidades do Estado, formando assim profissionais liberais: homens, brancos e descendentes de portugueses, que ocupariam posições e postos privilegiados no restrito mercado de trabalho existente. Portanto, foram fundadas três escolas, a de Cirurgia e Anatomia da Bahia, a de Anatomia e Cirurgia do Rio de Janeiro e a Academia de Guarda da Marinha, com a finalidade de formar advogados, engenheiros e médicos para a necessidades da elite local.

Durante o período de 1808 a 1889, o sistema de Ensino Superior se desenvolve lentamente, em prosseguimento com as rasas transformações no âmbito social e econômico da sociedade brasileira. Após a Independência formaram-se dois setores, o do ensino estatal (secular) e o do ensino particular (religioso). No mais, especificamente a partir da República, é que se pode falar em um Ensino Superior Privado no Brasil, pois a Constituição de 1891 “descentralizou o ensino superior, que era exclusivo do poder central, delegando-o também para os governos estaduais e permitiu a criação de Instituições privadas” (SAMPAIO, 2000, p.37). Com isso, viabilizou-se a abertura da educação superior ao setor privado, surgindo dessa forma, as primeiras iniciativas das elites locais e confessionais católicas. Dessa forma:

Como não se previa juridicamente a existência de empresas educacionais, todas foram denominadas como instituições sem fins lucrativos e, portanto beneficiadas pela renúncia fiscal dos impostos sobre a renda, o patrimônio e os serviços, bem como pelo acesso a recursos federais. (CARVALHO, 2013, p.761).

Ao longo de muitos anos a educação ficou estagnada, onde continuou a atender somente homens e não possuía políticas de inclusão, para proporcionar a sua expansão de forma democrática, aos lugares mais recônditos do Brasil. Assim, até os últimos anos do Império não havia uma educação popular, somente após a independência do Brasil, que o ensino se torna gratuito e público, inclusive para mulheres, onde se admitiu o ingresso de meninas nas escolas primárias.

Por consequência da expansão do ensino público primário, no final do século XIX nasce uma docência marcadamente feminina. As mudanças aconteceram, segundo Bruschini e Amado (1988), a partir da primeira lei do ensino, que deu o direito à mulher de se instruir, porém com conteúdos diferenciados dos ministrados aos homens. A partir deste momento a formação de professoras do sexo feminino se fez necessária, pois os tutores deveriam ser do mesmo sexo que seus alunos, assim as mulheres assumem a função de professoras, fazendo parte do quadro de funcionárias públicas em várias províncias.

Nesse período, a instrução do estudo feminino era diferenciado do masculino, pois as moças se dedicavam à costura, ao bordado e à cozinha, enquanto os homens estudavam geometria. Portanto as mulheres tinham

direito à instrução, mas essa educação acentuava também a discriminação sexual. Contudo, apesar de o estudo ter se estabelecido como um direito garantido por lei, a maioria das mulheres não possuíam acesso aos ensinamentos, com a exceção daquelas que pertenciam às elites e às classes ascendentes. (RABELO; MARTINS, 2006).

O período Republicano impulsionou ainda mais as mulheres a ingressar no magistério, pois seus líderes, influenciados pelas teorias positivistas e burguesas, consideravam o magistério uma profissão feminina por excelência, uma vez que, julgavam as mulheres naturalmente capacitadas e aptas para cuidar das crianças. (RABELO; MARTINS, 2006). Em uma análise da conjuntura, Costa (1995, p.160) destaca que “as mulheres foram de curta forma impelidas para ele em função do argumento construído e reafirmado dentro da lógica do patriarcado”, onde eram associadas a educação em função da maternidade, pois se a mulher pode, e deve cuidar e educar bem de seus filhos, ela também poderá educar os outros “filhos” para a nação, onde a sala de aula apresenta-se como a extensão do compromisso da mulher com a sociedade.

A década de 1920 presenciou um grande movimento de modernização do país, que também atingiu a educação, na qual ocorreram profundas reformas em todos os níveis de ensino, principalmente no ensino primário público. No campo do Ensino Superior propôs-se uma modernização, defendendo a criação de universidades que não fossem meras Instituições de ensino.

Ao observar as transformações ocorridas na composição docente em nosso País, pondera-se que:

Desde o século XIX, pouco a pouco os homens vão abandonando as salas de aula nos cursos primários, e as escolas normais vão formando mais e mais mulheres. Essa característica mantém-se por todo o século XX, estimulada, sobretudo, pelas intensas transformações econômicas, demográficas, sociais, culturais e políticas por que passa o país e que acabam por determinar uma grande participação feminina no mercado de trabalho em geral. (VIANNA, 2001, p. 85).

Verificamos que a profissão docente vai se tornando cada vez mais feminina, e como consequência disso percebe-se certo afastamento do setor masculino, isso está relacionado principalmente pela má remuneração, pois os

salários eram baixos e insuficientes para provimento das despesas com a família. Assim, ao final da década de 20 e início dos anos 30, o caráter feminino do magistério primário se intensificou de tal forma, que a composição era essencialmente feminina. (VIANNA, 2001).

Na década de 1930, com a instalação do Governo Vargas, ocorre uma reforma educacional no campo do Ensino Superior e do ensino secundário, o primeiro focalizava-se no nível administrativo, onde defendia uma organização do sistema universitário, ao qual foi apropriado e reformulado, dessa forma todo o setor privado já era bastante forte durante esse período. Vargas publicou uma lei que definia como a Universidade deveria ser, assim:

Esta reforma estabelecia que o ensino superior deveria ser ministrado na universidade, a partir da criação de uma faculdade de Educação, Ciências e Letras. No que diz respeito à organização do sistema, a reforma previa duas modalidades de ensino superior: o sistema universitário (oficial, mantido pelo governo federal ou estadual, ou livre, mantido por particulares) e o instituto isolado. A administração central da universidade caberia ao conselho universitário e ao reitor, que passava a ser escolhido a partir de uma lista tríplice, medida que vigora até hoje. A reforma estabelecia também como deveria ser composto o corpo docente... (SAMPAIO, 1991, p.10).

Com relação ao ensino secundário, sua principal característica era o ensino propedêutico, ao qual correspondia a um ano de estudo introdutório para ingressar no Ensino Superior. Dessa forma, o ensino propedêutico destinava-se àqueles que pretendiam prosseguir com seus estudos para o nível superior. Porém esse nível de ensino era permitido somente aos homens, assim, para as mulheres, relegava-se o ensino primário (BRUSCHINI; AMADO, 1988). O grande objetivo da reforma no ensino secundário era evitar que este segmento continuasse a se caracterizar como um ensino propedêutico, portanto:

A reforma do secundário teve o mérito de dar-lhe organicidade, estabelecendo definitivamente o currículo seriado, a frequência obrigatória, dois ciclos, um fundamental de cinco anos e outro complementar de dois anos, e a exigência de habilitação neles para ingresso no curso superior. (RIBEIRO, 1993, p.21).

Após a reforma, houve uma pequena abertura para o ingresso de mulheres no ensino secundário e no Ensino Superior, porém o seu acesso continuava a ser muito limitado. Somente a partir da década de 40 que se inicia o ingresso feminino no Ensino Superior, porém esse ingresso era ofertado

apenas para alguns cursos de Filosofia. Logo após, na década de 50, essa oferta estende-se aos demais cursos superiores, contudo, ainda continuava a se restringir a um número mínimo. (RABELO; MARTINS, 2006).

Os cursos de licenciatura apresentavam-se com custos reduzidos de instalação, o que lhe permitiu uma maior oferta nas Faculdades Particulares em comparação aos outros cursos superiores, logo, priorizava-se os cursos de licenciatura dessas Instituições, ao qual não eram rigorosos na sua admissão e o seu valor era acessível (BRUSCHINI; AMADO, 1988). Dessa forma:

Nesse período, nota-se não só a propensão de as mulheres dirigirem-se ao ensino primário, tendo-o como mercado de trabalho, mas também a ampliação da presença feminina em outros níveis e modalidades de ensino. No final do século passado, o caráter fundamentalmente feminino da Educação Básica já estava mais que configurado. (VIANNA, 2001, p. 86).

Uma vez consolidada a tendência de a mulher se dedicar ao magistério primário, o ingresso maciço das mulheres no ensino superior, a partir de então, contribuiu para consolidar também o magistério secundário como ocupação feminina, pois a grande maioria das que ingressam nas universidades dirigem-se para cursos que preparam para a docência naquele nível. (BRUSCHINI; AMADO, 1988, p.6).

Como exemplo dessa predominância feminina, Vidal (1998) assinala que a matrícula de rapazes para o exame de admissão das escolas secundárias, que era realizada por quem queria ingressar na escola de professores, configurou-se em apenas 10%. Portanto, nesse período, o magistério apresenta-se como a única profissão considerada digna para as mulheres, perpetuando assim a submissão existente na sociedade patriarcal, e mesmo diante das transformações ocorridas em todos os níveis de ensino, ainda sim os conteúdos continuavam a ser diferenciados para homens e mulheres, como observado na tabela 1.

Tabela 01: Currículos das escolas de primeiras letras da Província de Santa Catarina

Ano	Escola da capital	Escolas das Vilas, Freguesias e Curatos	
	Masculina	Masculinas	Femininas
1835	<ul style="list-style-type: none"> •Ler e escrever •As quatro operações de aritmética •Gramática portuguesa •Doutrina cristã 	<ul style="list-style-type: none"> •Ler •Escrever •As quatro operações de aritmética •Gramática portuguesa • Doutrina cristã 	<ul style="list-style-type: none"> •Ler •Escrever •As quatro operações de aritmética •Gramática da língua nacional •Princípios da moral

			<ul style="list-style-type: none"> •A doutrina cristã •Prendas que servem à economia doméstica.
1836	As disciplinas do currículo continuaram as mesmas, porém devia-se empregar o método Lancaster.	O mesmo	O mesmo
1843	<ul style="list-style-type: none"> •Ler e escrever pelo método individual •As quatro operações de aritmética, quebrados, decimais e proporções •Noções gerais de geometria teórica e prática •Gramática da língua nacional •Elementos da geografia •Princípios da moral cristã e da religião do Estado. 	<ul style="list-style-type: none"> •Ler e escrever •As quatro operações de aritmética, quebrados, decimais e proporções •Gramática da língua nacional •Princípios da moral e da religião do Estado. 	<ul style="list-style-type: none"> •Ler e escrever •Contar as quatro espécies •Gramática da língua nacional •Doutrina cristã •Prendas domésticas necessárias à boa educação feminil.
1848	<ul style="list-style-type: none"> •Ler e escrever pelo método individual; •As quatro operações de aritmética, quebrados, decimais e proporções; •Gramática da língua nacional; •Princípios da moral cristã e da religião do Estado. 	Igual ao da Capital	<ul style="list-style-type: none"> •Ler e escrever pelo método individual •Contar as quatro espécies •Gramática da língua nacional •Prendas domésticas necessárias à boa educação feminil.
1854	Não aparece mais um currículo específico para a escola da Capital.	<ul style="list-style-type: none"> •Ler, escrever •Quatro espécies em inteiro, frações, complexos, decimais, proporções geométricas diretas, inversas e compostas •Gramática da língua nacional •Doutrina cristã. 	<ul style="list-style-type: none"> •Ler e escrever •Quatro espécies em inteiros •Gramática da língua nacional •Doutrina cristã

Fonte: Schaffrath (2000)

Durante o período entre 1945 a 1968, ocorreram grandes lutas do movimento estudantil e de professores em defesa do Ensino Superior Público, que reivindicavam o cancelamento das Instituições isoladas privadas por meio da ampliação das Universidades Públicas. Essas Universidades são definidas como Instituições de Ensino Superior que desenvolvem suas atividades acadêmicas com base em três pilares: o ensino, a pesquisa e a extensão. Todo esse período, principalmente a partir da década de 50, é acentuado por intensos conflitos sociais e um crescente envolvimento por parte dos estudantes universitários nas diferentes lutas políticas, onde o movimento

estudantil não se limitou apenas na questão do ensino, mas, também contestaram os governos estabelecidos.

Em 1964, um golpe de Estado instituiu o governo militar, que adotou medidas repressivas, como desfazer o movimento estudantil e manter as Universidades Públicas sob vigilância, pois os estudantes e os docentes tinham como propostas a modernização e a expansão do Ensino Superior, através de Universidades Públicas e gratuitas “que associassem o ensino à pesquisa, as quais deveriam ser um motor para o desenvolvimento do país, associando-se às classes populares na luta contra a desigualdade social”. (DURHAM, 2003, p. 12).

Após o golpe, permanecia entre estudantes e docentes um clima de insatisfação com a estrutura universitária, dessa forma:

Estudantes se mobilizaram diante da incapacidade do ensino público de absorver os alunos aprovados nos vestibulares. Em 1961, 29 mil estudantes não conseguiram vagas nas instituições para as quais tinham sido aprovados, número que aumentou para 162 mil em 1969. (MARTINS, 2009, p.19).

A questão dos alunos excedentes constituiu-se num constante foco de tensão social, em razão de que a grande pressão para expandir o Ensino Superior estava vinculada com o aumento das taxas de matrículas do Ensino Médio. Esse aumento, era referente a nova visão que as classes médias tinham com relação ao Ensino Superior, onde este ensino passou a ser visto como uma estratégia para uma ascensão social. Diante desse quadro, o governo militar se sentiu pressionado a formular uma política para a reestruturação do Ensino Superior, que conforme os estudos de Sampaio (2000) e Calderón (2000), teve como opção atender a demanda de massas por meio do setor privado, desse modo, a manutenção de Universidades de elite, que unissem o ensino e à pesquisa, ficou nas mãos do poder público. Contudo, esse modelo de Universidade, elevou os gastos do Ensino Público, não ocorrendo a sua expansão, assim para satisfazer a demanda que o Estado não conseguiu absorver, ocorreu uma abertura para o setor privado.

O governo, portanto, encomendou determinados estudos com o objetivo de propor medidas para o Ensino Superior, entre os quais destacam-se o consultor norte americano Rudolph Atcon, que através de estudos propôs a implantação do modelo empresarial de estrutura administrativa universitária, o

Relatório Meira Mattos, instituído pelo governo para analisar as questões estudantis. E, ainda, o Grupo de Trabalho (GT) para estudo e implantação da Reforma universitária, assim:

O sistema de ensino superior não poderia continuar atendendo a um público restrito, tal como vinha acontecendo. Propunha-se assim sua expansão, assinalando, no entanto, a falta de recursos financeiros, (...) O objetivo a ser lançado era obter o máximo de atendimento da demanda com o menor custo financeiro (...). Sugeria-se também modificações no exame vestibular, que deveria tornar-se “classificatório”, visando à incorporação de um maior número de estudantes. (MARTINS, 2009, p.20).

A política de cunho expansionista adotada pelo Estado contribuiu para a privatização do Ensino Superior brasileiro. Essa política materializava-se tanto na privatização do Ensino Superior Público, como na participação estatal na manutenção do Ensino Privado, através de subsídios estatais diretos e indiretos. (CUNHA, 1989a). A política implementada, favoreceu o crescimento acelerado de Instituições de Ensino Superior Privadas, principalmente por meio da liberação de verbas.

O documento criado pela Equipe de Assessoria do Ensino Superior faz menção a participação do Ensino Privado para o processo de expansão, onde o governo deveria estimular a criação de Universidades Particulares, oferecendo assim, auxílio para assegurar vagas para alunos com poucos recursos financeiros. Após os estudos realizados pelo governo, em 1968 foi implantada a Reforma Universitária, que serviu para atenuar a crise educacional, mostrando-se como resposta às pressões internas. Ela também atribuiu à Universidade o papel tríplice integrado de desenvolver ensino, pesquisa e extensão, porém continuou-se a manter o sistema de estabelecimentos isolados.

A Reforma tinha como objetivo a modernização e expansão das Instituições Públicas, principalmente as Universidades Federais, porém as modificações introduzidas nas Universidades Federais não conseguiram ampliar suas matrículas para atender à crescente demanda de acesso, cabendo ao Ensino Superior Privado atender a essa demanda. Com a instauração da Reforma, recuperou-se algumas reivindicações dos estudantes da década anterior, porém os mesmos continuavam pressionando o regime militar em referência a reestruturação e expansão do Ensino Superior, pois em

sua lógica a Reforma foi estabelecida de acordo com o modelo socioeconômico do governo.

Estruturava-se nesse modelo socioeconômico um padrão seletivo de Universidade Federal, onde no plano social suas vagas passariam a ser ocupadas por estudantes dotados de razoável capital econômico e cultural. E no plano acadêmico, pretendia-se concretizar um elevado padrão de qualidade, para assim, evitar-se um eventual processo de massificação das Universidades Federais.

A Reforma Universitária de 1968 é apontada por autores como o marco inicial do predomínio do setor privado sobre a educação superior no Brasil, pois a política de expansão adotada propiciou uma ampla liberdade de atuação do setor privado transformando a educação superior num negócio rentável. A intenção dos formuladores da reestruturação universitária era de que “a educação privada exercesse função complementar à pública. Todavia o que se viu foi o inverso, ao menos no que se refere à sua participação no total de matrículas.” (CORBUCCI; KUBOTA; MEIRA, 2016, p.7). Outra questão é em relação ao efeito paradoxal que a Reforma estabeleceu, pois, por um lado induziu modernidade das Universidades Públicas e, por outro, possibilitou a ampliação de uma rede de qualidade aquém da conferida pelo poder público e, sobretudo com fins lucrativos.

A existência do Conselho Federal de Educação (CFE) desempenhou um papel relevante para tornar possível a emergência do novo Ensino Privado. Com a LDB de 1961, o CFE deixou de ser um órgão de assessoramento sobre questões educacionais, e passou a deliberar sobre abertura e funcionamento de Instituições de Ensino Superior. Era composto majoritariamente por pessoas do Ensino Privado, favoráveis a acolher ao pedido de abertura de novas Instituições Particulares, com isso, procurou-se acesso as brechas na legislação. Logo, percebendo a existência de uma demanda não atendida pelo Ensino Público, os proprietários de escolas e colégios passaram a deslocar investimentos para as novas Instituições, portanto:

Se as brechas legais prevaleceram nesse período, foi em decorrência da pressão dos interesses do ensino privado, respaldados, por sua vez, na pressão da demanda: a força do setor privado mostrou-se, efetivamente, mais eficaz nessa arena decisória. (SAMPAIO, 2000, p.68).

A expansão das Universidades privadas foi direcionada pela percepção de seus proprietários, onde a existência de estabelecimentos maiores, que oferecessem cursos mais diversificados, teriam vantagens competitivas no mercado do Ensino Superior. Além disso, esse movimento de expansão das Universidades Privadas foi impulsionado pela nova legislação do Ensino Superior, onde a Constituição de 1988, ao dispor sobre o princípio de autonomia para as Universidades, favoreceu a privatização da educação. Com vistas a reduzir o papel do Estado nos custos e investimentos para a educação superior, a Constituição de 1988 também possibilitou ao setor privado criar e extinguir cursos oferecidos pelas Instituições Privadas. (MARTINS, 2009).

O setor privado foi capaz de absorver a demanda existente, porque se concentrou em ofertar cursos com baixo custo, e estabeleceu exigências acadêmicas exíguas, tanto para o ingresso quanto para o prosseguimento dos estudos. Assim, orientou-se na satisfação dos componentes mais imediatos da demanda social, que se consistia na obtenção do diploma. Dessa forma, entre 1965 e 1980, as matrículas do setor privado cresceram significativamente, principalmente em 1970, onde a participação do setor privado no total de matrículas passou a ser majoritária. Essa expansão ocorreu basicamente através do crescimento de estabelecimentos isolados de pequeno porte. (MARTINS, 2009).

Outro fator que influenciou essa expansão em 1970, relaciona-se as transformações ocorridas na força de trabalho feminina, pois foi a partir desse período que de fato se concretiza o ingresso feminino no Ensino Superior na sua totalidade, e uma busca pela qualidade profissional após o término dos cursos. Assim, essas transformações “refletem o desenvolvimento dos níveis de escolaridade das mulheres, possibilitando sua inserção em outros setores da economia” (FREIRE, 2011, p. 254).

Segundo Martins (2009), ao longo da década de 1980, o poder público, por intermédio do CFE, tratou de conter a expansão em função da crise econômica vivenciada pelo país. Ocorre, portanto, uma desaceleração da expansão do Ensino Superior através da redução dos investimentos, por meio de uma política de contenção de custos e retração do mercado de trabalho. Ao mesmo tempo, surgiram críticas e questionamentos sobre a qualidade do ensino ofertado, dessa maneira a década foi marcada por uma retração da

atividade econômica, que resultou na redução da capacidade de investimentos do Estado em todas as áreas, em particular, na educação superior, o que contribuiu para que o número de IES privadas ficasse estagnado entre 1980 e 1989. (CORBUCCI; KUBOTA; MEIRA, 2016).

O processo de expansão e privatização da educação superior brasileira sofreu aceleração na década de 1990, especialmente durante o governo de Fernando Henrique Cardoso (FHC). As políticas adotadas promoveram uma aceleração da expansão das IES, e o aumento no número de IES Privadas através da ampliação da cobertura de atendimento do setor privado e a consequente institucionalização do mercado universitário. Ocorreu a extinção do CFE e a criação do Conselho Nacional de Educação (CNE), que conferiram ao MEC uma maior autonomia na condição do processo de expansão do Ensino Superior. (TRAINA-CHACON; CALDERÓN, 2015; MARTINS, 2009).

Durante o governo FHC as políticas adotadas estruturavam-se em torno de três eixos, a privatização, focalização e descentralização. Nesse contexto, a educação superior foi direcionada à privatização, pois compreendia-se que a iniciativa privada poderia realizar essa "privatização" com uma maior eficiência e eficácia. Dessa forma:

A política para a educação superior, implementada pelos governos de Fernando Henrique Cardoso, incentivou a ampliação da oferta desse nível de ensino com a redução dos custos e o privilegiamento da mercantilização do mesmo, seja através do crescimento de IES privadas com fins exclusivamente lucrativos ou a abertura das IES públicas para o mercado. Tal política, alavancou o sucateamento das universidades públicas federais, ameaçando o seu caráter público e democrático, e comprometendo a qualidade do ensino – principalmente na graduação, mas também na extensão e na pesquisa. Como consequência favoreceu o crescimento do setor privado na oferta desse nível de ensino, transformando os espaços públicos democráticos de direitos em espaços privados submetidos a lógica capitalista. (CHAVES E CAMARGO, 2003, p.7-8).

A educação superior no Brasil passou a andar a passos largos para o setor privado com fins mercantis, onde Universidades Privadas com explícitos fins lucrativos, enquanto empresas educacionais, oferecem produtos e serviços de acordo com a demanda do mercado.

Em meio as transformações na composição do Ensino Superior, segundo Vianna (2001), ainda que o ingresso feminino no mesmo abrangesse para sua totalidade, esse tipo de ensino continuava a ser frequentado

majoritariamente por homens, logo, as mulheres ainda eram minoria nessas Instituições, em especial, nas carreiras ditas como masculinas. É, somente após esse período, que o contingente feminino passa a exceder o masculino na composição do Ensino Superior.

No que diz respeito a avaliação do Ensino Superior, com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB nº 9.394/96), o processo de regulamentação do sistema de avaliação determinou a renovação periódica da autorização e o reconhecimento de cursos, e também o credenciamento das IES. A principal iniciativa não se orientou à avaliação das Instituições de ensino, mas da qualidade dos cursos, dessa forma criou-se o Exame Nacional de Cursos, popularmente conhecido como “Provão”, que consiste em testes objetivos aplicados a todos os formandos de um curso ou carreira. Depois da sanção da LDB, houve uma surpreendente expansão do sistema, como mostra a tabela 2.

Tabela 2. Quantidade de matrículas na educação superior-1995 e 2002.

Ano	Matrículas
1995	1.759.703
2002	3.479.913

Fonte: Barreyro (2008)

O Provão era obrigatório para os alunos, e condição para obtenção do diploma, o objetivo era avaliar e comparar os cursos de diferentes Instituições, classificando-os de acordo com a média obtida pelos seus estudantes. Segundo Durham (2003), as Instituições Privadas que obtinham os melhores cursos classificados, utilizavam-se dessa classificação como um instrumento de propaganda para atrair alunos, portanto a procura orientou-se pelos resultados da avaliação.

Por meio do decreto nº 2.207, de 1997, o governo FHC estabelece a diferenciação institucional na educação superior, que se concretizou com a criação dos centros universitários, das Faculdades integradas, das Faculdades e dos Institutos Superiores (TRAINA-CHACON; CALDERÓN, 2015). Tais diferenciações possibilitaram uma expansão da educação superior, em especial das IES Privadas, como mostra a tabela 3.

Tabela 3. Evolução do número de Instituições de educação superior por dependência administrativa no Brasil durante o governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002)

Ano	Total	Federal	Estadual	Municipal	Privada
1995	894	57	76	77	684
2002	1.637	73	65	57	1.442
1995/2002 (%)	83.1	28.1	-14.5	-26.0	110.8

Fonte: Traina-Chacon e Calderón (2015).

Os dados da tabela 3 mostram a expansão no número de IES no governo FHC, no qual identificamos um crescimento predominante do número de IES Privadas. Esse número de IES Privadas mais que dobrou nesse período, obtendo uma expansão de 110.8%, observamos também um aumento significativo no número de IES federais, porém em uma menor escala comparada a privada.

A mudança de governo ocorreu em 2003, assumindo, portanto, a presidência Luiz Inácio Lula da Silva (Lula), que em seu primeiro mandato (2003-2006) criou a Comissão Especial da Avaliação (CEA). Com o objetivo de romper com a política de FHC que era baseada no ranqueamento das IES, a CEA encarregou-se da elaboração da proposta de criação do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), que se sustenta numa visão emancipatória através de uma avaliação processual, com vários instrumentos e diferentes momentos de aplicação. Portanto o SINAES foi constituído de um ciclo de avaliação de três anos, nos quais eram avaliados alunos, cursos e Instituições. (TRAINA-CHACON; CALDERÓN, 2015).

A avaliação do SINAES era realizada através de três meios, o primeiro pelo Exame Nacional do Desempenho dos Estudantes (ENADE), que tinha como objetivo identificar habilidades e competências de universitários de cada curso. O segundo pela Avaliação das Instituições e Ensino Superior (Avalies) e o terceiro pela Avaliação dos Cursos de Graduação (ACG). (TRAINA-CHACON; CALDERÓN, 2015).

Ainda no primeiro mandato do governo Lula outras regulamentações foram efetuadas, em destaque o Programa Universidade para Todos (ProUni) que previa isenção fiscal para as Instituições Privadas de Ensino Superior em troca de vaga para alunos de baixa renda. Através do ProUni visava-se para o

Ensino Superior uma democratização do acesso de forma mais ampla e uma maior permanência dos alunos numa Universidade reformada, expandida e com qualidade.

Instituído pela Lei nº 11.096/2005, o ProUni é destinado a autorização de bolsas de estudo integrais e parciais (de 50% ou de 25%) para estudantes de graduação em Instituições Privadas de Ensino Superior, com ou sem fins lucrativos. E às IES que aderissem o programa, seria oferecida a isenção de alguns impostos e contribuições. Assim, as políticas adotadas por Lula, contribuíram para o aumento do número de IES Públicas e Privadas, como observado abaixo, na tabela 4, onde verificamos um aumento semelhante nos números do setor público e privado.

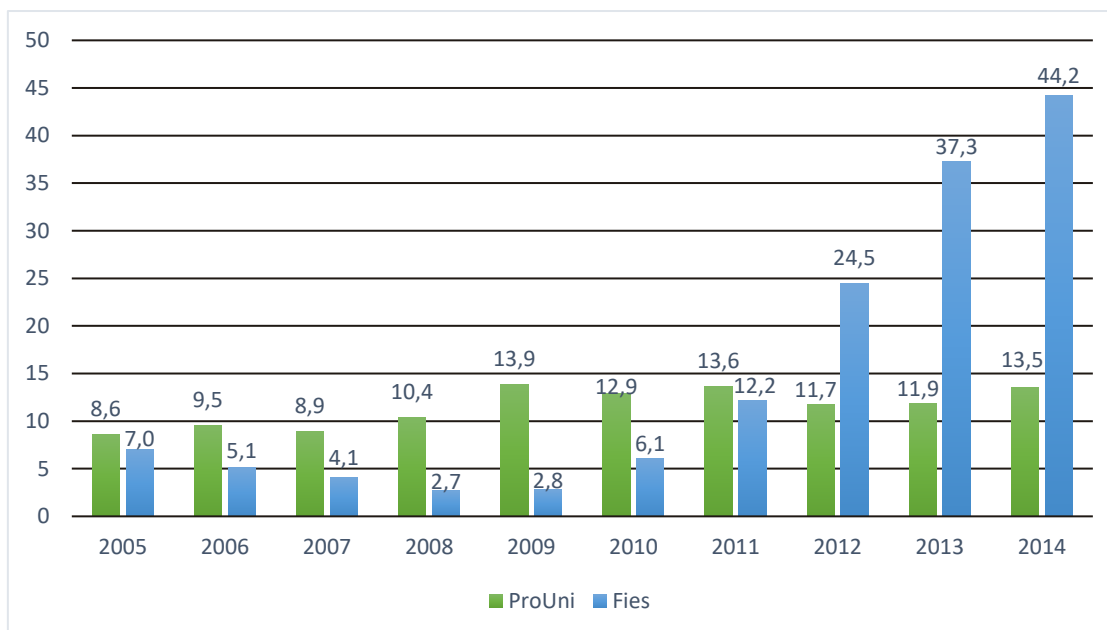
Tabela 4. Evolução do número de Instituições de educação superior por dependência administrativa no Brasil durante o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010)

Ano	Total	Federal	Estadual	Municipal	Privada
2003	1.859	83	65	59	1.652
2010	2.378	99	108	71	2.100
2003/2010 (%)	27.9	19.3	66.2	20.3	27.1

Fonte: Traina-Chacon e Calderón (2015).

Durante o governo Lula, houve também a ampliação de um programa criado no governo de FHC, que tinha como intuito viabilizar a sustentabilidade da expansão da educação superior pela via privada, dessa forma, em 1999 cria-se o Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (Fies). O Fies é um programa destinado a financiar a graduação de estudantes matriculados em Instituições de Ensino Superior Privado, portanto os critérios adotados para selecionar os acadêmicos, tem como objetivo atender a população que realmente não possui condições para assumir as despesas de um curso de graduação, de forma a garantir prioridade no atendimento aos estudantes com situação econômica menos privilegiada. (CORBUCCI; KUBOTA; MEIRA, 2016).

Gráfico 3. Bolsas do ProUni e contratos do Fies novos como proporção dos ingressos em cursos de graduação presenciais no setor privado – Brasil (2005-2014)



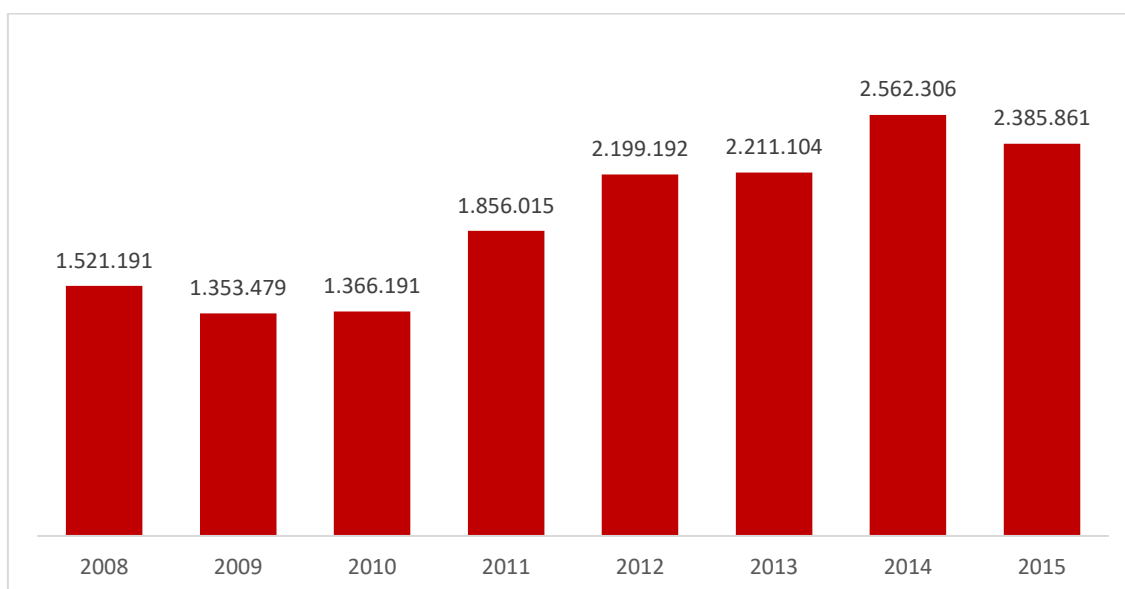
Fonte: Corbucci; Kubota e Meira (2016)

Nos anos de 2005 a 2014, observamos um crescimento de forma expressiva do número de estudantes beneficiados com bolsas do ProUni e, principalmente por contratos e financiamento do Fies, como observados no gráfico acima. O setor privado atualmente é responsável pela maior parte da educação superior brasileira, e a expectativa é que esse tipo de sistema expanda-se cada vez mais, dado às limitações de recursos do setor público, pois nos últimos anos o governo tem desenvolvido uma política de redução drástica de verbas para as Instituições Públicas de Ensino Superior, o que tem contribuído para o crescimento do setor privado e acentuado a crise do setor público. Portanto:

A expansão do setor privado e sua natureza frequentemente empresarial são percebidas como uma aberração que caberia limitar ou coibir, sendo no máximo tolerada como mal inevitável, mas nunca apoiada ou subvencionada. No outro extremo estão os que defendem que as instituições privadas, sobretudo as de natureza confessional, religiosa e comunitária, desempenham função social relevante e deveriam ser subvencionadas com recursos públicos (...). Finalmente, no setor mais claramente empresarial, predomina a busca de uma liberdade empresarial absoluta do setor privado, em que se considera como abusivos quaisquer atos do poder público que busquem garantir a qualidade e regular a provisão de serviços do setor. (SCHWARTZMAN e SCHWARTZMAN, 2002, p. 6).

Os novos arranjos do setor privado para as IES Privadas do país correspondem a grandes negócios, onde presenciamos Instituições Particulares associando-se a bancos para abrir seu capital, ou associando-se a redes internacionais de educação. Na visão do capital internacional, Instituições de Ensino Superior são bons negócios para o país, quando possuem patrimônios e uma marca consolidada no mercado, onde as chances de investimentos externos serão maiores para as oportunidades de multiplicar o lucro. Podemos observar essa expansão ao analisarmos o gráfico 4, que mostra a evolução no número de ingressantes em Instituições Privadas, no período de 2008 a 2015.

Gráfico 4. Novos alunos na rede privada – Evolução do total de ingressantes nas Instituições particulares.



Fonte: Elaborado pela autora.

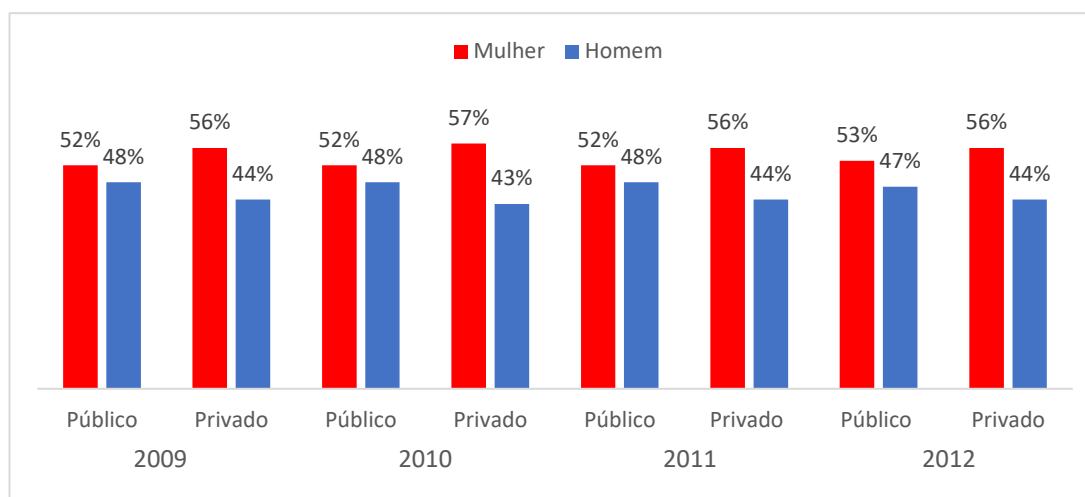
As transformações que ocorreram no sistema de Ensino Superior brasileiro, segundo Sampaio (1991) são partes de um processo mais amplo de modernização. O rápido crescimento do investimento privado por meio de grandes redes educacionais tem provocado mudanças profundas no âmbito do próprio setor privado e proporcionado novas questões para somar-se aos debates antigos sobre o Ensino Superior. Atualmente, as transformações do setor privado no Brasil, compreende-se com um fenômeno geral, onde o crescimento do financiamento privado no Ensino Superior apresentam singularidades, que:

Introduzem novos elementos à dinâmica que o ensino superior privado vem estabelecendo com o mercado neste início de século. O aumento dos cursos de mestrado, de especialização, de MBAs e a forte presença em todos os níveis da educação a distância sugerem que os cursos de graduação presenciais são apenas um dos nichos do mercado (...).

Buscar continuamente alunos e inventar maneiras de mantê-lo sempre por perto, oferecendo atualizações, novidades e sonhos de pertença num mundo em constante transformação, constituem o desafio hoje para o setor privado. (SAMPAIO, 2011, p. 38-39).

Como resposta as mudanças e transformações, encontramos a crescente busca de Universidades, por parte de jovens oriundos de famílias sem instrução de nível superior, houve também um crescimento por parte das pessoas mais velhas, que buscam através do Ensino Superior melhorar sua posição no determinado emprego, ocorreu a ampliação do contingente feminino em cursos antes com predominância masculina, e o oposto também. Diante dessas transformações a evolução da educação superior brasileira apresenta algumas peculiaridades.

Uma dessas peculiaridades, diz respeito ao fato da expansão do Ensino Superior brasileiro ter se dado primeiramente pela ampliação do setor privado, que corresponde pela maioria das matrículas dos cursos superiores atualmente. O fato de ocorrer essa predominância pelo setor privado, é ocasionada pelo mesmo se especializar em determinadas áreas de formação, concentrando-se em especialidades menos técnicas e de demanda mais imediata para o mercado de trabalho, desta forma o setor molda-se para atender as necessidades dos alunos. Esses alunos, em sua maioria estudam no período noturno, e a proporção de serem mais velhos é maior, para exemplificar destaque a área da educação, onde formam-se grupos mais velhos, composto sobretudo por pessoas que buscam melhorar sua intitulação. Portanto, o setor privado concentra suas atividades em cursos noturnos, nas áreas das ciências sociais, e para alunos mais velhos, que presumivelmente trabalham durante o dia. Outro fator importante é referente a composição relativa ao sexo no Ensino Superior, pois tanto no Ensino Privado quanto no público há uma predominância feminina, como observado no gráfico abaixo:

Gráfico 5. Matrículas de Gênero x Rede Pública/Privada (2009-2012)

Fonte: Barreto (2016)

Mesmo com a feminização do magistério da docência, onde o contingente feminino passa a ser majoritário tanto na Educação Infantil, quanto no Ensino Fundamental e Superior, os homens ainda ocupam as funções de maior prestígio social e recebem os salários mais altos, como aponta Rabelo e Martins (2006), onde na área educacional os homens, no decorrer do século XX, apresentavam facilidades para ascender socialmente por serem considerados melhores “líderes”, portanto conseguiam assumir outros cargos como direção, inspeção e funções administrativas. Logo, as características no processo de feminização do magistério são associadas “às péssimas condições de trabalho, ao rebaixamento salarial e à estratificação sexual da carreira docente, assim como à reprodução de estereótipos” (VIANNA, 2001, p.90).

Na conjuntura atual, a associação da mulher com o magistério mostra-se muito presente, e este estereótipo acentua-se ainda mais quando posto em destaque à docência com crianças, uma vez que as concepções da sociedade prosseguem com a visão das mulheres ligadas a maternidade, vistas como uma “segunda mãe” dentro da sala de aula.

Esse padrão de modelo “ideal”, construídos pela sociedade, interfere e influencia os sujeitos no momento de sua escolha profissional, pois os mesmos têm a consciência de que a Pedagogia, quando relacionada ao sexo masculino, delimita e restringe as suas oportunidades no mercado de trabalho por se tratar de um curso arraigado a concepções estabelecidas pela sociedade, onde

apenas a mulher adequa-se ao trabalho docente, e onde também ocorre, ainda, uma grande associação da Pedagogia como um curso voltado apenas para a sala de aula, mais especificamente com crianças.

Este tipo de preconceito não acontece somente no Ensino Superior, também se revela no próprio mercado de trabalho, onde determinadas empresas, até no momento de contratar estagiários, acabam por estabelecer uma preferência ao gênero predominante da profissão, que no caso da Pedagogia essa preferência é explicitamente feminina. Porém, esses homens não devem interpretar esses fatores como algo que possam provocar a sua desistência numa carreira profissional no ramo da Pedagogia, mas sim como um desafio que está por vir, e se é possível suportar a pressão da sociedade que, embora negue, mantém vivo o preconceito de gênero no mercado profissional.

Os motivos que levam a decisão de homens a optarem pelo curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, raramente são justificados como uma escolha própria por apresentarem uma afinidade ou vocação. Essa decisão está muito associada ao fato do curso ser frequentado majoritariamente pelos indivíduos das camadas populares, onde os mesmos veem a Pedagogia como a sua única opção para ingressar em uma formação Superior. Esses sujeitos, de acordo com Nascimento, Souza e Ferreira (2011, p.12), “em sua maioria, provém de famílias de baixo capital cultural, sendo o estudante, na maioria das vezes o primeiro membro da família a alcançar os estudos superiores”.

Outro motivo que possivelmente justifica a escolha da Pedagogia por parte dos homens, está relacionado à facilidade de acesso no ingresso a Universidade. Pois o curso apresenta-se entre os que possuem a menor média percentual para a aprovação no vestibular. Como bem destacado Pinho (2016) em um levantamento, onde mostra que um a cada cinco jovens que entraram no curso de Pedagogia tiveram um desempenho baixo no Enem. Esses dados são ainda mais reforçados ao descrever que tanto em relação aos ingressantes, quanto aos concluintes, o Curso de Pedagogia é o que apresenta o resultado mais baixo neste exame.

Dados do Censo de Professores da Educação Básica (INEP, 2009), revelam que quanto menor a faixa etária das crianças, menor também é o percentual de homens que atuam na primeira etapa da educação básica, e

posteriormente no primeiro ciclo do Ensino Fundamental. Em alguns casos, mesmo não se concretizando uma experiência, o próprio homem acredita não ser capaz de assumir um papel de educador quando posto em uma sala de aula com crianças. Dessa forma, a escolha do curso superior é vista como um dos momentos mais conflitantes na trajetória escolar, pois assume grande importância no plano individual que envolve a definição das futuras experiências profissionais, dessa forma, o meio social em que o indivíduo está inserido interfere na sua propensão ao curso. O processo de escolha é definido por fatores sociais, econômicos e culturais, portanto neste contexto destacam-se a família e os demais rumos de referência, a baixa concorrência do curso, o desejo de ascensão social, entre outros.

III- VOZES MASCULINAS DA PEDAGOGIA

O início da pesquisa de campo teve como princípio a localização dos sujeitos em seus respectivos locais de ensino. E, para concretizar essa localização, utilizei instrumentos que facilitassem a procura e entrei em contato com conhecidos aos quais frequentam IES Particulares. Como exemplo desses instrumentos, usufruí do auxílio que as redes sociais nos proporcionam, divulgando em páginas sociais a minha linha de pesquisa e pedindo a assistência para que compartilhassem a minha busca.

Porém, mesmo após a divulgação nas redes sociais, tive muitas dificuldades para localizar os sujeitos, pois os mesmos encontravam-se em um número muito reduzido, defrontando-me com apenas três estudantes por turmas, e em algumas, a existência de apenas um aluno homem. E, mesmo após a procurar ter se concretizado, muitos desses estudantes homens alegaram impossibilidades para me conceder a entrevista, dessa forma, o número de sujeitos reduziu-se ainda mais. Assim, devido aos impasses e as dificuldades, pude concretizar apenas cinco entrevistas, e em meio a estas entrevistas, também encontrei problemas com relação a disponibilidade nos horários, pois muitos argumentaram estar atarefados com atividades referentes a Faculdade, então, ocorreram muitos reajustes quanto ao dia, o horário e o local, para que assim pudesse ser realizada a entrevista.

Ao solicitar as entrevistas, foi unânime da parte dos sujeitos, indagar quanto a duração, ao qual eu respondi que não poderia estabelecer um tempo concreto para o término, pois iria depender da forma como procederiam os depoimentos dados pelos mesmos, outra indagação, foi quanto ao número de perguntas e sobre quais assuntos elas abordariam, ao qual eu respondi que estariam presentes no roteiro quatorze perguntas, porém no decorrer da entrevista poderiam surgir outras a partir dos relatos dados, e que as perguntas estavam relacionadas ao curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Ensino Superior Privado e sobre a presença masculina no referido curso.

As entrevistas tiveram em média a duração de quinze minutos, com exceção de duas, onde uma teve a duração de seis minutos e a outra de uma hora, e aconteceram em locais silenciosos, ocorrendo três delas na própria IES y, uma delas no Parque da Residência e a última na IES x. Com o objetivo de

obter uma maior descrição quanto as vivências e experiências por parte dos entrevistados, procurei estimulá-los a pensar e a se expressarem livremente sobre os assuntos em questão. Deste modo, constatei que durante os relatos, os sujeitos transpareciam estar tranquilos e interessados na temática da pesquisa, expondo, assim, opiniões críticas ao serem questionados sobre as dificuldades enfrentadas por serem homens e cursarem Pedagogia e quanto a escolha de frequentar uma IES Privada.

A pesquisa, pautada através dos princípios da conduta e da ética, priorizou a preservação da identidade nominal dos entrevistados, portanto, para os mesmos, foram determinados nomes fictícios para assim identificá-los. Dessa forma, como respaldo desses princípios da conduta e da ética, foi solicitado aos entrevistados que assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

O primeiro entrevistado se chama Wesley, tem 25 anos, frequenta a IES y no período noturno, atualmente está no 4º semestre do curso de Pedagogia, e anteriormente cursava História, também na mesma Instituição, trabalha com Educação Popular e reside com três amigos.

O segundo entrevistado se chama Júnior, tem 20 anos, frequenta a IES y no período noturno, está no 6º semestre do curso de Pedagogia, não trabalha e reside com sua família.

O terceiro entrevistado se chama Fagner, tem 26 anos, frequenta a IES y no período noturno, está no 6º semestre do curso de Pedagogia, trabalha como professor de informática com turmas do 5º ano.

O quarto entrevistado se chama Eduardo, tem 26 anos, é recém concludente do curso de Pedagogia, no período matutino, frequentava a IES x através de uma bolsa de estudos oferecida pelo ProUni e atualmente é integrante de um grupo de Rap.

O quinto entrevistado se chama Sávio, tem 20 anos, frequenta a IES x no período vespertino, está no 6º semestre do curso de Pedagogia e é estagiário no Museu Emílio Goeldi, anteriormente residia na ilha do Marajó, mas atualmente reside em Belém.

3.1- Motivações para escolher a Pedagogia como curso para formação acadêmica

Para dar início a entrevista, os estudantes foram solicitados a falar sobre os motivos que os levaram a escolher a Pedagogia. A partir das respostas dos entrevistados, podemos localizar três motivações diferentes. A primeira se refere ao acesso para ingressar no Ensino Superior associado ao valor da mensalidade do curso de Pedagogia:

Assim, a Pedagogia não é a minha escolha de primeira opção, a minha primeira opção sempre foi desde o Ensino Médio Publicidade e Propaganda, mas assim eu escolhi o curso depois que a minha prima se formou em Pedagogia, ela se formou aí eu fui ... ela me falou sobre o curso e eu fui atrás pesquisar, aí gostei, eu vi que nas faculdades era um curso super acessível, tanto forma de pagamento, e ... porque assim na verdade eu optei escolher Pedagogia por ser mais barato também e porque eu não ia ter condições dos meus pais pagarem o curso de Publicidade, eu escolhi Pedagogia porque eu gostei da História como ia ser o ensino, e é isso. (JÚNIOR).

Ao se referir que o curso é “*super acessível*”, Júnior se remete ao valor da mensalidade, que ele nomeia como “*forma de pagamento*” ou ainda como “*mais barato*”, isto demonstra um dado evidente da realidade, pois entre os cursos ofertados nas IES Particulares, a Pedagogia é um dos mais baratos em termos de valor da mensalidade, devido a mesma apresentar uma despesa mínima para a Instituição Particular. Essa acessibilidade que o curso proporciona, também pode ser evidenciada nas Instituições Públicas ao ofertar uma quantidade significativa de vagas para o curso de Pedagogia. Bruschini e Amado (1988) destacam que desde a década de 50 os cursos de Licenciatura apresentavam-se com custos reduzidos de instalação, logo, as Instituições Particulares se concentravam em ofertar esses cursos, ao qual não eram rigorosos na sua admissão, disponibilizavam uma grande quantidade de vagas e o seu valor era acessível.

Por consequência dessa realidade, a Pedagogia se apresenta como uma “colcha de retalhos” onde destinam-se alunos que não conseguiram aprovação no curso desejado, como evidenciado na fala de Júnior, onde ele diz “*a Pedagogia não é a minha primeira opção*”, assim, o mesmo optou por Pedagogia ao ver na sua acessibilidade uma oportunidade para concretizar o seu ingresso no Ensino Superior, uma vez que a própria Instituição ao qual o

entrevistado frequenta também oferece cursos com o mesmo valor de mensalidade, porém são mais concorridos e com um número inferior de vagas.

Dessa forma, os motivos que levam os homens a optar pelo curso Pedagogia raramente são justificados como uma escolha própria ou por apresentarem uma afinidade, pois, de acordo com Nascimento, Souza e Ferreira (2011), esses sujeitos que compõem o curso de Pedagogia em sua maioria advém de famílias com baixa renda, ou ainda, o estudante apresenta-se como o primeiro membro de sua família a ingressar no Ensino Superior.

A segunda motivação se refere aqueles que indicaram gostar do trabalho educacional realizado no ambiente escolar, como vemos em seguida:

É, porque eu escolhi esse curso!? Tava em dúvida entre Pedagogia e Psicologia ..., veio os dois, passei nas duas, só que ... é ... eu escolhi Pedagogia porque eu me dou mais com jovem, criança ..., não tenho essa ... não tenho nenhuma dificuldade em falar em público, até falo de mais, então ... eu juntei essa ... esses dois desejos ... e decidi fazer Pedagogia, e pretendo fazer a Pós de Gestão ou de Psicopedagogia, ... tanto faz. E estar nesse curso é um grande privilégio, mesmo sendo desvalorizado né ... por vários outros cursos ... muitos ... cheguei já a quase desistir por causa desse preconceito enorme que teve, já fui pra várias entrevistas ... e fui desvalorizado porque era homem, e eu não podia ficar com Educação Infantil, porque não podia cuidar de crianças, então era ... era bem triste pra mim ... até eu conseguir um emprego, tenho mais de 200 alunos ..., trabalho na escola Salesiano do Trabalho, já fiz estágio no Marista, fazia estágio no Vilhena Alves. Então esse trabalho que eu consegui me ajudou muito com a experiência que eu tô tendo ..., eu tô com crianças a mais de de do 5º ano, mas porque eu já tenho formação em informática, eu sou técnico em informática, ... então muito bom. (FAGNER).

O que me levou a escolher o curso de Pedagogia é vem muito de família, meu pai é professor, ele é pedagogo, ele foi formado nessa área e tem Pós-graduação. Então, assim eu me espelhava muito nele, que ele me levava pra escola, fazia os trabalhos com ele, pra mim ver como era o cotidiano dele, então a partir dessa vivência que eu tive com ele eu comecei a ter digamos um amor por estar na escola, por ensinar, e ele até me dava oportunidades assim pra ajudar ele em alguma coisa na sala de aula, então comecei a gostar e isso me trouxe pra Pedagogia. (SÁVIO).

No relato de Fagner, podemos constatar a identificação com o trabalho educacional no momento em que ele justifica a sua escolha pelo curso de Pedagogia, ao qual descreve que “eu escolhi Pedagogia porque eu me dou mais com jovens, crianças”. Essa justificativa é ainda mais consolidada ao informar a sua aprovação também no curso de Psicologia, porém o mesmo acaba por optar para sua formação acadêmica o curso de Pedagogia. Fagner

ainda relata o seu contentamento ao dizer que “*estar nesse curso é um grande privilégio*”.

Já no relato de Sávio, essa identificação é verificada ao informar um “*amor por estar na escola, por ensinar*”, e esse amor pelo trabalho docente tem como principal influenciador o seu próprio pai, ao qual ele relata também ser pedagogo e que, portanto, se “*espelhava muito nele*” ao ponto de também optar para sua formação acadêmica a Pedagogia. Observamos que em muitos casos, à docência apresenta-se como uma tradição familiar, onde os filhos ao vivenciarem as práticas de seus pais acabam por optar pela mesma carreira profissional, essa escolha pode acontecer de forma espontânea, uma vez que a pessoa tenha uma empatia pela área, como constatado no relato de Sávio, ou pode ocorrer de forma imposta, ainda que de maneira subjetiva, pois entende-se que, se vários componentes da família escolheram aquele determinado curso, então, as gerações futuras são pressionadas a obrigatoriamente escolherem também o referido curso.

Podemos observar que ao declararem ter uma identificação com a docência, profissão essa associada diretamente a mulher, Fagner e Sávio se distanciam do modelo tradicional de masculinidade, que de acordo com Beraldo e Trindade (2016) é construído a partir de negações, onde o homem não deve gostar de coisas femininas e não pode demonstrar suas emoções ou qualquer tipo de afetividade, atributos esses presentes nas práticas ditas como femininas como educar e cuidar, correlacionadas de forma direta com a docência.

A terceira motivação é referente aqueles que apontaram a educação como uma mudança da realidade social:

Hum, bom, é como eu disse... História foi algo que eu comecei antes da Pedagogia, larguei no 5º semestre, o que eu aprendi com a História? Eu costume sempre dizer e brincar que a História sim me mostra que o futuro é a Pedagogia, então foi um por esses motivos que eu decidi trocar de curso mesmo gostando História, amando. Mas eu percebi que até certo tempo, quando eu cursava, o saber da tipo História eu gostava mais pro meu pessoal, que eu queria ir muito mais além da tipo educação, só que eu tando no tipo, ... é né..., no campo da História eu não ia conseguir o que eu queria de fato, então ... eu percebi que a tipo Pedagogia ia tipo me dar mais abertura é pelo que queria fazer, então foi um é ... tipo... um dos motivo. E um desses motivos também é querer mudar um pouquinho o quadro tipo social naquilo que for no meu limite, mais da rede pública focado aos jovens negros. (WESLEY).

Bom, dos motivos que me levaram a escolher o curso de Pedagogia primeiramente foi porque eu sempre tive como pauta principal na pesquisa a educação, entende!? E eu venho de bairro periférico onde a educação é muito escassa, e eu tive a oportunidade de observar desde criança o quanto era importante a alfabetização, porque a minha mãe alfabetizava crianças em casa e eu observava aquilo, e foi algo que eu levei pra mim a vida inteira até depois de adulto acabei agregando esses valores de educar dentro de casa até a vida adulta, e foi um dos motivos que eu escolhi o curso de Pedagogia. (EDUARDO).

Na fala de Wesley, pode ser evidenciado que o motivo principal para ter escolhido o curso de Pedagogia está relacionado ao *“querer mudar um pouquinho o quadro tipo social”*. Esse posicionamento é referente a consideração de que a educação pode trazer mudanças para a realidade social enfrentada. Wesley ainda centraliza o foco dessa mudança social, na qual seria a *“rede pública focado aos jovens negros”*, e essa mudança, segundo o entrevistado, aconteceria através da Pedagogia, uma vez que alega que *“o futuro é a Pedagogia”*, e que a mesma daria mais oportunidades ou ainda *“mais abertura”* para o que futuramente planeja realizar.

No relato de Eduardo identificamos um interesse pela área educacional ao declarar ter *“como pauta principal na pesquisa a educação”*, pois foi através dessa educação que o mesmo teve a percepção do *“quanto era importante a alfabetização”* a partir de sua vivência pessoal, uma vez que o mesmo declara que observava sua mãe alfabetizar e educar dentro de casa. Assim, Eduardo compreende o quanto são imprescindíveis o estudo e o conhecimento, ao declarar vir de *“bairro periférico onde a educação é muito escassa”*, e que essa educação, para ele, é vista como uma oportunidade para gerar mudanças na realidade social enfrentada.

As IES assumem uma função relevante para efetuar e concretizar tais transformações, uma vez que disseminam conhecimento e ao mesmo tempo refletem os aspectos da realidade social, onde a educação é compreendida como protagonista para construção de uma igualdade, como evidenciado por Farber, Verdinelli e Ramezanali (2012). Dessa forma, as Instituições de Ensino Superior Particulares oferecem oportunidades para os que almejam uma transformação na realidade social, ao se moldarem para atender as necessidades dos alunos através da busca contínua por atualizações e novidades que possam cada vez mais atrair esse público, como afirma Sampaio (2011).

3.2- Satisfações e objetivos para exercer a prática educativa

Em seguida, os entrevistados foram questionados quanto a satisfação com relação a escolha do curso e se já pensaram em desistir ou pedir transferência. Nos relatos podemos observar três posições diversificadas. A primeira é relacionada a uma satisfação por estar frequentando o curso de Pedagogia. Identificamos a mesma posição presente em três entrevistas, das quais destacamos a que se segue:

Não, não. Em nenhum momento pensei se quer em pedir transferência, sempre tive focado na Pedagogia mesmo, é inclusive tô pensando em me especializar, fazer Pós só nessa área da Pedagogia, é porque eu gostei muito, como eu te disse é de família, já vem assim ... uma geração, então eu prefiro continuar na Pedagogia. (SÁVIO).

No relato de Sávio, onde ele diz que “*em nenhum momento pensei se quer em pedir transferência*”, podemos constatar uma satisfação por estar frequentando o curso desejado, e essa satisfação é também evidenciada e compartilhada pela família, ao relatar que a Pedagogia “*é de família, já vem assim ... uma geração*”, onde outros familiares também optaram pelo curso de Pedagogia como formação acadêmica. Observamos também que Sávio tem pretensão de dar continuidade nesta formação, ao declarar que “*inclusive tô pensando em me especializar, fazer Pós só nessa área da Pedagogia*”.

A segunda posição refere-se a uma satisfação pela diversidade de áreas oferecidas pelo curso:

Não, não. Eu já pensei só uma vez aqui, porque aqui na IES y é integrada logo no início, ai tem como mudar, pensei assim rapidamente pra Geografia, mas ... melhor não porque ... porque eu escolhi Pedagogia também pela diversidade de ... de áreas de trabalho, Gestão Hospitalar, Gestão Empresarial, Fundamental, Infantil, tem uma diversidade enorme, trabalhar com Coordenação, Direção, então se fosse pra Geografia ia ser só professor, não gosto de ter só uma função, gosto de ter várias opções. (FAGNER).

O entrevistado informa que pensou em pedir transferência “*assim rapidamente pra Geografia*”, porém escolheu continuar na Pedagogia “*pela diversidade de ... de áreas de trabalho*”, onde o mesmo informa ser “*uma diversidade enorme*”. Assim, o entrevistado interpreta que ao optar por Geografia, o mesmo “*ia ser só professor*”, enquanto que com a formação acadêmica em Pedagogia, ele iria dispor de várias oportunidades de atuação ao findar o curso, e essas áreas de atuação possibilitam trabalhar tanto em

espaços escolares quanto não escolares, exemplificadas por Fagner como “*Gestão Hospitalar, Gestão Empresarial, Fundamental, Infantil*”. Ao destacar as diversas áreas de atuação do pedagogo, percebemos na fala de Fagner a importância desse profissional para formação de cidadãos democráticos, pois, como afirma Libâneo (1996), o pedagogo atua em várias instâncias da prática educacional ligadas aos processos de transmissão e assimilação do conhecimento, seja essa prática administrada de forma direta ou indireta.

A terceira posição é associada a uma satisfação, porém com um certo desconforto por situações enfrentadas, como vemos logo após:

Olha, eu te falo que não chega a ser uma insatisfação, mas algumas pessoas de algumas escolas, principalmente coordenadoras pedagógicas e diretoras, é a gente tem uma certa angústia sim, porque ainda é complicado o homem adentrar em certos espaços da Pedagogia, é digamos que dentro de sala de aula principalmente. E se for trabalhar com uma turma de crianças, por exemplo, é bem complicado pra gente trabalhar na Educação Infantil, pode tá aberto lá a vaga pra Educação Infantil, mas enfim se não tiver uma pedagoga é muito complicado porque ainda há um preconceito muito grande com os homens dentro do curso. Então há uma angústia sim, mas eu te falo que eu não sou insatisfeito porque eu posso hoje com o papel da Pedagogia aliado a cultura de rua, que é um outro meu trabalho, adentrar nas escolas mais facilmente, porque antes quando eu chegava na escola, eu falava que eu ia trabalhar com Rap era complicado porque tem esse preconceito também, mas quando eu falo que eu sou pedagogo aliado ao Rap, facilita a entrada dentro da escola entende. Então eu te digo que eu não sou insatisfeito, mas há uma angústia por parte de algumas pessoas que ainda tem a mente muito fechada em relação aos homens trabalhar com crianças, trabalhar na Educação Infantil entendeu!? Eu acho que isso é muito equivocado ainda da parte dessas pessoas. (EDUARDO).

Ao relatar que “*não chega a ser uma insatisfação*” e sim “*uma angústia*”, Eduardo refere-se as dificuldades enfrentadas por ser homem ao tentar adentrar os espaços escolares, principalmente na Educação Infantil e Ensino Fundamental, onde o mesmo expõe que certas pessoas ainda possuem “*uma mente muito fechada em relação aos homens trabalhar com crianças*”, pois, segundo Rabelo e Martins (2006), desde o período Republicano que se considera o magistério uma profissão feminina. Dessa forma, muitos ainda associam a mulher como o perfil de pessoa apta a atuar dentro da sala de aula, porque a mesma ainda é vista como a responsável por cuidar e educar, e que, portanto, os homens não seriam capazes de exercer essa tarefa. Eduardo também destaca que essa mentalidade muitas vezes é defendida por “*principalmente coordenadoras pedagógicas e diretoras*”, as quais deveriam ser

responsáveis por desconstruir essa mentalidade sexista dentro da Instituição escolar, mais, no entanto, acaba por se propagar esse tipo de preconceito onde para os homens “*pode tá aberto lá a vaga pra Educação Infantil, mas enfim se não tiver uma pedagoga é muito complicado*”.

Outra questão exposta por Eduardo, é a utilização da “*Pedagogia aliado a cultura de rua*” como uma estratégia para “*adentrar nas escolas mais facilmente*”, pois o mesmo relata que quando ia trabalhar com o Rap dentro das escolas também enfrentava um grande preconceito, e com a junção da Pedagogia e o Rap, o mesmo pode adentrar de forma mais acessível na escola e assim poder trabalhar a cultura de rua dentro desse espaço, pois o diploma de pedagogo credencia e legitima o seu trabalho.

Ao observarmos as respostas de todos os entrevistados evidenciamos que apesar de a Pedagogia não ser a primeira opção de curso para a maioria, com exceção de Sávio que optou pelo curso como sua primeira opção, identificamos um prazer por frequentarem o curso, mesmo com as dificuldades enfrentadas pelos mesmos.

Ao serem perguntados, se os entrevistados durante o período escolar já objetivavam para o Ensino Superior, cursar a Pedagogia, podemos identificar em suas falas dois posicionamentos. O primeiro é referente ao não interesse de cursar a Pedagogia durante o período escolar, como os mesmos responderam abaixo:

Hum, não, não, não. Eu queria trabalhar com educação no campo da tipo História, mas não na Pedagogia ainda, eu queria intervir de fato na tipo educação, ai depois quando eu fui entrando a mais na faculdade né, e conhecendo outros teóricos, tipo estudando, é conhecendo outros pedagogos tipo da área do qual um deles pra mim é o meu mestre vivo que é o Pacheco, não sei se você conhece ele, o José Pacheco no qual já tive a honra de tá com ele várias vezes pessoalmente conversando. É duas desses ... dois desses encontros no tipo Rio de Janeiro no Congresso e um foi aqui em Belém pela feira do livro, então ele assim foi minha referência de como, assim ... de como a Pedagogia é importante nesse mundo que a gente tá vivendo de golpes e crise. (WESLEY).

Era Psicologia. Psicologia ..., ai depois fui pesquisando áreas afins. Ah não deu, não dá Psicologia, então trabalha muito também o pensamento da educação. Eu tava escolhendo uma área que desse pra mim falar bastante, pra mim ter contato humano, eu não gosto de área que fica sentado ..., no computador, eu não gosto, eu gosto de contato. (FAGNER).

Verificamos que Wesley tinha como interesse trabalhar na área da educação, voltada para o “*campo da tipo História*”, contudo, ao conhecer outros profissionais da educação, como ele mesmo exemplifica “*um deles pra mim é o meu mestre vivo que é o Pacheco*”, observou como a Pedagogia é importante para formação das pessoas, e, portanto, o mesmo identificou na Pedagogia a possibilidade de dar continuidade no seu interesse da área educacional. Já Fagner, relata que no período escolar seu interesse era cursar Psicologia, porém foi “*pesquisando áreas afins*” relacionadas a educação que o mesmo se identificou com a Pedagogia. Outro entrevistado, Júnior, afirma em seu relato que, primeiramente, tinha como intenção cursar Publicidade, porém, após presenciar em sua composição familiar a graduação de uma parente no curso de Pedagogia, o mesmo sentiu uma curiosidade e um interesse pelo referido curso, o que se constituiu como uma das motivações que o levaram a optar pelo curso de Pedagogia.

O segundo posicionamento está relacionado ao objetivo de cursar Pedagogia ainda durante o período escolar:

Sim, sim. Como lhe disse, é geração, eu me baseava assim, me espelhava sempre no meu pai, que ele dava aula e eu ia pra escola com ele, então desde assim o Ensino Médio eu já tinha o pensamento. (SÁVIO).

Na fala de Sávio, o mesmo informa que desde o período escolar objetivava cursar Pedagogia, pois o curso está presente como formação acadêmica para seus familiares. Ao relatar que esse objetivo se apresenta “*desde assim o Ensino Médio*”, Sávio realiza uma ruptura em um estereótipo já existente, onde se presume que desde o período escolar os homens possuam como alvo, ao adentrar no Ensino Superior, aprovações em cursos relacionados a exatas ou ainda que apresentem em sua composição o público masculino. E, a ruptura desse estereótipo é ainda mais evidente ao observarmos o seu relato na pergunta anterior, onde Sávio expõe que o curso de Pedagogia sempre foi o seu foco, e que ao adentrar no referido curso, nunca pensou em desistir.

A propagação desses estereótipos, que determinam quais áreas são estabelecidas como femininas ou masculinas, são influências de uma criação moldada por uma masculinidade tradicional, onde perpetuam disparidades de gênero no mercado de trabalho, que segundo Farber, Verdinelli e Ramezanali

(2012), podem ser averiguadas por meio de indicadores como o posicionamento de homens e mulheres em determinados cargos dentro das empresas, ou ainda na própria área de conhecimento, onde encontramos verdadeiros hiatos de gênero. Assim, para Wang, Jablonski e Magalhães (2006), a reprodução dos estereótipos de gênero são evidenciados não somente pela maneira como os pais educam seus filhos, mas sobretudo, pela forma como esses pais foram educados, pois, se os mesmos tiveram como base uma criação pautada em modelos padrões de feminilidade e masculinidade, provavelmente perpetuaram os estereótipos ao repassarem esses padrões aos seus filhos.

Em seguida, os entrevistados foram questionados quanto a área em que eles futuramente objetivavam trabalhar. Obtivemos três perspectivas. A primeira perspectiva está relacionada a uma área específica ao qual os entrevistados objetivam atuar:

Hum, boa pergunta. Assim a área até então ainda não consegui ... visar de fato qual a área que eu quero, mas eu penso em trabalhar na tipo educação de Jovens e Adultos, ... assim é passando pela de base no começo, que o meu foco mesmo é trabalhar com as pessoas mais velhas porque logo quando entra na Pedagogia eu vejo alguns alunos ainda, não é que seja ruim, acho muito legal também, mas se esquece do povo mais velho, visa só a criança, criança pra lá, criança pra cá, até assim no próprio curso a gente é, como a gente fala, em diversas aulas a palavra criança é muito maior do que a pessoa mais velha, então o meu foco é atuar com Jovens e Adultos. (WESLEY).

Na área da Gestão, porque assim nesse 6º semestre, eu tava esperando até chegar no 6º semestre pra chegada da Gestão, ai eu tô estudando agora, mas eu pretendo continuar na área da Gestão. (JÚNIOR).

Eu tenho planos só ainda não decidi por qual, por isso que eu terminei o curso agora e tô esperando começar Janeiro pra ... pra abrir novas vias, mas sim, com certeza, fazer Pós-Graduação, e ... buscar outras coisas mais, me especializar em outros ramos da Pedagogia, acho que é necessário. Eu te falo que eu observo como um todo entendeu!? Como eu te falei, eu ainda não escolhi em que me especializar, por isso que eu ainda não caminhei para esse espaço, mas eu te falo que a principal coisa da Pedagogia que me encanta mesmo é a parte da alfabetização, no momento. (EDUARDO).

Identificamos nas falas acima uma distinção quanto as áreas específicas em que os entrevistados objetivam trabalhar, onde, para Wesley a área desejada é a “educação de Jovens e Adultos”, por ser uma área que se apresenta de forma escassa na grade curricular do curso, uma vez que, a

Pedagogia tanto em seus ensinamentos quanto na sua prática possui um olhar que “*visa só a criança*”, portanto, acaba por esquecer muitas outras áreas as quais esses profissionais podem exercer a sua prática educativa. As questões curriculares, de acordo com Pimenta e Lima (2005), têm-se constituído em um aglomerado de disciplinas isoladas entre si, ou que convergem para apenas um determinado ponto, como exemplificado na fala de Wesley, pois a grade curricular de Pedagogia é composta por determinadas disciplinas que abrangem um público diversificado, mas quando abordadas acaba-se por focar apenas na criança.

Já para Júnior, a área desejada é a Gestão, onde o mesmo relata que estava aguardando a chegada do 6º semestre, pois seria o período em que iria realizar o estágio-obrigatório na referida área. Já para Eduardo, área em que objetiva trabalhar é a Educação Infantil, ao relatar que “*me encanta mesmo é a parte da alfabetização*”, o mesmo também ambiciona se “*especializar em outros ramos da Pedagogia*”.

A segunda perspectiva é referente a não identificação com uma área específica, e, portanto, não ter uma preferência para um campo exclusivo, como observado adiante:

Todo mundo fala isso né “ah poxa não me dou com área”, eu acho que todas as áreas que eu trabalhei agora me dei com todas, ainda não sei Gestão porque tô fazendo estágio agora, mas era de início era Gestão, mas todas foram experiências boas, nunca tive a dificuldade e tal, achei muito bom, me apeguei rápido as crianças, os alunos, então não tenho uma preferência assim de estar lá, a gente tem várias opções, a gente tem esse poder de escolher ou não. (FAGNER).

No relato de Fagner, o mesmo declara que sua área específica “*de início era a Gestão*”, porém como as outras lhe proporcionaram “*experiências boas*”, ele passou a ter um interesse focalizado em não apenas um espaço mas sim em todos. Assim, presenciamos na modernidade um novo modelo de masculinidade, onde o homem passou a questionar e a repensar cada vez mais os limites de seus próprios direitos e obrigações, o que para Connell (1995) significa ter novos estilos de pensamento, possibilitando uma abertura para novas experiências e novas formas de concretiza-las.

A terceira perspectiva é relativa a intenção de primeiramente dar continuidade na formação acadêmica, para assim almejar uma área ao qual possa se ocupar, como podemos observar abaixo:

Eu ainda estou pensando em qual eu vou me especializar, mas tem diversas, eu tô pensando ainda qual eu vou entrar, vou fazer uma Pós-graduação. (SÁVIO).

Sávio foi o único entrevistado que não tem em vista a atuação profissional, e sim, a continuidade de estudos, ao que ele relata: “*vou fazer uma Pós-graduação*”. Identificamos na fala de Sávio um distanciamento dos padrões da representação simbólica tradicional, cujo homem deve exercer de imediato uma ocupação para proporcionar a sustentação da família, como afirma Oliveira e Leão (2012). Essa procura imediata por trabalho, debatida por Augusto (2005), em sua maioria, acontece pelo fato do estudante não depender da colaboração financeira da família, apresentando-se muitas vezes como o provedor pela perspectiva de que por ser homem, o mesmo teria a obrigação de prover o sustento, o que acaba por levar os estudantes a optar por trabalhos insatisfatórios, tendo em vista apenas a remuneração.

Verificamos que os entrevistados, ao serem questionados quanto a área ao qual objetivam trabalhar, em sua maioria, responderam áreas que não estão correlacionadas à docência com crianças, apesar de responderem de maneira afirmativa a pergunta referente ao interesse de obter experiências ou trabalhar de fato em turmas de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Dessa forma, percebemos que para alguns, à docência com crianças, apresenta-se como uma oportunidade, se não a primeira, de ter uma ocupação e, por mais que a pessoa não se identifique com essa área, acaba por aceitar, para assim, futuramente investir na área desejada.

3.3- Dificuldades enfrentadas ao optar pelo curso de Pedagogia

Na próxima pergunta os entrevistados foram indagados a relatar se haviam sofrido algum tipo de pressão ou preconceito por parte de conhecidos ao escolher o curso de Pedagogia, uma vez que o mesmo apresenta uma composição predominantemente feminina. Constatamos três posições. A primeira é referente a não ter sofrido preconceito por estar na Pedagogia, como pode ser identificado na fala de três entrevistados, entre as quais destacamos a que se segue:

Não, não. Nenhum colega, amigo se quer, não, teve preconceito nada, e inclusive assim eu falo que é uma experiência muito gratificante assim, porque é diferente, tipo só dois homens numa turma com cinquenta mulheres, então assim, é diferente, é legal, é eu gostei de conhecer esse diferente do lado do que a Pedagogia trouxe. (SÁVIO).

Ao informar que não sofreu nenhum tipo de preconceito, Sávio também acrescenta que *“nenhum colega, amigo sequer, não teve preconceito nada”*, o mesmo também comenta que por estar presente em uma turma que em sua maioria é frequentada por mulheres, isto lhe proporciona uma experiência diversificada, pois são opiniões e pontos de vista diferentes.

A segunda posição está relacionada ao não reconhecimento do preconceito por parte do entrevistado, como evidenciado a seguir:

Não, assim na minha sala tem três rapazes, eu e mais dois, ... mas pela minha família, amigos não, eles só falaram que era um curso assim que ... era mais da área feminina e eu não ia ganhar tanto quanto os outros cursos, entendeu!?. (JÚNIOR).

Ao declarar que a família e os amigos dizem que o curso de Pedagogia é *“mais da área feminina”* e que por estar frequentando este curso, ao se formar *“não ia ganhar tanto quanto os outros cursos”*, o entrevistado não identifica, nessas falas, o preconceito, tanto que ao iniciar o seu relato, o mesmo alega não ter sofrido preconceitos ao optar como formação acadêmica a Pedagogia. Contudo, o *“só falaram”* indica uma censura, ainda que suave, a sua escolha.

Podemos verificar que a correlação da profissão docente com a mulher se intensifica de forma acentuada a cada contexto histórico, onde Vianna (2001) ressalta que ao final da década de 20 e início dos anos 30, a composição do magistério primário era essencialmente feminina. Por consequência, percebe-se um afastamento masculino dessa profissão, sobretudo, pela má remuneração, pois os salários eram mínimos e insuficientes para provimento das despesas familiares para um homem, entretanto considerada suficiente para as mulheres que viessem a se tornar professoras. Assim, a profissão docente de crianças foi estabelecida como feminina, onde os homens que a escolhessem iriam ter também uma remuneração baixa. Cardoso (2007), também destaca que outro fator que se manifesta na escolha pelo magistério refere-se ao questionamento quanto a orientação sexual,

podendo ser acusados de homossexual os homens que decidem ingressar na carreira docente.

A terceira posição é referente ao preconceito enfrentado pelo entrevistado, contudo no que se refere a profissão no mercado de trabalho:

Logo no início “ah tu vai ganhar pouco”, “tem certeza? ”, ai eu falo “ah tu só ganha pouco se tu quiser ... se tu quiser você vai ganhar muito pouco, mas dependendo do seu trabalho, se você quiser ganhar muito você ganha muito, depende de você mesmo”. Era preconceito por causa da família que queria que fosse Medicina, mas eu não gosto nenhum pouco, e no meio dos amigos assim aquela aquela avacalhação né, “ah vai ser professor e tal”, “tu vai pagar pelas coisas que tu fez”, eu era uma peste. Então eu não me arrependo ... de ... apesar das represálias que teve logo no início ... mas, ter teve, mas não me abalou. (FAGNER).

Evidenciamos o preconceito na fala de Fagner ao expor que ao iniciar o curso de Pedagogia, seus amigos diziam que ele iria “*ganhar pouco*” ao adentrar no mercado de trabalho, porém o entrevistado argumenta que “*tu só ganha pouco se tu quiser*”, e que o “*ganhar muito*” relacionado a remuneração do seu trabalho, “*depende de você mesmo*”.

Notamos também um preconceito por parte da família de Fagner, ao relatar “*que queria que fosse Medicina*” a sua opção de curso, essa preferência por um determinado curso ocorre pela questão da valorização em determinadas profissões, principalmente as relacionadas a saúde, por ter um prestígio social, enquanto que a profissão de docente é desvalorizada tanto financeiramente como moralmente. Essa desvalorização acaba por acarretar uma desmotivação por parte de jovens em optar para a sua formação acadêmica a profissão docente, pois a mesma não se apresenta de forma atraente ao presenciarmos em nossa realidade social professores enfrentarem deprimentes condições de trabalho, onde se deparam com uma superlotação nas salas de aula, que os impedem de desenvolver um trabalho com qualidade. E além das dificuldades estruturais onde os docentes são submetidos a trabalhar, ainda temos a questão da baixa remuneração e os constantes relatos de violência da parte dos alunos com os professores.

Em algumas falas, os entrevistados relatam serem vítimas de preconceito, porém ao serem indagados de forma direcionada a temática, alguns declaram de forma aberta nunca terem vivenciado situações que envolvessem o preconceito, seja relacionado ao motivo de serem homens e

estarem no curso de Pedagogia ou por terem escolhido como formação acadêmica o referido curso. Deve-se ressaltar que Wesley e Eduardo foram claros ao dizer que não sofreram nenhum tipo de preconceito ou porque não se importa com que “os outros iam pensar” ou porque “foi super aceito” pela família.

A adversidade nos posicionamentos pode ser identificada de forma mais assídua ao analisarmos os relatos da pergunta anterior, e a em seguida, onde os entrevistados foram questionados quanto ao convívio com outros componentes da sua turma, e com os professores, se estes em algum momento realizaram algum tipo de “brincadeira” pelo fato dos entrevistados participarem do curso de Pedagogia e serem homens. Identificamos duas opiniões. A primeira diz respeito a não ocorrência de “brincadeiras” dentro da sala de aula, como pode ser identificado no relato de três entrevistados, conforme ressaltados alguns abaixo:

Não, não, nunca ouvi, porque assim até então é ... pelo meu biótipo eu sei que eu não sou considerado homem viril, não assim porque é ... eu ando muito colorido, hoje assim eu tô mais civil... porque eu vim muito na pressa, mas geralmente eu uso muita roupa colorida, roupas folgadas, calças estilo balãozão, hum então ... pro biótipo de homem que é imposto pela sociedade eu não sou desse modelo ... então essas piadas assim não chega até mim, porque também como o pessoal sabe que como eu faço assim já teatro ... então já tem aquela dúvida, será que ele é homem? Será que ele gosta de mulher? Sempre tem esse tipo duplo sentido pra quem faz teatro ... então assim esse tipo de piada ainda não ouvi, e eu acho que nem vou tipo ... ouvir também. (WESLEY).

Olha dentro da sala eu te digo que foi super acolhido entende!? Até porque a gente era a minoria da sala, só que eu falava pros meus amigos, que eram os dois homens na sala que tinha, eu falava pra ele “cara é bem complicado a gente opinar aqui né, a gente tá no meio aqui”, a gente falava alguma coisa era meio às vezes vistos como intruso entendeu!? Porque enfim as mulheres eram a maioria entende, as vezes eu preferia mesmo de canto, falar nada, mas enfim ainda é um pouco complicado sim, não é muito fácil não. (EDUARDO).

Na fala de Wesley, o mesmo relata nunca ter ouvido nenhum tipo de brincadeira por parte de professores e componentes da turma por estar inserido na Pedagogia, e a não ocorrência desse “tipo de piada” é justificada pelo fato do entrevistado não ser “considerado homem viril” por causa do seu “biótipo”, ao destacar que anda “muito colorido” e que utiliza para sua vestimenta “roupa colorida, roupas folgadas”.

A questão do biótipo pode ser identificada dentro do estereótipo de gênero, ao qual defende-se um determinado padrão de modelo ideal tanto para homens como para mulheres. Dentro da Pedagogia, esse estereótipo pode ser reconhecido com bastante frequência, no momento em que a sociedade exclui o homem como alguém qualificado para atuar na docência, e estabelece a mulher como apta a seguir essa carreira profissional, pelo fato da mulher estar ligada a maternidade e que, portanto, a mesma teria a vocação para ensinar e educar. E até esse cuidar e educar trazem consigo um estereótipo de uma pessoa carinhosa, cuidadosa, paciente e dedicada, o que se considera como características femininas, logo, não identificadas nos homens.

Esse biótipo relacionado ao estereótipo é algo presente não apenas no curso de Pedagogia, podemos identificar também no curso de Educação Física, ao ser evidenciado como um curso, que em sua composição, há um predomínio de homens. E, entende-se que pelo curso ser relacionado a atividades físicas, espera-se que esses homens tenham um porte físico atlético e o corpo torneado, dessa forma, quando nos deparamos com algum homem com o porte físico fora desses padrões, interpreta-se como alguém divergente.

Assim, ao correlacionar uma definição de um conjunto de características na estrutura externa da pessoa, com a inadequação aos padrões estabelecidos pela sociedade, relacionados a representação da masculinidade, que neste caso seria uma masculinidade tradicional, ou definida por Connell (1995) como hegemônica, observamos uma contradição na fala do entrevistado, pois ao declarar não ter presenciado nenhum tipo de escárnio dentro da sala, o mesmo utiliza como justificativa para sua declaração o fato de não ser considerado homem pelos padrões tradicionais de masculinidade por causa do seu biótipo. Portanto, Wesley não identifica nessa inadequação um preconceito, pelo fato deste não se apresentar de forma objetiva, ao contrário, de quando ele expõe fazer parte do teatro, onde Wesley identifica um preconceito mais evidente e direcionado ao relatar que “*sempre tem esse duplo sentido pra quem faz teatro*” referente a indagações relacionadas ao “*será que ele é homem? Será que ele gosta de mulher?*”.

Para Silva (2006) a identidade de gênero e sexual são processos impostos e determinados tanto pelos nossos pais quanto pelos nossos amigos, e cobrados de forma extemporânea pela sociedade na qual vivemos onde, para

os homens, determinam-se como aceitáveis comportamentos baseados pela heterossexualidade, agressividade, competitividade, pois se distanciam dos comportamentos definidos como femininos.

A não identificação do preconceito, pelo fato do mesmo não se apresentar de forma evidente, pode também ser identificado na fala de Eduardo ao declarar primeiramente que “*foi super acolhido*” ao adentrar na sala de aula, e logo após desse relato, o mesmo diz ser, juntamente com os outros dois homens, “*a minoria da sala*”, e que em função disso haviam momentos em que eles eram “*vistos como intruso*”, o que acarretava numa certa privação de uma liberdade para opinar sobre determinados assuntos dentro da sala de aula. Assim, para essas situações enfrentadas por Eduardo dentro de uma sala de aula numa Instituição de Ensino Superior, o mesmo alega que “*enfim ainda é um pouco complicado sim, não é muito fácil não*”. Júnior, também afirma em sua fala que os professores “*levam os alunos masculinos normal*”.

A segunda opinião é referente a ocorrência de situações que causaram um incomodo nos entrevistados:

Olha lá na Instituição de Ensino Privada eu já sofri preconceito por causa da garota autista, que autista gosta muito de contato humano, e se deu comigo e ficava me abraçando, e eu não negava abraço pra criança ..., sou muito carinhoso também, mesmo sabendo que tendo esse preconceito, aí a coordenadora me chamou atenção ... dizendo que não era pra fazer isso e tal, eu fiquei bem abatido, fiquei muito triste ... pelo fato desse preconceito enorme, fiquei muito muito triste, cheguei a chorar no momento porque foi um baque pra mim, não tenho nenhum envolvimento com pedofilia, nem penso, nem passa na cabeça. Então eu acho que isso ainda é uma barreira enorme que tem no nosso curso, essa imagem do homem pelo menos na Educação Infantil, mesmo no Fundamental e na Gestão eu não encontro, mas na Infantil é enorme, porque a gente via pessoas abraçando eles, mulheres abraçando, dando beijo até na boca ... aí vem o homem e dá um abraço aí pronto pedófilo, ele vai estuprar a criança, vai é ... sei lá vai fazer mal pra criança, isso é muito escroto, essa foi a minha experiência sobre esse assunto. (FAGNER).

Alguma brincadeira assim não, mas, é geralmente em trabalhos, por exemplo em grupo, eu tô, sô de um grupo que só eu de homem o resto é tudo mulher, cinco, aí digamos nós fizemos uma paródia agora, e nessa paródia continha a frase assim “é vamos ... eu quero mais é ser uma pedagoga”, aí eu tinha que concordar porque a maioria era mulher né!? E eu digamos que não me metia, eu concordei, é um trabalho acadêmico, a maioria é mulher vamos deixar a frase “pedagoga” mesmo, não é porque tem um homem que vai ser “pedagogo”. (SÁVIO).

Na fala de Fagner, o preconceito apresenta-se de forma clara e evidente, onde o mesmo declara “*eu já sofri preconceito*”, e essa situação

ocorreu pelo fato de Fagner ter demonstrado carinho por uma aluna autista, e que por essa razão a coordenadora da Instituição o advertiu a não repetir esse tipo de comportamento. Situações simples, mas que resultam em atitudes como a da coordenadora escolar, acabam por gerar uma desmotivação ou até uma desistência por parte de homens em optar como profissão a carreira docente, especificamente em turmas de Educação Infantil e Ensino Fundamental, como mencionado pelo entrevistado ao relatar ter ficado “*bem abatido*” e “*muito triste*”, em razão desse preconceito enfrentado. A desmotivação é ainda mais visível e intensificada no momento em que Fagner diz “*cheguei a chorar no momento porque foi um baque pra mim*”.

As problemáticas que impedem a aceitação masculina na docência com crianças vão além da questão do ponto de vista do cuidar e do educar, o olhar negativo da sociedade ao se deparar com um homem lecionando em turmas de Educação Infantil e Ensino Fundamental, segundo Sayão (2005), provém do medo de que aconteçam possíveis casos de pedofilia. Essa questão pode ser também evidenciada da fala de Fagner, ao dizer “*não tenho nenhum envolvimento com pedofilia, nem penso, nem passa pela minha cabeça*”, ao ser vítima de um preconceito ocasionado por uma ação, que nesse caso foi o abraço na aluna, que antes era considerado como um gesto inofensivo, e que hoje é interpretado como nocivo as crianças, quanto partido de um homem. Portanto, devemos ter a percepção de que o fato de existir a presença de uma mulher dentro da sala de aula, não representa uma segurança na qual jamais vá ocorrer casos de pedofilia, uma vez que, não é pelo motivo de ser homem ou mulher que definirá a qualidade e o caráter de um profissional.

Na exposição de Sávio, o mesmo destaca um desconforto ao relatar que durante a realização de trabalhos, teve que usar a palavra “*pedagoga*” para se referir a ele próprio, pelo motivo de ser a minoria na sala, e, portanto, no grupo de trabalho, ao que ele mesmo afirma “*eu tinha que concordar porque a maioria era mulher*”. O incomodo de Sávio ao utilizar uma palavra no feminino para se referir a ele próprio, advém da questão de se sentir submisso ou excluído pelo fato de empregarmos cotidianamente palavras no masculino para representar generalizações. Isso ocorre devido ao princípio gramatical do português não herdar do latim um gênero neutro, portanto utilizam-se substantivos, artigos e adjetivos no masculino para representar generalizações,

porém o emprego habitual dessas palavras resulta como uma ferramenta considerável para reproduzir os preconceitos de gênero de forma sutil, porém eficiente.

O sentimento de submissão advém do padrão de comportamento estabelecido para homens e mulheres, que de acordo com Silva (2006) posicionam as mulheres no papel de frágil e submissa, e os homens de sexo forte, dominador e viril, portanto, há um certo temor da parte dos homens de serem rotulados como inferiores caso apresentem comportamentos relacionados ou associados a esses padrões definidos como femininos.

3.4- Aprendizagens, experiências e oportunidades na Educação Infantil e no Ensino Fundamental

No tocante, os estudantes homens foram indagados quanto ao posicionamento deles diante das instruções proporcionadas pelo curso, se na opinião dos mesmos o curso de Pedagogia prepara os seus frequentadores do sexo masculino para atuarem em turmas de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Podemos identificar dois posicionamentos. O primeiro está relacionado a opinião de que o curso de Pedagogia não prepara o homem para atuar em turmas de crianças, como evidenciado abaixo:

Hum, não. Não prepara porque ... é até ... é bem limitado ver homem, assim acho que pela escolha de como tá também tipo sendo exposta a tipo educação, hoje ninguém quer trabalhar com educação ou quando quer é apenas por ... assim no tipo não tem tu vai tu mesmo. Então hoje ... é tipo devido a isso ... quando a Pedagogia ela é apresentada é no foco da criança, então tem muitas ... muitas escolas também até visam a mulher como pra tá presente e campo de tipo estágio até de tipo trabalho porque a mulher traz a figura do cuidado também, então na faculdade pela sala ser a maior parte mulher, eu sou o único homem, ainda em algumas falas de assim professores engloba apenas as mulheres e eu não me sinto incluído, tipo dando ... sempre falando é ... você é "elas" ... "todas", e nunca colocando "todos" apesar de eu ser a minoria, então nessas pequenas assim tipo detalhes eu já não me sinto tão incluso. (WESLEY).

O entrevistado declara que o curso de Pedagogia “não prepara” o homem para trabalhar com crianças, pelo fato de presenciarmos de forma bem limitada a atuação desse público em turmas de Educação Infantil e Ensino Fundamental, o mesmo também complementa que “hoje ninguém quer trabalhar com educação” pela presente desvalorização do profissional que atua nessa área. Wesley também destaca que a grade curricular do curso de

Pedagogia é centralizada no “*foco da criança*”, e esse olhar conseqüentemente volta-se para a mulher, pois a mesma traz consigo “*a figura do cuidado*”, logo, muitos locais de estágio preferiram-na para exercer tarefas ligadas ao cuidar e educar.

Na fala de Wesley identificamos da mesma forma um incomodo quando os docentes utilizam palavras no feminino para representar a turma, ao que ele exemplifica o emprego da palavra “*todas*” ao invés de “*todos*” pelo professor. O entrevistado apresenta uma visão dominante, ao expor que esse tipo de fala “*engloba apenas as mulheres*” e que por isso não se sente “*incluído*”, mesmo possuindo a compreensão, de que o professor utiliza essas palavras em virtude das mulheres se revelarem como a maioria presente em sala.

O segundo posicionamento é com relação ao reconhecimento de que o curso de Pedagogia prepara os que frequentam para atuar em turmas de crianças. Entre os quatro entrevistados que informaram essa posição, destacam-se as duas abaixo:

Olha o curso de Pedagogia eu creio que ele prepara pra trabalhar numa Educação Infantil e Ensino Fundamental, até porque os mesmos conhecimentos que a mulher recebe o homem recebe também dentro do curso entendeu!? Então eu acho que é uma questão mesmo de um preconceito que ainda é mal visto, eu acho que enfim, como se a gente não fosse capaz de lidar com crianças como uma mulher também é entendeu!? E eu discordo, eu acho que a gente também estudou, também se preparou, também pesquisou, tivemos as experiências direta que são os estágios que a gente vai diretamente na escola, que é a prática né, e aí eu tive experiências ótimas na prática na escola, hoje eu me sinto é ... eu me sinto a vontade pra trabalhar dentro de uma escola, só que é bem complicado. (EDUARDO).

Ele não só prepara o homem como a mulher também, ele tá lá pra prepara a todos, então se tem mulher, homem, é não importa assim o gênero, o assunto, os conteúdos aplicados, as teorias, são para a formação de um profissional mesmo, então ele prepara sim, tanto homem como a mulher. (SÁVIO).

Podemos observar que nas duas exposições os entrevistados acreditam que o curso de Pedagogia prepara os homens para exercer a profissão docente em turmas de Educação Infantil e Ensino Fundamental, ao que Eduardo declara que “*os mesmos conhecimentos que a mulher recebe o homem recebe também dentro do curso*”. Sávio também declara que as aprendizagens “*são para a formação de um profissional*”, e que, portanto, não

há uma distinção de gênero para os conteúdos e conhecimentos trabalhados dentro da Pedagogia.

Constatamos nas falas de Eduardo e Sávio uma presente influência de novos modelos de masculinidade, aceitos, inclusive, por grande parte dos homens da modernidade. Silva (2006) aponta que esses novos modelos estariam baseados na capacidade de homens poderem exercer profissões antes determinadas como femininas sem o enfrentamento de possíveis represálias, admitindo-se até mesmo ganhar um salário inferior ao de sua parceira, possibilitando também aos homens terem uma participação maior na educação de seus filhos e na execução de tarefas domésticas, ocupações essas muito defendida pela sociedade como femininas.

Em seguida foram indagados se objetivavam ter experiências ou futuramente trabalhar com turmas relacionadas a Educação Infantil e Ensino Fundamental. Obtivemos duas perspectivas. A primeira perspectiva, assumida por quatro dos entrevistados, é relativa a aspiração de obter experiências na docência com crianças, como exposto a posteriori:

Não, tenho sim, acho que é pra ter experiência é bom base pra gente poder sonhar e querer o que a gente pode construir, acho que a gente deve assim passar ... por todos os caminhos, pretendo também passar pelo hospitalar, que é uma grande área que eu vejo também, e também administrativa ... porque pra mim a educação tem que ... tipo tem que tá em todos ... os caminhos, a gente não deve também focar apenas na tipo educação porque o mundo apesar de todo mundo passar na tipo ... pela educação mas nem todos tão na educação, então tem as empresas que também é um local que deve ser trabalhada por ser também um tipo local é onde se causa muita tipo doença pelo carga horária ... de ... é trabalho, não tem, não tem assim aquele enfoque de tipo ensinar e sim o enfoque ... em produzir pro mercado, então acho que uma área que eu também quero ter um contato e uma experiência. (WESLEY).

Sim, sim, é por exemplo, lá na minha cidade que eu sou de origem, minha cidade natal tem decadência de professor, falta muito professor, então eu tô com pensamento de morar lá e trabalhar lá mesmo, porque tá em falta, e geralmente o mercado da Pedagogia é bastante concorrido, porque todo ano formam-se centenas de pedagogos. Então, é eu tenho esse pensamento de trabalhar na Educação Infantil, é porque é da minha área também, não importa, pode ser na Educação Infantil, pode ser da Gestão de uma escola, pra mim aonde eu for eu vou praticar, tô preparado pra isso. (SÁVIO).

Na exposição de Wesley, o mesmo declara ter sim um interesse em obter experiências em turmas de Educação Infantil e Ensino Fundamental, porém ao dar prosseguimento em seu relato verificamos que Wesley utiliza-se

de argumentos referentes a outras áreas da Pedagogia, como por exemplo a área “*hospitalar*” e a “*administrativa*”, para justificar o seu interesse, ao que o mesmo complementa que os profissionais da área da Pedagogia deveriam transitar “*por todos os caminhos*” para expandir cada vez mais o seu conhecimento e a sua aprendizagem. Já na fala de Sávio, o mesmo também afirma ter o objetivo de vivenciar, na prática, a atuação da docência com crianças, pois em sua cidade de origem há “*uma decadência de professor*”, portanto, o mesmo tem por finalidade se formar e atender as necessidades educacionais de sua cidade natal.

A segunda perspectiva é referente a não identificação com a docência com crianças, logo, o não objetivo de obter experiência relacionadas a essa área, como verificamos a seguir:

Não, não, não. Eu quero muito trabalhar na Gestão, porque eu não me vejo muito trabalhado com criança, tipo eu já estagiei e vi que isso não era para mim, aí quero muito trabalhar com Gestão entendeu!? Trabalhar na coordenação, direção. (JÚNIOR).

Ao relatar que “*eu não me vejo muito trabalhando com crianças*”, Júnior reconhece uma não identificação, a partir de experiências no estágio, da referida área. O mesmo também revela que sua área de maior interesse dentro da Pedagogia é a Gestão, onde declara “*eu quero muito trabalhar com Gestão*”, pois objetiva atuar na “*coordenação, direção*”.

Assim, podemos pressupor que o fato de muitos homens não se identificarem com a docência com crianças provém da interpretação de que essa seria uma área ao qual os próprios não se adequariam. Isso ocorre devido ao motivo de ser incomum presenciarmos exemplos que concretizem essa atuação, pois, frequentemente, os homens se direcionam para outras áreas, como por exemplo a Gestão. Dessa forma, muitos absorvem essa visão sem nem ao menos vivenciar na prática a atuação na docência com crianças.

Saavedra (2004), Silva (2004), Saboya e Carvalho (2007) ressaltam que durante o período escolar, a masculinidade mostra-se como uma referência simbólica, ao qual os meninos procuram estabelecer a sua identidade de gênero, para assim serem representados e reconhecidos pelos outros, contudo, a forma habitual de masculinidade encontrada por eles dentro das escolas, estão associadas as atividades ligadas aos esportes e a superioridade, muito pelo fato de haver uma predominância feminina dentro

desses espaços, destinando aos homens cargos voltados a gestão, coordenação, entre outros. E, por serem cargos que demonstram uma representatividade, esses homens devem assumir uma postura rígida, pautada na força e na agressividade, mostrando-se muitas vezes como o modelo ideal de masculinidade por ser o único presente nas escolas. Assim, muitos assimilam a perspectiva de que os professores masculinos não teriam a capacidade de se equiparar a mulher em áreas que possuem como referência o cuidar e o educar.

A próxima pergunta também está relacionada as experiências proporcionadas pelo curso, onde os estudantes homens foram questionados se já tiveram oportunidades de por em prática os ensinamentos obtidos no curso de Pedagogia. Obtivemos em todos os entrevistados a afirmação de executar na prática os conhecimentos ofertados pela Pedagogia, como evidenciado adiante:

Olha no curso eu tive a oportunidade de botar isso em prática em várias escolas sabe, porque foi com ações sociais e fazendo estágio também, eu pude trabalhar na Educação Infantil também dando aula, e foi muito válido a experiência, foram três semestres que eu fiz estágio em escola, dando aula mesmo diretamente e outros trabalhos dando palestras, e eu fui super aceito porque eu tive a oportunidade de trabalhar com pessoas que me aceitaram, mas como eu tô te falando não são todas as pessoas que ainda aceitam, é ... como que diz, a gente tem que fazer uma peneirada ai entendeu!? Infelizmente ainda acontece isso. (EDUARDO).

Sim, sim. Estágios, inclusive eu fiz um estágio de Educação Infantil, que é obrigatório, eu tô estagiando atualmente lá no Museu Emílio Goeldi, é no serviço de educação, e agora eu vou fazer o estágio do nível Fundamental, no caso eu tenho que fazer esse estágio porque é obrigatório também, então eu dividindo assim o tempo, estágio obrigatório e estágio não obrigatório. (SÁVIO).

Com estes dois entrevistados constatamos que a execução da prática pedagógica acontece tanto no estágio não-obrigatório quanto no obrigatório. Eduardo destaca ter conseguido executar essa prática em “várias escolas”, “dando aula” inclusive na Educação Infantil. O mesmo também relata ter sido “muito válido a experiência” de poder identificar, associar e vivenciar a teoria e a prática juntas, e essa experiência pode se concretizar devido ao fato do entrevistado ter sido “super aceito” em seu local de estágio, no qual Eduardo relata que essa aceitação ocorreu “porque eu tive a oportunidade de trabalhar com pessoas que me aceitaram”. Já na fala de Sávio podemos verificar a

conciliação do estágio obrigatório, referente a grade curricular do curso, e o não-obrigatório, onde o mesmo menciona que no momento atual está estagiando no Museu Emílio Goeldi, porém já vivenciou a experiência do estágio obrigatório de Educação Infantil, e que futuramente irá realizar o do “*nível Fundamental*”.

A partir dos relatos podemos identificar que os primeiros contatos com as práticas relacionadas à docência muitas vezes ocorrem através do estágio obrigatório, por ser uma disciplina presente na grade curricular do curso de Pedagogia e pelo fato de serem muito limitadas as oportunidades ofertadas a homens para o exercício da prática. Dessa forma, quando localizamos a presença de homens em turmas de Educação Infantil e Ensino Fundamental, frequentemente está relacionada ao compromisso de ser responsável por alguma criança com deficiência, devido a associação do porte físico do homem, com o enfrentamento de possíveis dificuldades que necessitem de força física.

Assim, identificamos a importância dos estágios para exercer a prática, utilizando-se das teorias evidenciadas no decorrer do curso, pois, entendemos que o estágio, segundo Pimenta e Lima (2005), se constitui como um campo de saberes que produz a interação dos cursos com o espaço social no qual se desenvolve as práticas educacionais.

3.5- Motivações ao optar por uma Instituição Particular para adentrar no Ensino Superior

A pergunta realizada a seguir é referente aos motivos que levaram os homens a optarem por uma IES Particular, onde tem como objetivo identificar quais motivações foram preponderantes para os mesmos escolherem uma Instituição Particular para cursarem Pedagogia, ao contrário de uma Instituição Pública, uma vez que, o curso de Pedagogia torna-se excludente e apresenta poucas oportunidades quando relacionado ao sexo masculino, mas ainda sim esses jovens estão dispostos a pagar pelo curso, ainda que a Instituição Particular disponibilize a oferta de variados cursos com valores de mensalidades semelhantes ao de Pedagogia. Através dos relatos identificamos duas motivações. A primeira motivação está relacionada a não aprovação no ingresso em uma IES Pública, apontada por três entrevistados. Dentre os quais destacamos as seguintes falas:

Hum, Instituição Privada. Bom, a minha escolha porque eu não consegui ter acesso a Instituição Pública, então como o tempo tava bastante corrido assim pra mim, já devido a idade também, então pelas coisa que eu pretendo fazer eu tive que correr contra o tempo, e uma dessas escolhas foi ... de entrar numa Instituição, assim na IES y que é Privada, ... só que no primeiro momento assim, ..., eu entrei mesmo, ainda tentei entrar ... na tipo Pública, só que eu não consegui, porque eu também não me preparei assim direto, que eu tava fazendo muitas coisas ai como eu já tava me avançando aqui ... eu achei melhor concluir essa faculdade pra depois tentar um mestrado ou uma pós numa Pública. (WESLEY).

Olha o motivo que eu escolhi a Instituição Particular é ... foi porque fui aprovado pelo ProUni, e eu tinha duas opções, eu tinha duas opções, era Serviço Social e a Pedagogia, então como eu venho de uma periferia, tenho renda baixa, eu não tinha, eu não tinha condições de pagar uma uma Faculdade Particular e também eu não tinha conseguido passar em uma Universidade Pública foi a oportunidade que eu tive, tinha duas opções de bolsas integrais então eu não poderia deixar escapar essa oportunidade, e como eu te falei desde a minha vivência eu tive experiências indiretas com o ramo da Pedagogia, então acabei escolhendo o curso de Pedagogia porque foi o que eu realmente me identificava mais. (EDUARDO).

O primeiro fator primordial para os entrevistados optarem por uma IES Particular está relacionado ao não ingresso na Pública, e a junção desse fator com as oportunidades de financiamento, contribuíram para que esse ingresso se concretizasse. Como exemplo desses fatores temos a preocupação de ingressar tardiamente no Ensino Superior, como enunciado por Wesley, ao relatar que *“o tempo tava bastante corrido pra mim, já devido a idade”*, ou ainda a oferta de bolsas estudantis, considerada como uma *“oportunidade”* por Eduardo para efetivar o seu ingresso no Ensino Superior pelo fato do mesmo vir de *“periferia”* e ter *“renda baixa”* e, portanto, não ter condições de pagar por uma Instituição Particular, ou como Júnior que diz *“muitas pessoas falaram tenta o vestibular no Ensino Privado que a gente paga”*.

Evidenciamos através de leituras como Sampaio (2000), Martins (2009), Barreyro (2008) e Corbucci (2004) a construção histórica sobre o Ensino Superior, onde identificamos de forma bem assídua a expansão das Instituições Privadas desde o período do governo militar, sobretudo, após a Reforma Universitária de 1968, que segundo Martins (2009) possibilitou uma ampla liberdade de atuação do setor privado a partir da política de expansão adotada, que de acordo com Sampaio (2000) e Barreyro (2008), tem como base o interesse em atender a demanda de massas. Essa expansão, atualmente, tem se intensificado cada vez mais, pois, essas Instituições

buscam moldar-se as necessidades dos alunos, procurando atender ao contingente que não obteve aprovação numa Instituição Pública, mostrando-se para esses alunos como uma oportunidade de ingressar no Ensino Superior e assim poder ascender socialmente.

Segundo os relatos dos entrevistados, percebemos que ao não efetivarem o seu ingresso na Instituição Pública, os mesmos se dirigem para uma Particular e a partir desse momento escolhem para sua formação acadêmica o curso de Pedagogia. Por conseguinte, temos como questionamento a escolha do curso feita pelos entrevistados na Instituição Particular, onde podemos inferir que se esses entrevistados tivessem concretizado o seu ingresso na Pública talvez não estivessem cursando Pedagogia, e sim o curso dito como sua primeira opção.

A segunda motivação é referente a preferência de realizar o curso acadêmico numa IES Particular, como vemos abaixo:

Sim. Eu escolhi ... é porque estudei a minha vida toda no Pública, estudei no Centro Elcidio, depois eu fui pro Anísio Teixeira, então eu já vi os problemas da Escola Pública, então não queria passar pelos mesmos problemas que eu passei a vida toda numa Faculdade Pública, até porque é muito longe de casa, tem a UEPA, mas ... não ... eu preferia uma Particular mesmo, até porque o nosso curso não é caro, comparado aos outros, é Direito quinhentos, seiscentos mil, então o nosso curso é bem em conta. Mas nada contra as Faculdades Públicas claro, é uma opção particular minha, eu tenho vários colegas que estudam na UEPA, então ... foi mais por causa de opção mesmo. (FAGNER).

Os motivos que me levaram a escolher uma Instituição Privada. Primeiro, é ... na Pública ... assim, eu nunca me preparei, nunca fiz cursinho pra me preparar pra fazer uma Pública, não que a a Particular seja mais fácil de entrar, mas conhecendo muitos amigos que fazem na Pública e sabendo que eu quero me formar logo, é começar cedo digamos assim, é a Pública é muita greve, é para muito, então assim uma formação mais demorada, não que o conteúdo da Pública seja inferior a da Particular, e a da Particular seja inferior a da Pública, mas eu olhei mais pelo lado é da questão de me formar logo, tipo começar cedo pra terminar cedo, fazer uma Pós, e o meu objetivo é chegar em Doutorado e ir pra frente. (SÁVIO).

A opção de escolher para formação acadêmica uma Instituição Particular, está associada as experiências vivenciadas pelos entrevistados na escola Pública, onde os mesmos presenciaram muitos problemas e muitas dificuldades, onde Fagner relata não querer enfrentar para sua vida acadêmica os “mesmos problemas que eu passei a vida toda”. Um desses problemas

relacionados a Instituição Pública, pode também ser identificado na fala de Sávio ao relatar que na “*Pública é muita greve*” e “*uma formação mais demorada*”, dessa forma, o mesmo decidiu optar por uma Particular, por objetivar se “*formar logo*”.

A pergunta seguinte é relacionada a IES Privada ao qual os estudantes homens estão matriculados, se os mesmos tiveram alguma motivação específica para escolherem a Instituição ao qual frequentam. Tivemos três pontos de vista. O primeiro pode ser identificado no relato de dois entrevistados, onde está vinculado há um interesse pela carga horária do curso de Pedagogia presente na Instituição. Dentre os quais apontamos a seguinte fala:

Assim, eu fiz uma pesquisa logo na época de qual entre as particulares seria a melhor assim, claro que a melhor vai depender sempre do aluno, mas assim do qual tipo seria tão coisa de tempo, que não ia também, como vamos dizer, ser menos tempo, porque eu me preocupo com isso, quanto menos tempo e logo se formar acho pouquinho, é complicado assim, então eu pesquisei mais por esse critério, se o curso já não ia ser tão rápido pra mim formar porque tem muita gente, é porque eu vejo que as particulares a maior parte elas visam muito o mercado de trabalho de tipo produção, então quanto menos ... o curso for assim mais rápido, tu se forma muito mais rápido, pra mim eu acho um pouco ... eu fico preocupado com isso, porque a gente não adentra de fato em muitas coisas, mesmo com quatro anos de curso ainda a gente estuda bem pouco, e tem assim algumas que são três anos, dois anos e meio, aí foi esse que foi o meu critério, pro curso tipo não ser tão rápido. (WESLEY).

Na fala acima observamos que Wesley possui uma preocupação quanto ao tempo de duração do curso, onde ele afirma “*eu fiz uma pesquisa*” com o objetivo de localizar uma Instituição onde o curso “*não ia ser tão rápido*”, pois o mesmo acredita que o período de duração estabelecido para o curso de Pedagogia é insuficiente para ter um aprofundamento e “*adentrar de fato em muitas coisas*”, além disso, essa duração, em algumas Instituições, encontra-se de forma ainda mais reduzida. Há, por exemplo, oferta dos cursos de Pedagogia em algumas Instituições Particulares com a duração de três anos.

O segundo ponto de vista é relativo ao conhecimento estrutural e acadêmico da referida Instituição que os entrevistados frequentam, como vemos adiante:

Assim porque os donos da IES y eram os donos da minha, são os donos da minha antiga ... escola, aí eu optei aqui por ser, por já conhecer, porque no prédio anterior foi que eu conhecia a IES y, depois mudou pra cá. Aí eu escolhi a IES y mesmo. (JÚNIOR).

Sim, pela hã indicação de amigos “ah poxa eu faço lá, poxa muito legal”, e não por assim merchandising, ele realmente achava legal, tanto que ele estudava em duas Faculdades e uma delas era a IES y. (FAGNER).

Evidenciamos nas duas falas um conhecimento anterior ao seu ingresso sobre a Instituição, porém, relativos a questões pessoais e não propriamente acadêmicas, ao que Júnior destaca que “os donos da IES y eram os donos da minha, são os donos da minha antiga ... escola”. Já para Fagner, esse conhecimento sobre a Instituição ocorreu devido “indicações de amigos”, que o incentivaram a frequentar o local.

O terceiro ponto de vista está relacionado a não ter uma motivação específicas para possuir como opção a Instituição ao qual frequenta, como verificamos abaixo:

Não, não tive um motivo específico, no momento porque quando você faz o ProUni você escolhe as Instituições que estão abertas e acaba aguardando pra ver se você passou ou não né, aí foi as que tavão aberta, que tinham o curso de Pedagogia, eu acabei escolhendo a que tava lá, num teve um motivo específico. (EDUARDO).

Podemos constatar que o fato de Eduardo não ter um motivo específico para optar pela Instituição está relacionado a possibilidade de cursar o Ensino Superior, onde o mesmo declara que “você escolhe as Instituições que estão abertas e acaba aguardando pra ver se você passou ou não” no processo de seleção do ProUni¹. E como vemos nos relatos anteriores de Eduardo, essa bolsa de estudos apresenta-se como uma oportunidade para efetivar o seu ingresso no Ensino Superior, portanto, o mesmo não teve uma motivação em escolher a Instituição, pois era a que se apresentava com a oferta da bolsa na qual ele obteve a aprovação.

Verificamos, atualmente, um crescimento de forma significativa no número de estudantes beneficiados por estratégias utilizadas pelas Instituições Privadas para atraí-los. Além da oferta de bolsas estudantis, temos também o Fies, ao qual Corbucci, Kubota e Meira (2016) descrevem como um programa destinado a financiar a graduação de estudantes que não possuem condições para assumir as despesas do curso, buscando-se então atender alunos com situação econômica menos privilegiada.

¹ Para mais informações consultar o tópico nomeado: 2.3.1- A História do Ensino Superior Privado no Brasil, neste trabalho

3.6- Posicionamento sobre a educação e a modificação no pensamento ao ingressar na Pedagogia

A próxima pergunta refere-se ao posicionamento dos estudantes homens quanto a educação e a Pedagogia, sobre como eles as veem atualmente. Verificamos opiniões relacionadas a precariedade e a desvalorização tanto da educação quanto da estrutura física dos locais onde ela é administrada, como relatado logo após:

Hum. É ... bom eu fiz, eu fiz um estágio no ano, tipo ano passado numa tipo escola lá no Jurunas, no Rotory, e lá, porque foi o único contato que eu tive com a Educação Infantil até então ... com a tipo inclusiva no qual fiquei com um aluno de onze anos, com o Alexandre, fiquei com ele um semestre, e a visão que eu tenho que eu até, não até não, os professores, a gestão tão adoecidas, porque se fala de ensinar, cuidado, mas não que eu consegui presenciar, poucos professores tinham essa paciência, se for contar numa única mão apenas dois, ... que era o professor de Artes, que era o Daniel, e o professor de Língua Portuguesa, o Arthur, então era dois professores que eu via lá que tinham a paciência de querer ensinar, apesar também que a escola municipal, escola pública de fato estão super ... super lotadas, parece mais um manicômios do que tipo escolas. Então até o local a onde os professores, os ... tão trabalhando é adoecedor, porque não oferece nenhum ... nenhuma tipo estrutura no qual também eles possam oferecer o cuidado, como é que tu pode oferecer o cuidado se tu não é cuidado? É a mesma coisa que falar é tu tem que amar, mas como é que eu vou sentir, eu vou ter que a amar se eu não sei amar, se eu nunca senti o ... o que é ... o amor, então a única experiência que eu tive até então com a escola ... digo que ainda tem ... ainda temos longo caminho pela frente a percorrer. (WESLEY).

A partir das experiências dos estágios, Wesley teve como percepção que a atuação nas escolas leva a um adoecimento físico e estrutural por parte do corpo escolar, no qual tanto para os professores quanto para os alunos as escolas se apresentam como uns “manicômios”, por serem super lotadas e carecerem de estrutura física, que por consequência dessa falta de estrutura o ambiente torna-se adoecedor, onde “poucos professores” sentem o entusiasmo de dar continuidade nessa prática.

Observamos a seguir o relato de Júnior, onde o mesmo realiza uma comparação entre a educação ofertada nas escolas Públicas e nas Privadas, como vemos abaixo:

A educação assim na área da ... vou te falar assim pública é precária, a gente vê nas escolas que ... os professores assim ... eu vivenciei ... numa escola Municipal, eu vi que os professores eles assim ... não vão a fundo para educar sabe, os alunos. Eles ficavam a maioria do tempo só na sala sabe!? Os professores quando entravam na sala, davam uma aula rápida, o professor não tinha ânimo sabe!? De dar

aula. Ai eu já vejo na educação privada, que os professores eles ... eles tão ganhando pra isso, pra ensinar o aluno, pra educar o aluno, e eu vejo assim ... que é difícil essa diferença né!? Então, a gente tem ... a gente tá estudando pra isso né!? Pedagogia pra no futuro mudar a História da educação pra melhor. (JÚNIOR).

Ao expor a respeito da educação atualmente, Júnior realiza um comparativo entre a educação na Instituição Pública e na Privada, onde na Pública, por ser o ambiente ao qual teve maior contato e experiência durante a sua vida escolar, e onde presenciou desmotivação por parte dos professores ao adentrarem nas salas e administrarem as suas aulas, que muitas vezes “*davam uma aula rápida*” sem se preocupar com o aprofundamento do assunto, enquanto que na Privada há um entusiasmo muito pelo fato dos professores estarem “*ganhando pra isso*”, e o local no qual administram suas aulas ser bem mais estruturado. Júnior também complementa que a motivação para estudarmos a Pedagogia tem como objetivo futuramente “*mudar a História da educação pra melhor*”.

Verificamos em seguida a fala de Eduardo, onde o mesmo aborda a forma como os conteúdos são trabalhados pelos professores e o acesso da educação nas escolas, como vemos abaixo:

Uhum! É ... a educação ela ainda não é acessível a todos entendeu, infelizmente, não é porque só uma escola tá aberta que todo mundo vai ter acesso a educação, porque muitas das vezes você vai pra uma escola mas as crianças ainda não tem uma noção do que que elas realmente podem entender, eu acho que cada vez mais o docente ele tem que tá procurando é curso de formação entende, e se ele não tiver preparado ele vai ficar muito difícil pra ele lhe dar com essas pessoas, com essas crianças, que a gente principalmente a gente tá formando a mentalidade dos novos cidadãos né!? Então a importância do pedagogo é fundamental cara na sociedade, não tem como dizer que não, porque a gente tá ali ... é tendo uma paciência dobrada que o professor mesmo de ... enfim do Ensino Médio e tal talvez não teria, porque eu creio que a nossa missão é muito mais difícil que a deles, porque tratar com crianças, tem toda aquela imperatividade e tal, é bem difícil lhe dar que eu já passei por situações que eu falei “eu vou respirar agora aqui, vou sentar um pouquinho, beber uma água pra depois ir lá falar com eles” entendeu, enfim, como eu te falei que o pedagogo tem que ser muito equilibrado entendeu!? Tem que ser muito equilibrado, porque pra lhe dar com crianças não é uma missão muito fácil não, e hoje em dia eu vejo que a educação ... ela ainda é um pouco defasada ... por questões de escolas que ainda não oferecem é ... principalmente atividades extracurriculares pros alunos, entendeu!? Eu tive várias experiências de alunos que eu fui nas escolas e eles me disseram que eles nunca tinham saído do bairro deles entendeu!? Tipo, por exemplo o menino nunca saiu do Guamá, o menino nunca saiu da Terra Firme, o menino nunca saiu do Jurunas entendeu!? E uma das situações que eu tive presente teve uma vez que foi um passeio pro Bosque, sempre tem esses passeios pro Bosque né, e tipo tinham meninos ali que nunca

tinham saído do bairro deles pra ti ter uma noção, imagine de Belém né, nunca saíram do bairro imagine da sua cidade. E pra eles foi um momento único assim incrível porque eles tavam vendo coisas novas entendeu!? Então eu acho que ... a educação deveria proporcionar um movimento de é ... esses momentos de atividades extracurriculares pros alunos porque é muito importante cara, você oferecer sei lá uma oficina de poesia, uma aula de capoeira, um momento de nataçã, entendeu!? Eu acho que a escola e a educação pecam muito nisso ainda de deixa o aluno só dentro da sala de aula, acho que esse momento que tivesse atividades extracurriculares o aluno iria estar mais interessado em ir pra escolar com certeza. (EDUARDO).

Na fala de Eduardo, ele destaca que a educação apesar de ser um direito de todos os cidadãos, a mesma “*ainda não é acessível a todos*”, e para os que tem acesso, ela apresenta-se de forma “*um pouco defasada*” devido a forma como as escolas administram essa educação, onde Eduardo declara que há uma ausência de atividades extracurriculares que ofereçam um diferencial nos ensinamentos proporcionado para os alunos. E para que ocorra esse diferencial, os professores devem buscar, portanto, um maior preparo para identificar quais atividades dispõem a possibilidade de serem conduzidas de forma lúdica, onde facilite a aprendizagem e ofereça um maior interesse da parte dos alunos para frequentar a escola.

Em seguida, analisamos a fala de Sávio, onde ele explana sobre a desvalorização da educação nas escolas, pontuando a falta de estrutura física do espaço escolar, como observado abaixo:

Atualmente eu vejo a educação ... é um certo, uma certa desvalorização por parte assim do Governo, Estado, Município, porque a educação é o que te prepara pra tudo, se tu tá numa escola e não tem investimento, tem um professor bom, mas não tem uma estrutura pra permanecer o aluno, não tem merenda escolar, não tem uma sala de aula adequada, não um material escolar, livros. Então, a educação de certa forma ela não tem o valor que merecia, não tô falando assim somente do salário do professor, porque muita gente toca nesse assunto, o pedagogo não recebe bem, sim, tem esse lado também, mas tem o lado de o Governo não dá o devido suporte a escola pra que uma educação adequada seja dada. (SÁVIO).

Já na fala de Sávio, o mesmo declara que atualmente a educação encontra-se “*desvalorizada*” pelos órgãos públicos, onde muitas vezes a escola apresenta uma equipe de professores bons e qualificados para administrarem uma aula prazerosa, porém, os mesmos não dispõem de uma infraestrutura para que essa aula aconteça. Essa ausência de infraestrutura não atinge apenas ao professor, como também influência de forma direta na

aprendizagem dos alunos, pois, eles estão inseridos em espaços que muitas vezes não oferecem uma merenda escolar, as salas são inadequadas e os livros não são atraentes por possuir uma linguagem dificultosa ou por muitas vezes estarem deteriorados.

Podemos constatar que nos relatos dos entrevistados, em sua maioria, há uma preponderância de questões direcionadas a desvalorização da educação, na qual a mesma está relacionada tanto para a infraestrutura dos espaços onde a educação ocorre, quanto para os profissionais que a administram. Segundo Souza (2011), são diversos os fatores que contribuem para a desvalorização desse profissional, como por exemplo as condições de trabalho e a remuneração, e em meio as essas dificuldades ainda se verifica a exigência de uma carga horária extensa, onde o profissional está sujeito a cobranças para assegurar as demandas extraclasse, seja elas relacionadas as turmas a is quais trabalha ou com os segmentos da escola.

Essa problemática ocorre principalmente em escolas Públicas, como apontado pelos entrevistados, onde há uma disparidade entre a educação ofertada dentro de espaços Públicos e a administrada em espaços Privados. E, mesmo diante dessas dificuldades, esses espaços precisam ter como entendimento que suas práticas e seus ensinamentos não devem se limitar em apenas ensinar, e sim aprender e também educar, como destacado por Fagner, pois esses espaços devem ter como objetivo preparar seus alunos para que futuramente almejem um futuro promissor.

Logo após, o assunto foi se a opinião dos entrevistados quanto a Pedagogia e a Educação mudaram no decorrer da Graduação. Todos afirmaram uma modificação em sua forma de ver o curso e o campo, entre os quais destacamos:

Sim, sim, sim. A minha mentalidade abriu bastante, porque a gente vem ... quando vem ... quando é ... de Pedagogia ainda ... a gente vem bem assim ... a gente dá pra achar só de trabalhar apenas na tipo educação, mas tu vê que tu pode ir além da educação, e em outras áreas ... de trabalho, então isso pra mim abriu mais a minha visão pra essa lado também, no qual como, é como ... eu antes, é antes de tá na graduação de Pedagogia eu já fazia alguns outros trabalho com teatro ..., que eu sou palhaço, artista de rua, no qual eu já ajo pelo lado acadêmico porque assim eu faço parte de um grupo de tipo extensão da ... da Federal ... então nisso é ... eu já tive chance de atuar com outros acadêmicos não só tipo da área da tipo educação mas da tipo da saúde, da jurídica ... da tecnológica, então

... tipo entrando no curso eu já consegui ... ver como ... pode ser a intervenção de trabalhos nesses campos também. (WESLEY).

Para Wesley, a modificação aconteceu na percepção de que a Pedagogia não se resume apenas à sala de aula, que a mesma disponibiliza muitas outras áreas de atuação, como por exemplo a área “da saúde, da jurídica ... da tecnológica”, mas que infelizmente poucos tem esse conhecimento de que a Pedagogia tem como oferta a atuação em várias áreas. O reconhecimento dessas áreas de atuação ocorreu após muitos estudos, como afirma Andrade et al (2016), onde se identificou em quais espaços o profissional em Pedagogia poderia exercer sua função como educador. Nessa perspectiva, o pedagogo tem várias funções, não apenas o de ser professor, pois até mesmo dentro dos espaços escolares esse profissional atua em diversos cargos como gestor, coordenador, entre outros.

Olha modificou bastante, tinha certos assuntos que tinha uma dificuldade de falar ou não tinha o conhecimento ... como EJA, é ... alguns alguns pensadores né, diferenciais no nosso curso, gostei de alguns outros não, mas é ... com certeza acrescentou bastante conhecimento, tanto que nas integradas tinha bastante gente mudando de curso tipo História, Geografia, Letras pra Pedagogia, porque se encontrou lá ..., e realmente eu me encontrei no meu curso, me sinto feliz, apesar da desse preconceito enorme que tem ... a gente não pode desistir né, tem que sempre seguir em frente. Isso, modifico bastante, eu sou professor de informática lá no Salesiano, é todo mês a gente trabalha um tema específico, um sub tema, por exemplo trabalho com eles aborto, trabalho com eles o racismo, trabalho com eles o bullying, trabalho com eles a pena de morte, então gosto de muito de acrescentar referencial crítico nos alunos, não sou aquele professor que a matéria tá ali, anota, faço as atividades, tira o ponto, passou. Não, eu não gosto de apenas ensinar a matéria, mas a viver também, a ter esse pensamento crítico, até porque é uma escola católica, a gente tem que ensinar o pensamento religioso pra ele se torna bem mais crítico do que normalmente o pensamento mundano, então é isso. Hoje eu vejo a Pedagogia como um curso belíssimo, um curso que ... não sei ... as vezes desprezado porque as pessoas são ignorantes acham que é só professor, professor, e as vezes as pessoas pensam só no monetário, que nós vivemos num mundo capitalista né, mas as vezes a gente tem que optar por aquilo que a gente gosta e não pelo dinheiro. Então acho bem importante isso. (FAGNER).

Já para Fagner, essa mudança ocorreu com relação as dificuldades na compreensão de determinados assuntos, que a partir das aprendizagens proporcionadas pela Pedagogia houve um entendimento sobre, e que infelizmente há um desprezo pelo curso tendo vista a questão monetária, pois entende-se que o profissional da educação possui uma remuneração baixa, logo, poucos conhecem e vivenciam esses ensinamentos ofertados pela

Pedagogia. Fagner também declara que os ensinamentos promovidos pelo curso, possibilitou um melhor desenvolvimento de seu trabalho como professor de informática, onde ele relata trazer como debates determinados assuntos que possibilitem uma visão crítica acerca da sociedade.

Cara muda muito porque eu te falo que dentro de uma ... uma universidade você sofre um processo de desconstrução que pelo menos pra mim foi positivo, entendeu!? Porque, eu creio que eu entrei lá com um pensamento de quatro anos atrás que era muito machista entendeu!? Eu tinha um pensamento muito machista que homem não podia fazer aquilo, não podia fazer isso, mas eu tive é docentes que abriram a minha visão pra isso, me deram outra mentalidade pra isso entendeu!? Eu te falo que eu fui muito feliz de ter essas pessoas no meu caminho, porque hoje o processo de desconstrução que aconteceu em mim ... foi bruscamente entendeu, e foi por um lado positivo, porque todo dia a gente tenta buscar uma melhora né, e eu creio que aquele pensamento de machista de quatro anos atrás, com o final do curso agora, de todas as experiências que eu tive, que eu vi que é capaz de educar crianças entendeu, de uma forma mais delicada entendeu, é ter mais cuidado, é demonstrar caridade, demonstrar carisma, isso daí não vai te tornar menos homem ou menos mulher se tu fizer isso entendeu, vai te tornar mais ser humano apenas. (EDUARDO).

No relato de Eduardo percebemos que foi a partir do seu ingresso no Ensino Superior, mais precisamente na Pedagogia, que aconteceu um processo de desconstrução que ele declara ter sido “*bruscamente*”, onde ao adentrar no curso, o mesmo possuía um “*pensamento muito machista*” com relação a determinadas ocupações ditas femininas, nas quais envolviam o cuidar e o educar, e que, portanto, não eram vistas como apropriadas para homens. Porém, foi a partir do contato com outros docentes que se possibilitou “*uma outra mentalidade*” para esse tipo de pensamento, onde não apenas a mulher é vista como responsável por educar e cuidar, que o homem pode sim demonstrar carinho e afeto sem sofrer represálias, e que o fato de enfrentarmos essas práticas sexistas não vão nos “*tornar menos homem ou menos mulher*” e sim “*mais seres humanos*”.

Assim, a realidade atual tem permitido uma crescente ruptura de padrões e regras tradicionais, como evidenciado por Januário (2016), ao declarar que em alguns casos presenciamos um momento de transição, onde valores pautados por velhas referências são transformados por uma nova concepção, e entre outros casos, percebemos a coexistência entre os novos modelos de masculinidade em detrimento com os modelos tradicionais.

Além destas questões, Wesley teceu sua opinião sobre o que é necessário mudar na Instituição que estuda, como observado a seguir:

Hum. Vejo que é ... pra educação que eu acredito de fato sim a gente tem que ... a instituição particular, principalmente, tem que mudar bastante, tem que abrir mais campo de pesquisa pro estudante, dando mais oportunidade de pesquisa e não visando apenas ao mercado de tipo trabalho, não é porque eu estudo numa tipo instituição é ... que eu próprio ... que o próprio assim ... o slogan dele né, você quer um diploma ... ou, quero lembrar peraí, se tu souber me ajuda, ... é ... quer um trabalhou ou um diploma ... acho que seria mais ou menos isso, mas pra mim isso já tá tipo errado, não é um trabalho ou diploma, os dois, mas, como também ... fazer que não seja apenas trabalhar na educação só pelo salário ... também não só pelo diploma, querer um trabalho e ter um diploma, acho que tem que ir muito além, pelo menos na instituição eu não vejo quase oportunidade de pesquisa mesmo, eu vejo fazendo as minhas mas não pela tipo instituição, venho fazendo por fora e indo tipo atrás na lá tipo UFPA, pela pública indo, correndo mesmo porque se eu fosse apenas me tipo prender ao que ensina a privada eu ficaria só no campo tipo teórico voltado mais ao mercado de trabalho ... então pra mim o que ... o que falta essa, abrir mais esse leque porque os tipo estudante ... cresce não é que seja errado deles mas é a visão que é ensinado quando não tem a disposição de pesquisar outras coisas, fica apenas no Piaget, Valonque, são cara massa, mas o que tem aqui no Brasil que a gente possa aproveitar? Tem muitos teóricos, tem o próprio que ... que tipo ensina muito que já faleceu que é a Nise da Silveira, que é uma médica psiquiátrica que ensina muito do que é o tipo educar e o cuidado, o próprio José Pacheco que é educador vivo, e tá ... a disposição com seus trabalhos ai, então pra mim o que falta é gente também acreditar mais no que é nosso, porque a gente vem muito com a síndrome do vira-lata que o que é do exterior é o melhor, enquanto a ideia é tipo nortear, buscar o Norte, não nortear não, eu confundi desculpe, é sulear porque a revolução tá no Sul, o Norte ... a gente sabe quem veio do Norte escravizou a gente até hoje escraviza ainda, não não dizem que é tipo escravidão, não como era de tipo antigamente que isso não tem como acontecer hoje em dia mas ainda a escravidão de cultura ... acontece, a escravidão da tipo educação acontece, porque a gente aprende só o que é de fora a gente não aprende o saber da nossa terra, pô a gente ... a gente mora na Amazônia, o que que a gente aprende de Amazônia? Tinha na tipo educação de base é ... aqui é eu acho que a última vez que eu vi essa matéria tem uns sete anos, oito anos, que era Estudos Amazônicos, hoje em dia cortaram, tá só o Enem, o Enem porque o Enem é uma grande barca furada que engloba só o Sul com o Sudeste, não engloba o Norte, quando engloba o Norte a gente sabe bem com muitas falhas, como a gente tá na Amazônia a gente não aprende? Acho que pros pedagogos que forem ler o seu tipo trabalho eu aconselho a se tipo apropriar mais da cultura Amazônica, a cultura indígena, porque não tem como a gente morar aqui na Amazônia e não saber a tradição daqui, a gente a gente ensina muitas pessoas que são de fora, e a gente não ... o nosso povo não valoriza essa cultura, também porque também não é ensinado em escola, faculdades, ... a gente entra e vê ... é estruturas com modelo europeu, prédios enorme, salas ... de última geração, mas tu entra numa instituição toda quadrada de ... sei lá ... de tipo cimento e tijolo, e qual é a planta que tem? Se na Amazônia é rico? Não encontra nenhuma, então eu acho que se eu fosse dar um conselho, buscar mais esse saber de educação de cura na ... tipo cultura Amazônica

que tem muito a ensinar, e muitas ... do que tipo aprender tese de tipo doutorado, de mestrado que tem muito o que acrescentar. (WESLEY).

As posições pontuadas por Wesley se remetem a uma reestruturação quanto a oferta de campos de pesquisa pela IES Particular, para assim possibilitar “*mais oportunidades de pesquisa e não visando apenas ao mercado de tipo trabalho*”. Outra modificação pontuada por Wesley é referente a grade curricular do curso, onde o mesmo destaca a ausência de teóricos brasileiros e de disciplinas que valorizem os ensinamentos e a cultura da Amazônia. Assim, de acordo com Leonello e L’Abbate (2006), ao se pensar no currículo como um processo desenvolvido através da realidade sociopolítica e econômica, considera-se a necessidade e a obrigatoriedade de sua constante reflexão e discussão, para que assim ocorra uma reestruturação que atenda as exigências de cada curso.

Interessante destacar também a posição de Fagner ao final da entrevista sobre os homens na Pedagogia, observado abaixo:

O que eu tenho a dizer pros homens que fazem Pedagogia, é pra se é isso que eles querem façam. Não tem que desistir das coisas fácil, porque em todo canto existe esse preconceito, não só com os homens, até com as mulheres, público LGBT, público que é ... que tem sofre de racismo, então esse problema é só um problema no nosso mundo, não é um grande problema, é um problema é, mas tem problemas muito maiores na sociedade que a gente pode reverter, e sim a gente pode reverter esse problema, sim a gente pode, mas a gente pode resolver com calma, não de um dia pro outro ou de um ano pro outro, e sim com o tempo. Tem vários amigos que tem vontade de fazer e não fazem por causa disso, ai eu fico bastante triste, mas né, um dia vai mudar né, quem sabe. (FAGNER).

Percebemos um incentivo para que outros homens optem por Pedagogia, ele também destaca que o preconceito não se apresenta apenas para os homens, atingindo também as mulheres e o público LGBT, e que, portanto, devemos buscar uma união para aos poucos ocorrer uma quebra e uma modificação nesses tipos pensamentos. As mudanças ocorridas nesses últimos anos têm proporcionado e favorecido um extraordinário rompimento com os padrões tradicionais, e em meio a essas transformações destacam-se o movimento feminista, o LGBT, o estudantil, entre outros. Assim, como afirma Wang, Jablonski e Magalhães (2006), a busca por uma igualdade de gênero ocorreria não por meio de um modelo ideal de homem, mas sim, através de novas e múltiplas possibilidades.

Por sua vez Sávio chama atenção para o fato de que o curso pode surpreender aos que dele fazem parte, como evidenciado em seguida:

Um comentário a mais pra acrescentar é ... que eu me identifiquei bastante com o curso, eu me surpreendi, eu cheguei com um pensamento que talvez eu não conseguisse me adaptar, mas a adaptação foi assim super rápida, os professores são ótimos, excelentes, tanto do I. quanto da IES x, é eles te fazem praticar, eles te dão a teoria e te fazem praticar, e digamos que te ... abre tua mente, abre o teu pensamento pra certas coisas que tu não sabia como era, mas agora tu já tem uma base teórica do que é. (SÁVIO).

Na fala de Sávio, também identificamos um incentivo para que outras pessoas escolham para sua formação acadêmica o curso de Pedagogia, uma vez que o mesmo relata ter se surpreendido com o curso por proporcionar novos horizontes e novas perspectivas que nos possibilitam uma visão mais crítica sobre determinados assuntos.

IV- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve como principal objetivo a compreensão dos motivos que levam homens a cursar Pedagogia dentro de Instituições de Ensino Superior Particulares.

Ao iniciar a investigação deparei-me com uma grande escassez de pesquisas relacionadas a essa temática, principalmente voltados para a cidade de Belém, constituindo-se, dessa forma, como uma das dificuldades enfrentadas para realizar e concretizar este trabalho. Portanto, o mesmo representa uma abertura de possíveis debates e estudos referentes a questões sobre gênero na docência, uma vez que, focaliza o homem como protagonista da pesquisa, pois, embora essas questões se mostrem cada vez mais presentes em debates atuais, ainda sim mantem-se como sujeito principal as mulheres.

Durante o levantamento bibliográfico para a produção dos capítulos teóricos evidenciei uma pluralidade de representações de masculinidades, desde modelos relacionados ao tradicionalismo, a novos modelos pautados na diversidade.

Observamos que a reprodução dos modelos tradicionais ocorre devido a criação que tivemos, pois, nossos pais foram moldados a considerar como padrão homens machistas, agressivos, com uma superioridade diante das mulheres, muito por questões ligadas ao patriarcado. E no momento em que esses homens se distanciavam dessas características relacionadas a masculinidade hegemônica eram duramente penalizados, forçando-os a se adequar a esse único modelo.

Atualmente, muitas instituições responsáveis pela formação da identidade dos sujeitos, como por exemplo o âmbito familiar, a escola e a universidade, perpetuam esse tipo de pensamento, o que tem dificultado possíveis mudanças de padrões sexistas presentes no curso de Pedagogia, tanto em sua teoria quanto na sua prática.

O prosseguimento da segregação de profissões determinadas e consideradas como femininas ou masculinas tem perpetuado para que muitos estudantes ainda se direcionem a cursos com um público majoritário de acordo com o seu gênero. Na Pedagogia por exemplo, a constante predominância de

mulheres, ocorre pelo fato dessa área ter se apresentado como uma primeira oportunidade de a mesma ser inserida nos espaços públicos. Outra questão relacionada também ao curso de Pedagogia é a associação com o educar e o cuidar, e que, portanto, determina a mulher como apta a exercer tais tarefas.

Porém, mesmo em meio a essa segregação, ainda conseguimos identificar homens que quebram esses paradigmas, ao escolherem a Pedagogia como o curso superior. E para que se efetue cada vez mais uma desconstrução de concepções pautadas em modelos tradicionais, fundados no patriarcado, na masculinidade hegemônica e no machismo, faz-se necessário realizarmos reflexões acerca de temas sobre gênero, contudo, sem restringir a um determinado público, pois, ao influenciarmos uma sociedade como um todo, iremos possibilitar a abertura para outras novas representações de masculinidade, sem que as mesmas sofram represálias, fortalecendo, dessa forma, o respeito e a valorização do gênero.

Ao dar início a pesquisa de campo, outra dificuldade encontrada foi a localização desses sujeitos, pois o contingente de homens que frequentam o curso de Pedagogia em IES Particulares chega a ser mínimo ou até nulo. Assim, quando localizei os entrevistados e entrei em contato para explicar acerca da pesquisa, muitos mostraram-se surpresos, muito pelo fato do trabalho ter como foco os homens e por se tratar de uma mulher que os investiga.

E com relação ao perfil desses estudantes, esperava-se encontrar pessoas com idades mais avançadas, que já possuíam outra formação superior, e que, portanto, estariam cursando Pedagogia para complementar essa formação já existente. Porém, ao conhecê-los percebi que o perfil que havia traçado previamente não condizia com a realidade existente, pois me deparei com homens jovens, que haviam escolhido o curso de Pedagogia, e o próprio se apresentava como o primeiro curso acadêmico deles, e mesmo em meio as dificuldades enfrentadas, estavam satisfeitos por ingressarem no referido curso.

A partir da identificação desse perfil, podemos perceber que apesar dos obstáculos referentes ao preconceito enfrentado, os homens começam aos poucos a ocupar os espaços definidos socialmente como femininos, o que tem

contribuído para o rompimento de padrões que delimitam as profissões como adequadas para homens e para mulheres.

Durante as entrevistas, também notamos que em muitos relatos há a coexistência de pensamentos pautados em modelos tradicionais, obtidos através da criação que tivemos, e pensamentos pautados em modelos modernos, influenciados pela atualidade. Assim, para que esse rompimento aconteça com maior assiduidade, é de extrema importância que as Instituições que exercem influência quanto a formação da identidade de gênero discutam e debatam acerca dessas temáticas, pois, dessa forma, obteremos uma igualdade que possibilitará uma abertura para que os docentes homens possam atuar, sem qualquer desconfiança, em turmas de Ensino Infantil e Fundamental.

Com relação ao Ensino Superior, observamos que o mesmo se mostra como um dos momentos mais conflitantes na trajetória escolar, pois envolve a definição das futuras experiências que vivenciarão tanto no decorrer do curso, quanto na carreira profissional. E para esses estudantes, o Ensino Superior Privado revela-se como uma oportunidade para adentrar no referido ensino, sendo influenciados por fatores sociais, econômicos e culturais.

Assim, esta pesquisa me possibilitou uma visão mais crítica sobre gênero, pois proporcionou modificações relacionados a pensamentos pautados no tradicionalismo, e promoveu debates com familiares e conhecidos para que refletissem sobre os modelos aos quais seguiam. E, é com extrema satisfação que busquei com esse trabalho influenciar para que outras pessoas se sintam motivadas a pesquisar sobre essa temática, com o objetivo de desconstruir os padrões determinados socialmente.

A pesquisa também me possibilitou a instigar novas problemáticas a serem estudadas, onde objetivam identificar a forma como as Instituições escolares, incluído pais, alunos e o corpo escolar, observam o professor dentro de turmas de Educação Infantil e Ensino Fundamental, e qual seria o papel da gestão escolar para possibilitar a entrada desses professores nas escolas, sem que os mesmos enfrentem dificuldades. Outra possibilidade de pesquisa é a interação entre homens e mulheres dentro do curso de Pedagogia, ao realizar um comparativo sobre como as mulheres observam o ingresso masculino no curso, e como os homens observam a predominância feminina na Pedagogia.

E para futuramente dar continuidade a investigação deste trabalho, busco realizar novas entrevistas com os mesmos sujeitos, após a conclusão do curso, para assim, perceber se durante o prosseguimento da trajetória universitária houveram modificações em seus pensamentos ou o enfrentamento de novas problemáticas.

Dessa forma, posso afirmar que, ser pesquisador é defrontar-se com dificuldades, que muitas vezes nos desestimulam a dar prosseguimento na pesquisa, porém, ao vermos nosso trabalho finalizado e reconhecido entendemos que essas dificuldades não se apresentam para impossibilitar que a pesquisa seja realizada, e sim como um desafio para que possamos superar os nossos próprios limites.

Assim, muitas pesquisas ainda devem ser realizadas combinando masculinidade e docência, aprofundando perspectivas, limites, dificuldades e sucessos, para que juntas possam contribuir para diminuir o preconceito em torno da docência exercida por homens nas classes de Educação Infantil ou Ensino Fundamental.

REFERÊNCIAS

ALAMBERT, Zuleika. **A mulher na história, a história da mulher**. Fundação Astrojildo Pereira: Rio de Janeiro, 2004.

ALMEIDA, Jane Soares de. Mulheres na escola: algumas reflexões sobre o magistério feminino. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 96, p. 71-78, fev. 1996.

_____. As professoras no século XX: as mulheres como educadoras da infância. In: III Congresso Brasileiro de História da Educação, 2004, Curitiba. **A educação escolar em perspectiva histórica**. Curitiba - PA: Universidade Federal de Curitiba, v. 01. p. 01-12, 2004.

ALMEIDA, Marise M. de Matos. Dimensões da masculinidade no Brasil. **Cadernos do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero – NUTEG**, Niterói, v.1, n.1, p. 29-40, 2000.

ALVES, Maria de Fátima Paz. Masculinidade/s: considerações a partir da leitura crítica de alguns textos que focalizam homens. **Revista Ártemis**, v. 3, p. 1-14, dez. 2005.

ANDRADE, Maria Aparecida F. de Souza et al. As diversas áreas de trabalho que um pedagogo pode atuar. In: III Condenu-Conselho Nacional de Educação, 2016, Piauí. **Anais Conselho Nacional de Educação**, 2016.

ARAUJO, Messias Pereira; HAMMES, Care Cristiane. A androfobia na educação infantil. **Interfaces da Educação**, v. 3, n. 7, p. 5-20, 2012.

ATCON, Rudolph. **Rumo à Reformulação Estrutural da Universidade Brasileira**: Estudo realizado entre junho e setembro de 1965 para a Diretoria do Ensino Superior do Ministério da Educação e Cultura. Rio de Janeiro: MEC, 1966.

AUGUSTO, Maria Helena Oliva. Retomada de um legado intelectual: Marialice Foracchi e a sociologia da juventude. **Tempo social**, v. 17, n. 2, p. 11-33, 2005.

BARRETO, Andreia. A mulher no ensino superior: distribuição e representatividade. **Cadernos do GEA**, n. 6, p. 7-46, jul./dez. 2016.

BARREYRO, Gladys Beatriz. **Mapa do ensino superior privado**. Brasília: INEP, 2008.

BENCZIK, Edyleine Bellini Peroni. A importância da figura paterna para o desenvolvimento infantil. **Revista Psicopedagogia**, v. 28, n. 85, p. 67-75, 2011.

BERALDO, Guilherme de Souza; TRINDADE, Ellika. Novos pais, novos homens? Paternidade e identidade masculina no contexto pós-moderno. **Pretextos**, v. 2, n. 1, p. 56-75, jul./dez. 2016.

BICUDO, Maria A. Viggiani. A pesquisa qualitativa fenomenológica à procura de procedimentos rigorosos. In: _____. **Fenomenologia: confrontos e avanços**. São Paulo: Cortez, p. 70-102, 2000.

BRASIL, Ministério da educação. **Sinopses Estatísticas da Educação Superior – Graduação**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasília, 2012. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/superior-censosuperior-sinopse>> Acesso em: 03 mar. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Ensino Superior. **A democratização e expansão da educação superior no país: 2003 – 2014**. (Balanço Social 2003 2014) Brasília, 2015 b. Disponível em: file:///C:/Users/Penildon/Downloads/balanco_social_sesu_2003_2014%20(1).pdf > Acesso em: 2 mar. 2017.

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha; AMADO, Tina. Estudos sobre mulher e educação: algumas questões sobre o magistério. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 64, p. 4-13, fev. 1988.

CALDERÓN, Adolfo Ignacio. Universidades mercantis: a institucionalização do mercado universitário em questão. **São Paulo em Perspectiva**, v. 14, n. 1, p. 61-72, 2000.

CARDOSO, Frederico Assis. Homens fora de lugar? A identidade de professores homens na docência com crianças. **30ª Reunião Anual da ANPEd**, Rio de Janeiro, v. 30, p. 1-18, 2007.

CARDOSO, Maria Cristina B.; OLIVEIRA, Tâmara de; SABOYA, Maria Clara L. Educar e cuidar pela perspectiva das relações de gênero na Educação Infantil. **Revista E-Faceq**. v. 4, n. 5, p. 1-31, mai. 2015.

CARVALHO, Cristina H. Almeida de. A mercantilização da educação superior brasileira e as estratégias de mercado das instituições lucrativas. **Revista Brasileira de educação**, v. 18, n. 54, p. 761-776, 2013.

CARVALHO, Marília Pinto de. Vozes masculinas numa profissão feminina. **Revista Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 406-422, 1998.

CHAVES, Vera Lúcia Jacob; CAMARGO, Arlete. Acesso e expansão do ensino superior em Belém: o público e o privado em questão. **26ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Educação**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 1-20, 2003.

CHIZZOTTI, Antônio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista portuguesa de Educação**, Braga, v. 16, n. 2, p. 221-236, 2003.

COLTRO, Alex. A fenomenologia: um enfoque metodológico para além da modernidade. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v. 1, n. 11, p. 37-45, 2000.

CONNELL, Robert W. Políticas da masculinidade. **Educação e Realidade**, v. 2, n. 20, p. 185-206, jul./dez. 1995.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 21, n.1, p. 241-242, jan./abr. 2013.

CORBUCCI, Paulo Roberto. Financiamento e democratização do acesso à educação superior no Brasil: da deserção do Estado ao projeto de reforma. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 88, p. 677-701, 2004.

CORBUCCI, P. R.; KUBOTA, L. C.; MEIRA, A. P. B. Evolução da educação superior privada no Brasil: da reforma universitária de 1968 à década de 2010. **Radar**, v. 46, p. 7-12, ago. 2016.

COSTA, Marisa Cristina Vorraber. **Trabalho docente e profissionalismo**. Porto Alegre: Sulina, 1995.

CUNHA, Luiz Antônio. A expansão do ensino superior: causas e consequências. **Debate e crítica**, São Paulo, v. 5, p. 27-58, 1975.

_____. **Qual universidade?**. São Paulo: Autores Associados, Cortez, 1989a.

_____. **Ensino superior e universidade no Brasil**. In: TEIXEIRA, E. M. et al. 500 anos de educação no Brasil. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

DEMARTINI, Zeila de Brito F.; ANTUNES, Fátima Ferreira. Magistério primário: profissão feminina, carreira masculina. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 86, p. 5-14, ago. 1993.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, p. 15-41, 2006.

DURHAM, Eunice Ribeiro. **O ensino superior no Brasil: público e privado.** Documento de Trabalho 3/03, São Paulo: NUPES-USP, 2003.

FARBER, Susana Gauche; VERDINELLI, Miguel Angel; RAMEZANALI, Mehran. A universidade está contribuindo para a igualdade de gênero? Um olhar sobre a percepção dos docentes de pós-graduação. **Revista Gestão Universitária na América Latina-Gual**, v. 5, n. 4, p. 116-140, 2012.

FELIPE, Jane. Afinal, quem é mesmo pedófilo?. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 26, p. 201-223, jan./jun. 2006.

FERREIRA, José Luiz; CARVALHO, Maria E. Pessoa de. Gênero, masculinidade e magistério: horizontes de pesquisa. **Olhar de Professor**, Ponta Grossa, v. 9, n. 1, p. 143-157, 2006.

FERREIRA JÚNIOR, Amarílio; BITTAR, Marisa. Educação e ideologia tecnocrática na ditadura militar. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 28, n. 76, p. 333-355, set./dez.2008.

FIALHO, Fabrício Mendes. Uma crítica ao conceito de masculinidade hegemônica. **Seminário Internacional Fazendo Gênero**, v. 7, p. 28-30, 2006.

FREIRE, Eleta de Carvalho. Mulher no magistério: uma história de embates entre espaço público e espaço privado. **Revista Lugares de Educação**, v. 1, n. 2, p. 239-256, jul./dez. 2011.

GARNICA, Antônio V. Marafioti. Algumas notas sobre pesquisa qualitativa e fenomenologia. **Interface—Comunicação, Saúde e Educação**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 109-122, 1997.

GEBRAN, Raimunda Abou; SILVA, Naime Souza; BARROS, Helena Faria de. As representações sociais e expectativas dos alunos ingressantes no curso de pedagogia. **Comunicações**, v. 22, n. 3, p. 183-201, 2015.

GODOY, Arlida Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995.

GOMES, Romeu. Sexualidade masculina e saúde do homem: proposta para uma discussão. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 8, n. 3, p. 825-829, 2003.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Censo da Educação superior 2002.** Sinopse Estatística. Brasília, 2003.

_____. **Estudo exploratório sobre o professor brasileiro com base nos resultados do censo escolar da educação básica 2007.** Brasília: Inep,

2009b. Disponível em:

<http://download.inep.gov.br/download/censo/2009/Estudo_Professor_1.pdf>.

Acesso em: 06 out. 2016.

JANUÁRIO, Soraya Barreto. Gênero, Identidade e Feminismo. In: _____.

Masculinidade em (re) Construção: Gênero, Corpo e Publicidade. 1ª. edição. Covilhã: LabCom, 2016. cap. 1, p. 23-77.

_____. Masculinidade: Historicidade, Pluralidade e Construção. In: _____.

Masculinidade em (re) Construção: Gênero, Corpo e Publicidade. 1ª. edição. Covilhã: LabCom, 2016. cap. 2, p. 79-151.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista Narrativa. In:

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. Petrópolis: Vozes, p. 90-113, 2002.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo:** Corpo e Gênero dos Gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LEONELLO, Valéria Marli; L'ABBATE, Solange. Educação em saúde na escola: uma abordagem do currículo e da percepção de alunos de graduação em pedagogia. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 10, n. 19, p. 149-166, 2006.

LIBÂNIO, José Carlos. Que destino os educadores darão à Pedagogia? In: PIMENTA, Selma Garrido (Org.). **Pedagogia, ciência da educação?**. São Paulo: Cortez. 1996.

LIMA, Cíntia Lúcia de; ALEXANDRINO, Daniela F. de Lima. Trajetória do Sistema Educacional através das configurações da profissão docente no Brasil. **Cadernos de História da Educação**, v. 11, n. 2, jul./dez. 2013.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, Campinas, v. 19, n. 2, p. 56, 2008.

_____. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. 13ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes antropológicos**, v. 4, n. 9, p. 103-117, out. 1998.

KIMURA, Patrícia Rodrigues et al. Caminhos da formação e profissionalização docente no Brasil: desafios e perspectivas na contemporaneidade. **Reflexão e Ação**, v. 20, n. 1, p. 09-23, jan./jun. 2012.

MARTINS, Carlos Benedito. A reforma universitária de 1968 e a abertura para o ensino superior privado no Brasil. **Educação e Sociedade**, v. 30, n. 106, p. 15-35, jan./abr. 2009.

MATTOS, Meira. Relatório Meira Mattos. **Revista Paz e Terra**, p. 199-241, 1969.

MIRANDA, Marcelo Henrique G. de. **Magistério Masculino: (Re) Despertar tardio da docência**. 2003. 113 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2003.

MORAES, Carolina de; PAVIANI, Neires M. S. **Entrevista narrativa: um gênero da pesquisa sociolinguística**. In: V Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais - SIGET, 2009. V SIGET. Caxias do Sul, p. 1-20, 2009.

MOURA, Luciano Jorge Fernandes et al. Estudo compreensivo acerca da metrosssexualidade em Belém/PA. **Revista do NUFEN**, v. 6, n. 2, p. 51-69, 2014.

MUYLAERT, Camila Junqueira et al. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 48, n. 2, p. 193-199, 2014.

NASCIMENTO, Márcia; SOUZA, Mirelle; FERREIRA, Daniela. **Análise sociológica: fatores de influência no processo de escolha pelo curso de pedagogia da UFPE**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal de Pernambuco. 2011.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisas em administração**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 1-5, 1996.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; PEREIRA, Flávia Goulart. O gosto e as condições de sua realização: a escolha por pedagogia entre estudantes com perfil social e escolar mais elevado. **Educação em Revista**, v. 26, n. 3, p. 15-38, dez. 2010.

OLIVEIRA JÚNIOR, Edyr Batista de. **Masculinidades em cena: o modo de ser e de pensar o metrosssexual a partir das telenovelas**. 2012, 161f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

OLIVEIRA, Janna Érica P. Linhares; SOARES, Juliana G. da Silva; SOUSA, Raimundo N. **As representações sociais sobre a qualidade da educação das faculdades particulares: uma abordagem política, social e histórica**.

Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2011. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5502_3544.pdf>. Acesso em: 10 de Março de 2017.

OLIVEIRA, Michele A. da Costa; LEÃO, André L. M. de Souza. Sendo aos olhos do outro: o papel da alteridade na construção da identidade metrossesual. **Revista de Administração**, v. 47, n. 2, p. 264-274, 2012.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. Discursos sobre a masculinidade. **Estudos Feministas**, v. 6, n. 1, p. 91-112, 1998.

PEREIRA, Fernando A. de Melo; QUEIROS, Alinne P. Cunha de. A consolidação da pesquisa social qualitativa: um aporte teórico. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 12, n. 134, p. 65-72, jul. 2012.

PEREIRA, Flávia Goulart. **Homens no curso de pedagogia: as razões do improvável**. 2013, 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poésis**, v. 3, n. 3, p. 5-24, 2005.

PIMENTEL, Adelma do Socorro Gonçalves. Formas de exercer a paternidade em Belém e Évora. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 15, n. 1, p. 36-41, jan./jun. 2009.

_____. Interrogar masculinidade em Belém do Pará. **Contextos clínicos**, v. 4, n. 1, p. 18, jan./jun. 2011.

PINHO, Ângela. 20% dos futuros professores no Brasil têm 'nota vermelha'. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 28 nov. 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2016/11/1836190-20-dos-futuros-professores-no-brasil-tem-nota-vermelha.shtml>>. Acesso em 30 de nov. de 2016.

PINTO, José M. de Rezende. Financiamento da educação no Brasil: um balanço do governo FHC (1995-2002). **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 23, n.80, p. 108-135, set. 2002.

RABELO, Amanda Oliveira; MARTINS, António Maria. A mulher no magistério brasileiro: um histórico sobre a feminização do magistério. In: VI Congresso Luso Brasileiro de História da Educação. **Anais**, p. 6167-6176, 2006.

RABELO, Amanda Oliveira. Professores Homens nas Séries Iniciais: escolha profissional e mal-estar docente. **Educação & Realidade**, v. 35, n. 2, p. 279-298, maio/ago. 2010.

_____. Professores discriminados: um estudo sobre os docentes do sexo masculino nas séries do ensino fundamental. **Educação e Pesquisa**, v. 39, n. 4, p. 907-925, out./dez. 2013.

RAMOS, Joaquim; XAVIER, Maria do Carmo. Percepções da comunidade escolar sobre os professores homens na Educação Infantil. **Revista Paidéia**, v. 1, n. 12, p. 99-115, jan./jun. 2012.

RELATÓRIO da Equipe de Assessoria ao Planejamento do Ensino Superior. **Ministério da Educação e Cultura**. Rio de Janeiro, 1969.

RELATÓRIO Meira Matos. **Paz e Terra**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 9, p. 199-241, out. 1969.

REFORMA universitária: relatório do Grupo de Trabalho. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, DF, v. 50, n. 111, p. 119-175, jul./set. 1968.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. História da educação escolar no Brasil: notas para uma reflexão. **Paidéia- Ribeirão Preto**, p. 15-30, fev./jul. 1993.

ROJAS, Jucimara. Efeitos de sentido em fenomenologia nas práticas educativas: linguagem, cognição e cultura. **Anais III Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos**, v.1, p. 1-10, 2006.

ROJAS, Jucimara; BARUKI, Regina Fonseca. A fenomenologia na prática educativa: uma leitura da arte no desenho infantil como linguagem. **UNIARTE: textos escolhidos. Dourados, MS: UNIGRAN**, p. 55-73, 2009.

ROJAS, Juciamara; BARUKI, Regina Fonseca; SOUZA, Rosana Sandri. Fenomenologia e rigor na pesquisa educacional: a experiência da UFMS. **Anais do IV SIPQ**, p. 1-10, 2012.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. História da educação no Brasil. **Petrópolis: Vozes**, v. 268, 1978.

SAAVEDRA, Luísa. Diversidade na identidade: a escola e as múltiplas formas de ser masculino. In: **Psicologia Educação Cultura**, v. 8, n. 1, Vila Nova de Gaia, p. 103-120, 2004.

SABOYA, Maria Clara Lopes; CARVALHO, Marília Pinto de. Diretores de escolas e suas representações sobre seu trabalho: na interface de masculinidades e feminilidades. **Atos de Pesquisa em Educação**, v. 2, n. 1, p. 73-105, jan./abr. 2007.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAMPAIO, H. **Evolução do ensino superior brasileiro (1808-1990)**. Documento de Trabalho 8/91, São Paulo: NUPES-USP, 1991.

_____. **O ensino superior no Brasil: o setor privado**. Hucitec, São Paulo, 2000.

_____. O setor privado de ensino superior no Brasil: continuidades e transformações. **Revista Ensino Superior**, v. 2, n. 4, p. 28-43, 2011.

SANTOS, Bárbara Ferreira. 10 números que mostram como está o ensino superior no Brasil. **Exame**, São Paulo, 8 out. 2016. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/brasil/10-numeros-que-mostram-como-esta-o-ensino-superior-no-brasil>>. Acesso em 19 de ago. de 2017.

SANTOS, Simone C. Marinho dos. O modelo predominante de masculinidade em questão. **Revista de Políticas Públicas**, v. 14, n. 1, p. 59-65, jan./jun. 2010.

SANTOS, Vinícius Rangel dos; CASTRO, Roney Polato de. “Pedagogia é lugar de homem?” Pensando em relações de gênero a partir do curso de Pedagogia da UFJF. In: IV Simpósio Internacional de Educação Sexual, 2015, Maringá. **Anais do IV Simpósio Internacional de Educação Sexual**. Maringá: UEM, p. 01-16, 2015.

_____. Relações de gênero na Pedagogia: concepções de estudantes homens. **Educação em Perspectiva**, v. 7, n. 1, p. 53-76, jan./jun. 2016.

SAPAROLLI, E. **Educador infantil: Uma ocupação de gênero feminino**. São Paulo: PUC (Dissertação de Mestrado), 1997.

SAYÃO, Deborah Thomé. **Relações de Gênero e Trabalho Docente na Educação Infantil: Um Estudo de Professores em Creche**. 2005, 274 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

SCHAFFRATH, Marlete dos Anjos Silva. Profissionalização do magistério feminino: uma história de emancipação e preconceitos. **23ª Reunião Anual da Anped**, 2000.

SCHWARTZMAN, Jacques; SCHWARTZMAN, Simon. O ensino superior privado como setor econômico. **Ensaio–Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 10, n. 37, p. 411-440, ago. 2002.

SILVA, Ieda Prates da. Para ser um guri: espaço e representação da masculinidade na escola. **Estilos da Clínica**, v. 9, n. 17, p. 70-83, 2004.

SILVA, Lana C. Macedo da Silva; OLIVEIRA, Ana da Conceição; LOPES, João L. da Silva. **Gênero e educação**: o acesso à universidade do Estado do Pará, Brasil. In: 10º Congresso Internacional de Educação Superior, 2016, Havana. 10º Congresso Internacional de Educação Superior, 2016.

SILVA, Sergio Gomes da. A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 26, n. 1, p. 118-131, 2006.

SOUZA, José Edilmar de. Homem docência com crianças pequenas: o olhar das crianças de um centro de Educação Infantil. In: 37ª Reunião Anual da ANPED, 2015, Florianópolis. **Anais da 37ª Reunião da ANPED**, 2015.

SOUZA, Luiz Aparecido Alves de. Desvalorização social da profissão docente no cotidiano da escola pública no discurso do professor. In: X Congresso Nacional de Educação-Educere, 2011, Curitiba. **Anais Congresso Nacional de Educação**, p. 4813-4823, 2011.

SOUZA, Márcio Ferreira de. As análises de gênero e a formação do campo de estudos sobre a (s) masculinidade (s). **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, v. 14, n. 2, p. 123-144, jul./dez. 2009.

STAMATTO, Maria I. Sucupira. Um olhar na História: a mulher na escola (Brasil:1549-1910). In: História e Memória da educação Brasileira, 2002, Natal. **II Congresso Brasileiro de História da Educação**, 2002.

TRAINA-CHACON, José-Marcelo; CALDERÓN, Adolfo-Ignacio. A expansão da educação superior privada no Brasil: do governo de FHC ao governo de Lula. **Revista iberoamericana de educación superior**, v. 6, n. 17, p. 78-100, 2015.

TOMAZONI, Larissa; DOTTA, Alexandre Godoy; LOBO, Andrea Maria Carneiro. A condição da mulher no espaço educacional brasileiro: aspectos históricos sociais da trajetória feminina. **Anais do EVINCI-UniBrasil**, v. 1, n. 2, p. 1-22, 2016.

VIANNA, Cláudia Pereira. O sexo e o gênero da docência. **Cadernos Pagu**, v. 17, n. 18, p. 81-103, 2001.

_____. A feminização do magistério na educação básica e os desafios para a prática e a identidade coletiva docente. In: YANNOULAS, Silvia Cristina (Org.). **Trabalhadoras**: análise da feminização das profissões e ocupações. Brasília, DF: Abaré, 2013. p. 159-180.

VIDAL, Diana Gonçalves. Sexualidade e docência feminina no ensino primário do Rio e Janeiro. In: BRUSCHINI, Cristina; HOLLANDA, Heloísa (orgs).

Horizontes plurais: novos estudos de gênero no Brasil. São Paulo: FCC – São Paulo: Ed. 34,1998.

WANG, May-Lin; JABLONSKI, Bernardo; MAGALHÃES, Andréa Seixas. Identidades masculinas: limites e possibilidades. **Psicologia em REVISTA**, v. 12, n. 19, p. 54-65, jun. 2006.

WELLER, W. Tradições hermenêuticas e interacionistas na pesquisa qualitativa: a análise de narrativas segundo Fritz Schütze. Reunião Anual Da ANPED, 32, 2009, Caxambu, MG. **Anais...** Caxambu, MG: ANPED, p. 1-16, 2009.

WELLER, Wivian; ZARDO, Sinara Pollom. Entrevista narrativa com especialistas: aportes metodológicos e exemplificação. **Revista da FAEEBA-Educação e Contemporaneidade**, v. 22, n. 40, jul./dez. 2013.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. Práticas de gestão e feminização do magistério. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 126, p. 609-634, set./dez. 2005.

WOLTER, Roberto H. O ensino superior na Era Vargas. **Maiêutica - Curso de História**, v. 4, p. 131-142, 2016.

WITTIZORECKI, Elisandro Schultz et al. Pesquisar exige interrogar-se: A narrativa como estratégia de pesquisa e de formação do (a) pesquisador (a). **Movimento**, v. 12, n. 2, p. 9, maio/ago. 2006.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.



Universidade do Estado do Pará
Centro de Ciências Sociais e da Educação
Curso de Pedagogia



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Vozes masculinas na docência: Uma compreensão sobre o ingresso de homens no curso de Pedagogia em Instituições de Ensino Superior Privado.

Você está sendo convidado a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. A colaboração, neste estudo, será na forma de Entrevista. Você pode desistir a qualquer momento e não haverá impedimento ou nenhuma espécie de prejuízo em função dessa decisão.

Muito obrigada!

A proposta em estudo consiste em investigar o ingresso de estudantes homens no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia de Instituições de Ensino Superior Privadas da cidade de Belém, na contemporaneidade.

Com a realização deste trabalho, visio trazer uma contribuição acadêmica acerca do ingresso masculino no curso de Pedagogia, visto que as pesquisas sobre essa temática, quando voltadas para a cidade de Belém, encontram-se de forma escassa. Com isso, tenho como objetivo geral compreender a opção de estudantes homens de faculdades particulares pelo curso de Pedagogia. E, como objetivos específicos busco delinear suas percepções sobre a composição predominantemente feminina no curso de Pedagogia, analisar como ocorreu a trajetória para a realização do processo de escolha do curso e identificar qual o posicionamento dos sujeitos diante da profissão professor de crianças.

A pesquisa será de abordagem qualitativa e será realizada da seguinte forma: com uma entrevista narrativa, onde pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas, permitindo assim uma maior liberdade ao pesquisador. O trabalho será desenvolvido em duas Instituições de Ensino Superior Privadas

de Belém, com estudantes homens matriculados em turmas, de diferentes semestres, do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia.

No caso de alguma dúvida ou consideração a responsável pela pesquisa é Juliana Silva Gomes portadora do RG 6874940 e CPF 017.628.802-37, estudante do curso Licenciatura Plena em Pedagogia, orientada pela professora Dr^a. Lucélia de Moraes Braga Bassalo, docente da Universidade do Estado do Pará (UEPA) situada na Rua do Una, nº 156, Telégrafo.

Garantimos a retirada do consentimento a qualquer momento, assim como o abandono de participação no estudo sem qualquer prejuízo. As informações serão analisadas e fica garantido o sigilo da identificação dos e das participantes.

Os participantes têm o direito de serem mantidos atualizados sobre os resultados que sejam do conhecimento das pesquisadoras. Não há despesas pessoais para os participantes nem compensação financeira relacionada à sua participação.

Estou ciente do compromisso das pesquisadoras de utilizar dados e o material coletado somente para pesquisa e que poderão ser divulgados em meios científicos (congressos, revistas, artigos, etc.) nacionais e internacionais. Declaro estar suficientemente informado a respeito do que li descrevendo este estudo.

Sendo assim, declaro que estou ciente acerca de quais são as propostas do estudo, os procedimentos que serão realizados, as garantias de confiabilidade e de esclarecimento pertinente a qualquer dúvida no processo de investigação.

Declaro também que tenho compreensão de que a participação nesta pesquisa é isenta de despesas, de compensação financeira e que não oferecem riscos morais, psicológicos, de vida e de saúde.

Eu, _____,
autorizo a utilização dos dados obtidos na realização da dinâmica acima citada, para fins científicos e educacionais, realizada pela _____, estudante do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, 8º semestre, do turno manhã, ofertado pela Universidade do Estado do Pará - UEPA.

Belém, _____ de _____ de 2017.

APÊNDICE B - ROTEIRO DA ENTREVISTA PARA ALUNOS MATRICULADOS NO CURSO DE PEDAGOGIA NAS FACULDADES PARTICULARES.

ROTEIRO DE ENTREVISTA NARRATIVA	
Entrevistadora:	
Entrevistado:	
Local:	
Data:	
Tema gerador	Objetivo
Você pode falar sobre os motivos que te levaram a escolher o curso de Pedagogia?	Investigar o processo que motivou a opção de escolha pelo curso de Pedagogia.
Você se sente satisfeito com relação à escolha do curso? Pensou em desistir ou pedir transferência? Você pode explicar?	Compreender como os estudantes homens se identificam com o curso de Pedagogia, uma vez inseridos no mesmo.
No período escolar você já tinha o pensamento de cursar Pedagogia?	Verificar se no período escolar os entrevistados já possuíam o interesse de cursar a Pedagogia.
Ao terminar o curso de Pedagogia você pretende trabalhar em que área?	Verificar se os estudantes homens objetivam planos futuros relacionados a sua formação acadêmica de Pedagogia.
Quando analisamos o curso de Pedagogia quanto a sua composição, percebemos a predominância feminina, em função disso, você sofreu algum tipo de pressão ou preconceito por parte de conhecidos ao escolhê-lo?	Identificar quais as dificuldades enfrentadas para efetivação do ingresso no curso de Pedagogia.
Dentro da sala de aula você já ouviu algum tipo de brincadeira tanto da parte de professores ou de colegas pelo fato de você ser homem e estar na Pedagogia?	Verificar se durante o curso de Pedagogia os entrevistados sofreram algum tipo de preconceito ou discriminação por parte de colegas e professores.

<p>Na sua opinião, o curso de Pedagogia prepara os seus frequentadores do sexo masculino para atuarem em turmas de Educação Infantil e Ensino Fundamental?</p>	<p>Identificar qual o posicionamento dos estudantes homens diante das instruções proporcionadas pelo curso.</p>
<p>Você sente interesse de ter uma experiência ou futuramente trabalhar com turmas de Educação Infantil ou Ensino Fundamental?</p>	<p>Verificar se os estudantes homens objetivam ter experiências relacionadas a turmas de Educação Infantil e Ensino Fundamental.</p>
<p>Você já teve a oportunidade de por em prática os ensinamentos obtidos no curso de Pedagogia?</p>	<p>Realizar uma comparação entre a teoria instruída pelo curso de Pedagogia e a prática evidenciada pelos estudantes.</p>
<p>Você pode falar sobre os motivos que te levaram a optar por uma IES Privada?</p>	<p>Verificar a motivação que levou os estudantes homens a optarem por uma IES Privada.</p>
<p>Você teve um motivo específico para escolher a Instituição ao qual você estuda?</p>	<p>Verificar se os estudantes homens tiveram alguma motivação específica para escolherem a IES Privada ao qual estudam.</p>
<p>Você pode falar sobre como você vê a educação e a Pedagogia atualmente?</p>	<p>Analisar qual o posicionamento dos entrevistados sobre a educação e a Pedagogia.</p>
<p>A sua mentalidade quanto a Pedagogia e a educação mudaram no decorrer da Graduação?</p>	<p>Identificar se os entrevistados modificaram o seu pensamento sobre a Pedagogia após adentrarem no curso.</p>
<p>Há algum comentário que você gostaria de acrescentar?</p>	<p>Registrar se os entrevistados gostariam de acrescentar alguma informação ou algum relato.</p>

APÊNDICE C - TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS REALIZADAS COM OS ESTUDANTES HOMENS FREQUENTADORES DO CURSO DE PEDAGOGIA EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR PARTICULARES.

Entrevista – Wesley, 25 anos, frequenta a IES y

Wesley: Bom, me chamo Wesley, atualmente eu tô tipo trabalhando com educação popular em saúde, pela Fiocruz, sou estudante de tipo... é... tipo de Pedagogia do 4º semestre, mas antes de cursar Pedagogia eu fiz História, larguei no 5º semestre ..., e... comecei de novo no curso de Pedagogia ..., aí no momento essas são as minhas ocupações.

Pesquisadora: Quantos anos você tem?

Wesley: Ah! Tenho 25 anos.

Pesquisadora: Você mora sozinho?

Wesley: Eu divido uma casa com três amigos.

Pesquisadora: Eu vou começar a fazer as perguntas pra você.

Wesley: Uhum!

Pesquisadora: Você pode falar sobre os motivos que te levaram a escolher o curso de Pedagogia?

Wesley: Hum, bom, é como eu disse... História foi algo que eu comecei antes da Pedagogia, larguei no 5º semestre, o que eu aprendi com a História? Eu costumo sempre dizer e brincar que a História sim me mostra que o futuro é a Pedagogia, então foi um por esses motivos que eu decidi trocar de curso mesmo gostando História, amando. Mas eu percebi que até certo tempo, quando eu cursava, o saber da tipo História eu gostava mais pro meu pessoal, que eu queria ir muito mais além da tipo educação, só que eu tando no tipo, ... é né..., no campo da História eu não ia conseguir o que eu queria de fato, então ... eu percebi que a tipo Pedagogia ia tipo me dar mais abertura é pelo que queria fazer, então foi um é ... tipo... um dos motivo. E um desses motivos também é querer mudar um pouquinho o quadro tipo social naquilo que for no meu limite, mais da rede pública focado aos jovens negros.

Pesquisadora: O curso de História você fazia aqui também?

Wesley: Fazia aqui na IES y também.

Pesquisadora: Como a sua família viu essa troca de curso?

Wesley: Hum, assim a minha família é constituída pela minha mãe, meu pai já faleceu antes de entrar na faculdade, a minha mãe assim ela sempre me deu apoio, quando ela soube que eu ia mudar de curso ela só perguntou se era isso

que eu queria, falei sim é isso, mas não teve assim crítica, só me deu força, se é isso que tu quer então segue.

Pesquisadora: É ... E você se sente satisfeito com relação à escolha do curso? Ou já pensou em trocar o curso de Pedagogia?

Wesley: Não, não, não. Tô bem feliz no curso que eu tô sim, não que, História eu era feliz também mas só que faltava um pouquinho, uma coisa a mais pra mim. Quem sabe futuramente eu termino o curso de História. Mas é, Pedagogia tô muito bem.

Pesquisadora: No período escolar você já tinha o pensamento de cursar a Pedagogia?

Wesley: Hum, não, não, não. Eu queria trabalhar com educação no campo da tipo História, mas não na Pedagogia ainda, eu queria intervir de fato na tipo educação, aí depois quando eu fui entrando a mais na faculdade né, e conhecendo outros teóricos, tipo estudando, é conhecendo outros pedagogos tipo da área do qual um deles pra mim é o meu mestre vivo que é o Pacheco, não sei se você conhece ele, o José Pacheco no qual já tive a honra de tá com ele várias vezes pessoalmente conversando. É duas desses ... dois desses encontros no tipo Rio de Janeiro no Congresso e um foi aqui em Belém pela feira do livro, então ele assim foi minha referência de como, assim ... de como a Pedagogia é importante nesse mundo que a gente tá vivendo de golpes e crise.

Pesquisadora: Ao terminar o curso de Pedagogia você pretende trabalhar em que área?

Wesley: Hum, boa pergunta. Assim a área até então ainda não consegui ... visar de fato qual a área que eu quero, mas eu penso em trabalhar na tipo educação de Jovens e Adultos, ... assim é passando pela de base no começo, que o meu foco mesmo é trabalhar com as pessoas mais velhas porque logo quando entra na Pedagogia eu vejo alguns alunos ainda, não é que seja ruim, acho muito legal também, mas se esquece do povo mais velho, visa só a criança, criança pra lá, criança pra cá, até assim no próprio curso a gente é, como a gente fala, em diversas aulas a palavra criança é muito maior do que a pessoa mais velha, então o meu foco é atuar com Jovens e Adultos.

Pesquisadora: Quando analisamos o curso de Pedagogia quanto a sua composição, percebemos a predominância feminina, em função disso, você sofreu algum tipo de pressão ou preconceito por parte de conhecidos ao escolhê-lo?

Wesley: Não, não, não. Por incrível que pareça não, porque eu já sofro assim bem antes pelo fato de eu ter feito teatro antes de qualquer coisa né, então hoje pra quem faz teatro, pra quem tipo começa no campo das artes já tem uma, algo que já vem com um preconceito de fato. Pô tu vai fazer teatro? Tu vai fazer arte? E não dá dinheiro, isso tipo não leva a nada. Então quando eu já

cheguei na Pedagogia ..., pelo menos se teve eu não percebi, porque eu já ..., pra mim já tava tão assim ... já não me importando pro que que os outros iam pensar que eu não percebi se teve.

Pesquisadora: Na sua sala tem quantos homens?

Wesley: Atualmente sou só eu. Quando eu comecei no curso tinha três, junto comigo, éramos três, só que os dois que faziam trocaram de faculdade e até de graduação também.

Pesquisadora: Dentro da sala você já ouviu algum tipo de brincadeira tanto da parte de professores ou de colegas de classe pelo fato de você ser o único homem presente em sala?

Wesley: Não, não, nunca ouvi, porque assim até então é ... pelo meu biótipo eu sei que eu não sou considerado homem viril, não assim porque é ... eu ando muito colorido, hoje assim eu tô mais civil... porque eu vim muito na pressa, mas geralmente eu uso muita roupa colorida, roupas folgadas, calças estilo balãozão, hum então ... pro biótipo de homem que é imposto pela sociedade eu não sou desse modelo ... então essas piadas assim não chega até mim, porque também como o pessoal sabe que como eu faço assim já teatro ... então já tem aquela dúvida, será que ele é homem? Será que ele gosta de mulher? Sempre tem esse tipo duplo sentido pra quem faz teatro ... então assim esse tipo de piada ainda não ouvi, e eu acho que nem vou tipo ... ouvir também.

Pesquisadora: Na sua opinião, o curso de Pedagogia prepara os seus frequentadores do sexo masculino para atuarem em turmas de Educação Infantil e Ensino Fundamental?

Wesley: Hum, não. Não prepara porque ... é até ... é bem limitado ver homem, assim acho que pela escolha de como tá também tipo sendo exposta a tipo educação, hoje ninguém quer trabalhar com educação ou quando quer é apenas por ... assim no tipo não tem tu vai tu mesmo. Então hoje ... e tipo devido a isso ... quando a Pedagogia ela é apresentada é no foco da criança, então tem muitas ... muitas escolas também até visam a mulher como pra tá presente e campo de tipo estágio até de tipo trabalho porque a mulher traz a figura do cuidado também, então na faculdade pela sala ser a maior parte mulher, eu sou o único homem, ainda em algumas falas de assim professores engloba apenas as mulheres e eu não me sinto incluído, tipo dando ... sempre falando é ... você é "elas" ... "todas", e nunca colocando "todos" apesar de eu ser a minoria, então nessas pequenas assim tipo detalhes eu já não me sinto tão incluso.

Pesquisadora: Mas você sente interesse de ter uma experiência ou de futuramente trabalhar com turmas de Educação Infantil ou Ensino Fundamental?

Wesley: Não, tenho sim, acho que é pra ter experiência é bom base pra gente poder sonhar e querer o que a gente pode construir, acho que a gente deve assim passar ... por todos os caminhos, pretendo também passar pelo hospitalar, que é uma grande área que eu vejo também, e também administrativa ... porque pra mim a educação tem que ... tipo tem que tá em todos ... os caminhos, a gente não deve também focar apenas na tipo educação porque o mundo apesar de todo mundo passar na tipo ... pela educação mas nem todos tão na educação, então tem as empresas que também é um local que deve ser trabalhada por ser também um tipo local é onde se causa muita tipo doença pelo carga horária ... de ... é trabalho, não tem, não tem assim aquele enfoque de tipo ensinar e sim o enfoque ... em produzir pro mercado, então acho que uma área que eu também quero ter um contato e uma experiência.

Pesquisadora: Você já teve oportunidade de por em prática os ensinamentos obtidos no curso de Pedagogia?

Wesley: Hum, bom hoje eu trabalho com educação popular em saúde, um contrato pela Fiocruz de seis meses do qual a gente trabalha com agente comunitário de saúde, tipo ensinando educação popular, o que seria pra eles né, como eles tem ... o tipo, acesso com a comunidade deles, aqueles agentes, os tipo a CS e Endemia que vão ver se tem dengue na casa, e aqueles tipo da família saudável que vão consultar pra depois encaminhar pro posto de saúde, então com eles eu tô tendo essa vivência atualmente, eu tô ah quatro meses com essa turma, ensinando assim eles a mais o processo do saber popular, como eles tem acesso com a comunidade então, pra eles assim se despir de qualquer preconceito, de qualquer saber superior e sim conhecer o que aquele povo tem a ensinar, independente de crença, credo ou cor. Então com a Pedagogia isso me deu uma base, tipo teórica como agir e também com o teatro junto como um meio de me portar e como também tipo como lhe dar com eles.

Pesquisadora: Você pode falar sobre os motivos que te levaram a optar por uma IES Privada?

Wesley: Hum, Instituição Privada. Bom, a minha escolha porque eu não consegui ter acesso a Instituição Pública, então como o tempo tava bastante corrido assim pra mim, já devido a idade também, então pelas coisa que eu pretendo fazer eu tive que correr contra o tempo, e uma dessas escolhas foi ... de entrar numa Instituição, assim na IES y que é Privada, ... só que no primeiro momento assim, ..., eu entrei mesmo, ainda tentei entrar ... na tipo Pública, só que eu não consegui, porque eu também não me preparei assim direto, que eu tava fazendo muitas coisas ai como eu já tava me avançando aqui ... eu achei melhor concluir essa faculdade pra depois tentar um mestrado ou uma pós numa Pública.

Pesquisadora: Você teve um motivo específico para escolher essa Instituição ao qual você frequenta?

Wesley: Assim, eu fiz uma pesquisa logo na época de qual entre as particulares seria a melhor assim, claro que a melhor vai depender sempre do aluno, mas assim do qual tipo seria tão coisa de tempo, que não ia também, como vamos dizer, ser menos tempo, porque eu me preocupo com isso, quanto menos tempo e logo se formar acho pouquinho, é complicado assim, então eu pesquisei mais por esse critério, se o curso já não ia ser tão rápido pra mim formar porque tem muita gente, é porque eu vejo que as particulares a maior parte elas visam muito o mercado de trabalho de tipo produção, então quanto menos ... o curso for assim mais rápido, tu se forma muito mais rápido, pra mim eu acho um pouco ... eu fico preocupado com isso, porque a gente não adentra de fato em muitas coisas, mesmo com quatro anos de curso ainda a gente estuda bem pouco, e tem assim algumas que são três anos, dois anos e meio, ai foi esse que foi o meu critério, pro curso tipo não ser tão rápido.

Pesquisadora: Você pensa em atuar então na área da Pedagogia?

Wesley: Uhum!

Pesquisadora: Mas você pretende dar prosseguimento nessa área? Fazer mestrado ou uma pós-graduação?

Wesley: Pretendo, pretendo. Até então nessa semana, quer dizer na semana passada eu tava pensando como trabalhar a Pedagogia através da alimentação também, porque pra mim as experiências que eu tô tendo com tipo Educação Popular a única coisa que agrega ... o ser humano é a alimentação, o comer junto, então como a gente pode também ... quando tá se alimentando, como a gente pode também tá tipo educando, ... hoje é tipo a gente vive ... é no tempo que é tão corrido até a má alimentação, hoje a gente ... a gente tipo trabalha pra se envenenar, pra comprar aquilo que envenena a gente, hoje a gente não tem um tempo de assim preparar a nossa própria ... tipo alimentação ou a gente ... se quando tem a gente tem que se programar ... bem pra poder tipo conseguir tipo levar ou então é comer assim pela rua ou comer ... quando tem tempo e comer pela rua, tempo e dinheiro também, come assim pela rua, quando se não tem é ... algum pastel, biscoito, então ... o meu assim, eu fico pensando como a gente pode juntar entendeu as coisas alimentação com educar ... porque também tipo a nossa educação alimentar tá muito assim ... prejudicada, a gente come muito industrial ... a gente come assim ... menos vegetais e quando come o vegetal é com agrotóxico ... a gente não come orgânico, é bem difícil, até porque o valor é até um pouquinho mais caro que sai do orçamento da tipo população, então isso requer uma, um planejamento tanto assim de vida também. Então eu pretendo ainda, eu não sei se tem, ainda tô pesquisando algum lugar que tenha alguma coisa haver com Pedagogia e alimentação.

Pesquisadora: Você pode falar sobre como você vê a educação e a Pedagogia atualmente?

Wesley: Hum. É ... bom eu fiz, eu fiz um estágio no ano, tipo ano passado numa tipo escola lá no Jurunas, no Rotary, e lá, porque foi o único contato que eu tive com a Educação Infantil até então ... com a tipo inclusiva no qual fiquei com um aluno de onze anos, com o Alexandre, fiquei com ele um semestre, e a visão que eu tenho que eu até, não até não, os professores, a gestão tão adoecidas, porque se fala de ensinar, cuidado, mas não que eu consegui presenciar, poucos professores tinham essa paciência, se for contar numa única mão apenas dois, ... que era o professor de Artes, que era o Daniel, e o professor de Língua Portuguesa, o Arthur, então era dois professores que eu via lá que tinham a paciência de querer ensinar, apesar também que a escola municipal, escola pública de fato estão super ... super lotadas, parece mais um manicômios do que tipo escolas. Então até o local a onde os professores, os ... tão trabalhando é adoecedor, porque não oferece nenhum ... nenhuma tipo estrutura no qual também eles possam oferecer o cuidado, como é que tu pode oferecer o cuidado se tu não é cuidado? É a mesma coisa que falar é tu tem que amar, mas como é que eu vou sentir, eu vou ter que a amar se eu não sei amar, se eu nunca senti o ... o que é ... o amor, então a única experiência que eu tive até então com a escola ... digo que ainda tem ... ainda temos longo caminho pela frente a percorrer.

Pesquisadora: Você já está no 4º semestre, você acredita que a sua mentalidade modificou desde a sua entrada no curso? Lhe possibilitou ter novos horizontes?

Wesley: Sim, sim, sim. A minha mentalidade abriu bastante, porque a gente vem ... quando vem ... quando é ... de Pedagogia ainda ... a gente vem bem assim ... a gente dá pra achar só de trabalhar apenas na tipo educação, mas tu vê que tu pode ir além da educação, e em outras áreas ... de trabalho, então isso pra mim abriu mais a minha visão pra essa lado também, no qual como, é como ... eu antes, é antes de tá na graduação de Pedagogia eu já fazia alguns outros trabalho com teatro ..., que eu sou palhaço, artista de rua, no qual eu já ajo pelo lado acadêmico porque assim eu faço parte de um grupo de tipo extensão da ... da Federal ... então nisso é ... eu já tive chance de atuar com outros acadêmicos não só tipo da área da tipo educação mas da tipo da saúde, da jurídica ... da tecnológica, então ... tipo entrando no curso eu já consegui ... ver como ... pode ser a intervenção de trabalhos nesses campos também.

Pesquisadora: Você tem algum comentário que gostaria de acrescentar?

Wesley: Hum. Vejo que é ... pra educação que eu acredito de fato sim a gente tem que ... a instituição particular, principalmente, tem que mudar bastante, tem que abrir mais campo de pesquisa pro estudante, dando mais oportunidade de pesquisa e não visando apenas ao mercado de tipo trabalho, não é porque eu

estudo numa tipo instituição é ... que eu próprio ... que o próprio assim ... o slogan dele né, você quer um diploma ... ou, quero lembrar perai, se tu souber me ajuda, ... é ... quer um trabalhou ou um diploma ... acho que seria mais ou menos isso, mas pra mim isso já tá tipo errado, não é um trabalho ou diploma, os dois, mas, como também ... fazer que não seja apenas trabalhar na educação só pelo salário ... também não só pelo diploma, querer um trabalho e ter um diploma, acho que tem que ir muito além, pelo menos na instituição eu não vejo quase oportunidade de pesquisa mesmo, eu vejo fazendo as minhas mas não pela tipo instituição, venho fazendo por fora e indo tipo atrás na lá tipo UFPA, pela pública indo, correndo mesmo porque se eu fosse apenas me tipo prender ao que ensina a privada eu ficaria só no campo tipo teórico voltado mais ao mercado de trabalho ... então pra mim o que ... o que falta essa, abrir mais esse leque porque os tipo estudante ... cresce não é que seja errado deles mas é a visão que é ensinado quando não tem a disposição de pesquisar outras coisas, fica apenas no Piaget, Valonque, são cara massa, mas o que tem aqui no Brasil que a gente possa aproveitar? Tem muitos teóricos, tem o próprio que ... que tipo ensina muito que já faleceu que é a Nise da Silveira, que é uma médica psiquiátrica que ensina muito do que é o tipo educar e o cuidado, o próprio José Pacheco que é educador vivo, e tá ... a disposição com seus trabalhos ai, então pra mim o que falta é gente também acreditar mais no que é nosso, porque a gente vem muito com a síndrome do vira-lata que o que é do exterior é o melhor, enquanto a ideia é tipo nortear, buscar o Norte, não nortear não, eu confundi desculpe, é sulear porque a revolução tá no Sul, o Norte ... a gente sabe quem veio do Norte escravizou a gente até hoje escraviza ainda, não não dizem que é tipo escravidão, não como era de tipo antigamente que isso não tem como acontecer hoje em dia mas ainda a escravidão de cultura ... acontece, a escravidão da tipo educação acontece, porque a gente aprende só o que é de fora a gente não aprende o saber da nossa terra, pô a gente ... a gente mora na Amazônia, o que que a gente aprende de Amazônia? Tinha na tipo educação de base é ... aqui é eu acho que a última vez que eu vi essa matéria tem uns sete anos, oito anos, que era Estudos Amazônicos, hoje em dia cortaram, tá só o Enem, o Enem porque o Enem é uma grande barca furada que engloba só o Sul com o Sudeste, não engloba o Norte, quando engloba o Norte a gente sabe bem com muitas falhas, como a gente tá na Amazônia a gente não aprende? Acho que pros pedagogos que forem ler o seu tipo trabalho eu aconselho a se tipo apropriar mais da cultura Amazônica, a cultura indígena, porque não tem como a gente morar aqui na Amazônia e não saber a tradição daqui, a gente a gente ensina muitas pessoas que são de fora, e a gente não ... o nosso povo não valoriza essa cultura, também porque também não é ensinado em escola, faculdades, ... a gente entra e vê ... é estruturas com modelo europeu, prédios enorme, salas ... de última geração, mas tu entra numa instituição toda quadrada de ... sei lá ... de tipo cimento e tijolo, e qual é a planta que tem? Se na Amazônia é rico? Não encontra nenhuma, então eu acho que se eu fosse dar um conselho, buscar

mais esse saber de educação de cura na ... tipo cultura Amazônica que tem muito a ensinar, e muitas ... do que tipo aprender tese de tipo doutorado, de mestrado que tem muito o que acrescentar.

Entrevista – Júnior, 20 anos, frequenta a IES y.

Júnior: Meu nome é Júnior, eu tenho 20 anos, é ... eu moro no bairro do Guamá, ... moro com a minha família, minha mãe e os meus avós, e ... sou estudante de Pedagogia, tô no 6º semestre, no turno noturno, e é isso.

Pesquisadora: Eu vou começar então as perguntas.

Júnior: Uhum!

Pesquisadora: Você pode falar sobre os motivos que te levaram a escolher o curso de Pedagogia?

Júnior: Assim, a Pedagogia não é a minha escolha de primeira opção, a minha primeira opção sempre foi desde o Ensino Médio Publicidade e Propaganda, mas assim eu escolhi o curso depois que a minha prima se formou em Pedagogia, ela se formou ai eu fui ... ela me falou sobre o curso e eu fui atrás pesquisar, ai gostei, eu vi que nas faculdades era um curso super acessível, tanto forma de pagamento, e ... porque assim na verdade eu optei escolher Pedagogia por ser mais barato também e porque eu não ia ter condições dos meus pais pagarem o curso de Publicidade, eu escolhi Pedagogia porque eu gostei da História como ia ser o ensino, e é isso.

Pesquisadora: Você se sente satisfeito com relação à escolha do curso? Pensou em desistir ou pedir transferência? Você pode explicar?

Júnior: Entendi. Não eu tô gostando, porque assim ... as pessoas falam que é a partir do 4º semestre que tu vai ver se quer continuar ou não, ai já tô nesse eixo então me identifiquei sim, eu gostei muito do curso, dos professores, das disciplinas, eu tô ... eu tô gostando.

Pesquisadora: No período escolar você já tinha esse pensamento de cursar a Pedagogia?

Júnior: Não, não como eu te falei é Publicidade, ai depois que a minha prima se formou, até então eu nem passava pela minha cabeça a Pedagogia, ai foi que eu busquei e tô gostando.

Pesquisadora: Ao terminar o curso de Pedagogia você pretende trabalhar em que área?

Júnior: Na área da Gestão, porque assim nesse 6º semestre, eu tava esperando até chegar no 6º semestre pra chegada da Gestão, ai eu tô estudando agora, mas eu pretendo continuar na área da Gestão.

Pesquisadora: Quando analisamos o curso de Pedagogia quanto a sua composição, percebemos a predominância feminina, em função disso, você sofreu algum tipo de pressão ou preconceito por parte de conhecidos ao escolhê-lo?

Júnior: Não, assim na minha sala tem três rapazes, eu e mais dois, ... mas pela minha família, amigos não, eles só falaram que era um curso assim que ... era mais da área feminina e eu não ia ganhar tanto quanto os outros cursos, entendeu!?

Pesquisadora: Uhum!

Júnior: Quando eu me formasse ... eu não ia conseguir ter uma ... vida ... como eu posso te falar ... é ... uma vida financeira boa, mas eu gosto do curso e vou até o final.

Pesquisadora: Dentro da sala de aula você já ouviu algum tipo de brincadeira tanto da parte de professores ou de colegas pelo fato de você ser homem e estar na Pedagogia?

Júnior: Não, não. Ninguém nunca tirou brincadeira, levam os alunos masculinos normal.

Pesquisadora: Na sua opinião, o curso de Pedagogia prepara os seus frequentadores do sexo masculino para atuarem em turmas de Educação Infantil e Ensino Fundamental?

Júnior: Agora eu vejo que sim né!? Eu acho que quebrando as barreiras que antigamente eram muito ... um preconceito muito maior com o sexo masculino, mas agora eu vejo que sim, porque ... quebrou as barreiras do preconceito e eu vejo que eles estão almejando é ... que ... o gênero masculino cresça ... na área da Pedagogia, eu vejo que eles querem quebrar a barreira mesmo em relação ao cuidado da criança.

Pesquisadora: Pela experiência que você teve na Educação Infantil e no Fundamental, você sente interesse em atuar nessa área?

Júnior: Não, não, não. Eu quero muito trabalhar na Gestão, porque eu não me vejo muito trabalhado com criança, tipo eu já estagiei e vi que isso não era para mim, ai quero muito trabalhar com Gestão entendeu!? Trabalhar na coordenação, direção.

Pesquisadora: Você já teve a oportunidade de por em prática os ensinamentos obtidos no curso de Pedagogia?

Júnior: Assim, eu já estagiei ... é obrigatório e o não obrigatório, eu estagiei no Ensino Infantil ... não pode falar o nome da escola né!?

Pesquisadora: Se você quiser falar não tem problema.

Júnior: Tá. Eu estagiei obrigatório na Educação Infantil, e o Fundamental na Instituição de Ensino Particular. É eu trabalhei com crianças tipo assim, eu não ... na sala eu ficava sentado observando e de vez em quando ajudava a professora no que ela precisava. E também eu já estagiei numa escola Municipal, no Alzira Pernambuco, onde eu acompanhava uma aluna com

deficiência, mas assim foi só 6 meses de experiência e depois eu sai, ai foi isso.

Pesquisadora: Você pode falar sobre os motivos que te levaram a optar por uma IES Privada?

Júnior: Assim, eu tentei nas Faculdades Públicas, só que eu não consegui por causa da minha pontuação, então é ... muitas pessoas falaram tenta o vestibular no Ensino Privado que a gente vai pagar, ai foi que eu passei em duas Universidades Privadas, ai eu optei aqui pela IES y.

Pesquisadora: Você tentou Publicidade aqui?

Júnior: Não, porque aqui não tem.

Pesquisadora: Você teve algum motivo específico para escolher essa Instituição ao qual você frequenta?

Júnior: Assim porque os donos da IES y eram os donos da minha, são os donos da minha antiga ... escola, aí eu optei aqui por ser, por já conhecer, porque no prédio anterior foi que eu conhecia a IES y, depois mudou pra cá. Ai eu escolhi a IES y mesmo.

Pesquisadora: Você pode falar sobre como você vê a educação e a Pedagogia atualmente?

Júnior: A educação assim na área da ... vou te falar assim pública é precária, a gente vê nas escolas que ... os professores assim ... eu vivenciei ... numa escola Municipal, eu vi que os professores eles assim ... não vão a fundo para educar sabe, os alunos. Eles ficavam a maioria do tempo só na sala sabe!? Os professores quando entravam na sala, davam uma aula rápida, o professor não tinha ânimo sabe!? De dar aula. Ai eu já vejo na educação privada, que os professores eles ... eles tão ganhando pra isso, pra ensinar o aluno, pra educar o aluno, e eu vejo assim ... que é difícil essa diferença né!? Então, a gente tem ... a gente tá estudando pra isso né!? Pedagogia pra no futuro mudar a História da educação pra melhor.

Pesquisadora: A sua mentalidade quanto a Pedagogia e a educação mudaram no decorrer da graduação?

Júnior: Com certeza! Me abriu, abriu a minha cabeça de várias formas, as vezes a gente tinha um preconceito tanto com o curso quanto outras coisas, mas agora assim Pedagogia me abriu a cabeça, eu penso de outra maneira, penso de outra forma. As vezes a minha família tem preconceito com certas coisas, e ... eu tento conversar pra quebrar essa barreira sabe!? Ai Pedagogia é isso.

Pesquisadora: Você pretende dar prosseguimento na área da Pedagogia? Fazer um Mestrado?

Júnior: Sim, Pós.

Pesquisadora: Mas você pensa em fazer numa Privada mesmo?

Júnior: Eu vou tentar na Pública, mas caso não dê certo vou pra Privada.

Pesquisadora: Há algum comentário que você gostaria de acrescentar?

Júnior: Não.

Entrevista – Fagner, 26 anos, frequenta a IES y.

Fagner: Meu nome é Fagner, curso Pedagogia no 6º semestre aqui na IES y ... É, porque eu escolhi esse curso!? Tava em dúvida entre Pedagogia e Psicologia ..., veio os dois, passei nas duas, só que ... é ... eu escolhi Pedagogia porque eu me dou mais com jovem, criança ..., não tenho essa ... não tenho nenhuma dificuldade em falar em público, até falo de mais, então ... eu juntei essa ... esses dois desejos ... e decidi fazer Pedagogia, e pretendo fazer a Pós de Gestão ou de Psicopedagogia, ... tanto faz. E estar nesse curso é um grande privilégio, mesmo sendo desvalorizado né ... por vários outros cursos ... muitos ... cheguei já a quase desistir por causa desse preconceito enorme que teve, já fui pra várias entrevistas ... e fui desvalorizado porque era homem, e eu não podia ficar com Educação Infantil, porque não podia cuidar de crianças, então era ... era bem triste pra mim ... até eu conseguir um emprego, tenho mais de 200 alunos ..., trabalho na escola Salesiano do Trabalho, já fiz estágio no Marista, fazia estágio no Vilhena Alves. Então esse trabalho que eu consegui me ajudou muito com a experiência que eu tô tendo ..., eu tô com crianças a mais de de do 5º ano, mas porque eu já tenho formação em informática, eu sou técnico em informática, ... então muito bom.

Pesquisadora: Você se sente satisfeito com relação à escolha do curso? Pensou em desistir ou pedir transferência? Você pode explicar?

Fagner: Não, não. Eu já pensei só uma vez aqui, porque aqui na IES y é integrada logo no início, ai tem como mudar, pensei assim rapidamente pra Geografia, mas ... melhor não porque ... porque eu escolhi Pedagogia também pela diversidade de ... de áreas de trabalho, Gestão Hospitalar, Gestão Empresarial, Fundamental, Infantil, tem uma diversidade enorme, trabalhar com Coordenação, Direção, então se fosse pra Geografia ia ser só professor, não gosto de ter só uma função, gosto de ter várias opções.

Pesquisadora: No período escolar você já tinha o pensamento de cursar Pedagogia?

Fagner: Era Psicologia. Psicologia ..., ai depois fui pesquisando áreas afins. Ah não deu, não dá Psicologia, então trabalha muito também o pensamento da educação. Eu tava escolhendo uma área que desse pra mim falar bastante, pra mim ter contato humano, eu não gosto de área que fica sentado ..., no computador, eu não gosto, eu gosto de contato.

Pesquisadora: Ao terminar o curso de Pedagogia você pretende trabalhar em que área?

Fagner: Todo mundo fala isso né “ah poxa não me dou com área”, eu acho que todas as áreas que eu trabalhei agora me dei com todas, ainda não sei Gestão porque tô fazendo estágio agora, mas era de início era Gestão, mas todas foram experiências boas, nunca tive a dificuldade e tal, achei muito bom,

me apeguei rápido as crianças, os alunos, então não tenho uma preferência assim de estar lá, a gente tem várias opções, a gente tem esse poder de escolher ou não.

Pesquisadora: Quando analisamos o curso de Pedagogia quanto a sua composição percebemos a predominância feminina, em função disso, você sofreu algum tipo de pressão ou preconceito por parte de conhecidos ao escolhê-lo?

Fagner: Logo no início “ah tu vai ganhar pouco”, “tem certeza? ”, ai eu falo “ah tu só ganha pouco se tu quiser ... se tu quiser você vai ganhar muito pouco, mas dependendo do seu trabalho, se você quiser ganhar muito você ganha muito, depende de você mesmo”. Era preconceito por causa da família que queria que fosse Medicina, mas eu não gosto nenhum pouco, e no meio dos amigos assim aquela aquela avacalhação né, “ah vai ser professor e tal”, “tu vai pagar pelas coisas que tu fez”, eu era uma peste. Então eu não me arrependo ... de ... apesar das represálias que teve logo no início ... mas, ter teve, mas não me abalou.

Pesquisadora: Dentro da sala você já ouviu algum tipo de brincadeira tanto da parte de professores ou de colegas pelo fato de você ser homem e estar na Pedagogia?

Fagner: Olha lá na Instituição de Ensino Privado eu já sofri preconceito por causa da garota autista, que autista gosta muito de contato humano, e se deu comigo e ficava me abraçando, e eu não negava abraço pra criança ..., sou muito carinhoso também, mesmo sabendo que tendo esse preconceito, ai a coordenadora me chamou atenção ... dizendo que não era pra fazer isso e tal, eu fiquei bem abatido, fiquei muito triste ... pelo fato desse preconceito enorme, fiquei muito muito triste, cheguei a chorar no momento porque foi um baque pra mim, não tenho nenhum envolvimento com pedofilia, nem penso, nem passa na cabeça. Então eu acho que isso ainda é uma barreira enorme que tem no nosso curso, essa imagem do homem pelo menos na Educação Infantil, mesmo no Fundamental e na Gestão eu não encontro, mas na Infantil é enorme, porque a gente via pessoas abraçando eles, mulheres abraçando, dando beijo até na boca ... ai vem o homem e dá um abraço ai pronto pedófilo, ele vai estuprar a criança, vai é ... sei lá vai fazer mal pra criança, isso é muito escroto, essa foi a minha experiência sobre esse assunto.

Pesquisadora: Na sua opinião, o curso de Pedagogia prepara os seus frequentadores do sexo masculino para atuarem em turmas de Educação Infantil e Ensino Fundamental?

Fagner: A própria profissão prepara ... pra eu acho que pra tudo, tando que a gente não pula matéria, se fosse pra excluir os homens né não ia fazer matéria pra Educação Infantil. Apesar de ter essa grande represália a professora avisava pra gente que já teve alunos de Pedagogia de voltar das escolas

porque as mães reclamavam que eram homens e ..., ela já dava o aviso pra gente pode ser que acontecesse, mas só passei por aquilo mesmo na Instituição de Ensino Privada, mas nada demais.

Pesquisadora: Você sente interesse de ter uma experiência ou futuramente trabalhar com turmas de Educação Infantil ou Ensino Fundamental?

Fagner: Sim, se vier estarei lá, já contando com esse preconceito ou não né, em alguns locais, por exemplo a professora ela fala que tem instituições que não aceitam homem, tanto que quando ela manda no grupo do WhatsApp “precisamos de estagiária” e não de “estagiário”, quando ela fala que estagiário ela põe “estagiário” ou “estagiária” porque ela sabe que ... as pessoas ... ainda tem esse preconceito.

Pesquisadora: Você já teve a oportunidade de por em prática os ensinamentos obtidos no curso de Pedagogia?

Fagner: Sim, sim. Acho que a gente não é professor, a gente vive professor né. Nosso trabalho ... a gente não trabalha apenas na escola, a gente trabalha na vida, trabalha ajudando pessoas, dando conselhos, é porque a gente tem amigos que as vezes precisa de conselho, quer uma dica sobre como falar em público, então ... sempre a agente começa a profissão a gente vai ajudando as pessoas ..., é que nem é que nem o catequista, eu sou catequista, a gente não é catequista, a gente vive catequista, a gente vive professor também.

Pesquisadora: Você pode falar sobre os motivos que te levaram a optar por uma IES Privada?

Fagner: Sim. Eu escolhi ... é porque estudei a minha vida toda no Pública, estudei no Centro Elcidio, depois eu fui pro Anísio Teixeira, então eu já vi os problemas da Escola Pública, então não queria passar pelos mesmos problemas que eu passei a vida toda numa Faculdade Pública, até porque é muito longe de casa, tem a UEPA, mas ... não ... eu preferia uma Particular mesmo, até porque o nosso curso não é caro, comparado aos outros, é Direito quinhentos, seiscentos mil, então o nosso curso é bem em conta. Mas nada contra as Faculdades Públicas claro, é uma opção particular minha, eu tenho vários colegas que estudam na UEPA, então ... foi mais por causa de opção mesmo.

Pesquisadora: Você teve um motivo específico para escolher essa Instituição ao qual você frequenta?

Fagner: Sim, pela hã indicação de amigos “ah poxa eu faço lá, poxa muito legal”, e não por assim merchandising, ele realmente achava legal, tanto que ele estudava em duas Faculdades e uma delas era a IES y.

Pesquisadora: Você pode falar sobre como você vê a educação e a Pedagogia atualmente?

Fagner: A educação?

Pesquisadora: E a Pedagogia.

Fagner: Eu vejo um assunto muito bacana de se falar ..., eu vejo que a gente pode trabalhar isso com qualquer pessoa, seja uma pessoa adulta, seja uma pessoa criança, é um tema muito recorrente que as vezes passa batido, as vezes ... porque a pessoa já ... ela já liga o curso de Pedagogia não a educação, ela liga ao ensino ... “ah poxa tu vai ser professor”, “tu vai ganhar pouco”, mas esquecem que a Pedagogia é ... é praticamente uma educação cem por cento. Então a gente tem que ... ter esse conhecimento sobre ... que não é só ensinar ... também aprender, também educar, chega e prepara aquela criança pro mundo praticamente.

Pesquisadora: A sua mentalidade quanto a Pedagogia e a educação mudaram no decorrer da graduação?

Fagner: Olha modificou bastante, tinha certos assuntos que tinha uma dificuldade de falar ou não tinha o conhecimento ... como EJA, é ... alguns alguns pensadores né, diferenciais no nosso curso, gostei de alguns outros não, mas é ... com certeza acrescentou bastante conhecimento, tanto que nas integradas tinha bastante gente mudando de curso tipo História, Geografia, Letras pra Pedagogia, porque se encontrou lá ..., e realmente eu me encontrei no meu curso, me sinto feliz, apesar da desse preconceito enorme que tem ... a gente não pode desistir né, tem que sempre seguir em frente. Isso, modifico bastante, eu sou professor de informática lá no Salesiano, é todo mês a gente trabalha um tema específico, um sub tema, por exemplo trabalho com eles aborto, trabalho com eles o racismo, trabalho com ele o bullying, trabalho com eles a pena de morte, então gosto de muito de acrescentar referencial crítico nos alunos, não sou aquele professor que a matéria tá ali, anota, faço as atividades, tira o ponto, passou. Não, eu não gosto de apenas ensinar a matéria, mas a viver também, a ter esse pensamento crítico, até porque é uma escola católica, a gente tem que ensinar o pensamento religioso pra ele se torna bem mais crítico do que normalmente o pensamento mundano, então é isso. Hoje eu vejo a Pedagogia como um curso belíssimo, um curso que ... não sei ... as vezes desprezado porque as pessoas são ignorantes acham que é só professor, professor, e as vezes as pessoas pensam só no monetário, que nós vivemos num mundo capitalista né, mas as vezes a gente tem que optar por aquilo que a gente gosta e não pelo dinheiro. Então acho bem importante isso.

Pesquisadora: Há algum comentário que você gostaria de acrescentar?

Fagner: O que eu tenho a dizer pros homens que fazem Pedagogia, é pra se é isso que eles querem façam. Não tem que desistir das coisas fácil, porque em todo canto existe esse preconceito, não só com os homens, até com as mulheres, público LGBT, público que é ... que tem sofre de racismo, então esse problema é só um problema no nosso mundo, não é um grande problema, é

um problema é, mas tem problemas muito maiores na sociedade que a gente pode reverter, e sim a gente pode reverter esse problema, sim a gente pode, mas a gente pode resolver com calma, não de um dia pro outro ou de um ano pro outro, e sim com o tempo. Tem vários amigos que tem vontade de fazer e não fazem por causa disso, ai eu fico bastante triste, mas né, um dia vai mudar né, quem sabe.

Entrevista – Eduardo, 26 anos, recém concluinte do curso de Pedagogia pela IES x.

Eduardo: Bom, me chamo Eduardo, eu moro no bairro do Guamá, tenho 26 anos, sou formado no curso de Pedagogia, bolsista do ProUni.

Pesquisadora: Você pode falar sobre os motivos que te levaram a escolher o curso de Pedagogia?

Eduardo: Bom, dos motivos que me levaram a escolher o curso de Pedagogia primeiramente foi porque eu sempre tive como pauta principal na pesquisa a educação, entende!? E eu venho de bairro periférico onde a educação é muito escassa, e eu tive a oportunidade de observar desde criança o quanto era importante a alfabetização, porque a minha mãe alfabetizava crianças em casa e eu observava aquilo, e foi algo que eu levei pra mim a vida inteira até depois de adulto acabei agregando esses valores de educar dentro de casa até a vida adulta, e foi um dos motivos que eu escolhi o curso de Pedagogia.

Pesquisadora: Você se sente satisfeito com relação à escolha do curso? Pensou em pedir transferência? Você pode explicar?

Eduardo: Olha, eu te falo que não chega a ser uma insatisfação, mas algumas pessoas de algumas escolas, principalmente coordenadoras pedagógicas e diretoras, é a gente tem uma certa angústia sim, porque ainda é complicado o homem adentrar em certos espaços da Pedagogia, é digamos que dentro de sala de aula principalmente. Se for trabalhar com uma turma de crianças, por exemplo, é bem complicado pra gente trabalhar na Educação Infantil, pode tá aberto lá a vaga pra Educação Infantil, mas enfim se não tiver uma pedagoga é muito complicado porque ainda há um preconceito muito grande com os homens dentro do curso. Então há uma angústia sim, mas eu te falo que eu não sou insatisfeito porque eu posso hoje com o papel da Pedagogia aliado a cultura de rua, que é um outro meu trabalho, adentrar nas escolas mais facilmente, porque antes quando eu chegava na escola, eu falava que eu ia trabalhar com Rap era complicado porque tem esse preconceito também, mas quando eu falo que eu sou pedagogo aliado ao Rap, facilita a entrada dentro da escola entende. Então eu te digo que eu não sou insatisfeito, mas há uma angústia por parte de algumas pessoas que ainda tem a mente muito fechada em relação aos homens trabalhar com crianças, trabalhar na Educação Infantil entendeu!? Eu acho que isso é muito equivocado ainda da parte dessas pessoas.

Pesquisadora: No período escolar você já tinha o pensamento de cursar Pedagogia?

Eduardo: É na verdade a gente quando é criança a gente não tem noção do que vem a ser um curso superior né, mas quando eu cresci tive um discernimento maior pude ver que a minha vivência de infância valeu pra

quando eu cresci e pude ter uma abordagem maior sobre o que era realmente a educação, observar de uma forma mais crítica em sociedade.

Pesquisadora: Quantos homens tinham na sua sala?

Eduardo: Olha numa turma de, iniciou a minha turma, iniciou com cerca de cinquenta pessoas e tinham três homens.

Pesquisadora: Eles ficaram até o final?

Eduardo: Ficaram até o final, ficaram até o final, os três.

Pesquisadora: Você pensa em seguir carreira no curso de Pedagogia? Fazer um Doutorado ou um Mestrado?

Eduardo: Eu tenho planos só ainda não decidi por qual, por isso que eu terminei o curso agora e tô esperando começar Janeiro pra ... pra abrir novas vias, mas sim, com certeza, fazer Pós-Graduação, e ... buscar outras coisas mais, me especializar em outros ramos da Pedagogia, acho que é necessário. Eu te falo que eu observo como um todo entendeu!? Como eu te falei, eu ainda não escolhi em que me especializar, por isso que eu ainda não caminhei para esse espaço, mas eu te falo que a principal coisa da Pedagogia que me encanta mesmo é a parte da alfabetização, no momento.

Pesquisadora: Quando analisamos o curso de Pedagogia quanto a sua composição, percebemos a predominância feminina, em função disso, você sofreu algum tipo de pressão ou preconceito por parte de conhecidos ao escolhê-lo?

Eduardo: Não, não. Desde o começo foi super aceito porque isso foi uma escolha minha e a minha família me apoiou totalmente desde o início, eu creio que eu não tive maiores problemas com isso, pelo menos eu não, mas há pessoas que sim, há amigos, por exemplo, há amigos da minha turma que tiveram problemas com isso.

Pesquisadora: Dentro da sala você já ouviu algum tipo de brincadeira tanto da parte de professores ou de colegas pelo fato de você ser homem e estar na Pedagogia?

Eduardo: Olha dentro da sala eu te digo que foi super acolhido entendeu!? Até porque a gente era a minoria da sala, só que eu falava pros meus amigos, que eram os dois homens na sala que tinha, eu falava pra ele “cara é bem complicado a gente opinar aqui né, a gente tá no meio aqui”, a gente falava alguma coisa era meio às vezes vistos como intruso entendeu!? Porque enfim as mulheres eram a maioria entende, as vezes eu preferia mesmo de canto, falar nada, mas enfim ainda é um pouco complicado sim, não é muito fácil não.

Pesquisadora: Na sua opinião o curso de Pedagogia prepara os seus frequentadores do sexo masculino para atuarem em turmas de Educação Infantil e Ensino Fundamental?

Eduardo: Olha o curso de Pedagogia eu creio que ele prepara pra trabalhar numa Educação Infantil e Ensino Fundamental, até porque os mesmos conhecimentos que a mulher recebe o homem recebe também dentro do curso entendeu!? Então eu acho que é uma questão mesmo de um preconceito que ainda é mal visto, eu acho que enfim, como se a gente não fosse capaz de lidar com crianças como uma mulher também é entendeu!? E eu discordo, eu acho que a gente também estudou, também se preparou, também pesquisou, tivemos as experiências direta que são os estágios que a gente vai diretamente na escola, que é a prática né, e aí eu tive experiências ótimas na prática na escola, hoje eu me sinto é ... eu me sinto a vontade pra trabalhar dentro de uma escola, só que é bem complicado.

Pesquisadora: Você sente interesse de futuramente trabalhar com turmas de Educação Infantil ou Ensino Fundamental?

Eduardo: Sim, com certeza tenho vontade de atuar, me formei recentemente agora, não faz muito tempo, mas já há algumas propostas sim de pessoas pra que eu possa trabalhar, e brevemente com certeza eu quero tá dentro da sala de aula sim, porque como eu te falei ... a minha vivência foi vendo alfabetização, então eu quero muito praticar isso também.

Pesquisadora: Você teve oportunidade de por em prática os ensinamentos obtidos no curso de Pedagogia?

Eduardo: Olha no curso eu tive a oportunidade de botar isso em prática em várias escolas sabe, porque foi com ações sociais e fazendo estágio também, eu pude trabalhar na Educação Infantil também dando aula, e foi muito válido a experiência, foram três semestres que eu fiz estágio em escola, dando aula mesmo diretamente e outros trabalhos dando palestras, e eu fui super aceito porque eu tive a oportunidade de trabalhar com pessoas que me aceitaram, mas como eu tô te falando não são todas as pessoas que ainda aceitam, é ... como que diz, a gente tem que fazer uma peneirada aí entendeu!? Infelizmente ainda acontece isso.

Pesquisadora: Você pode falar sobre os motivos que te levaram a optar por uma IES Privada?

Eduardo: Olha o motivo que eu escolhi a Instituição Particular é ... foi porque fui aprovado pelo ProUni, e eu tinha duas opções, eu tinha duas opções, era Serviço Social e a Pedagogia, então como eu venho de uma periferia, tenho renda baixa, eu não tinha, eu não tinha condições de pagar uma Faculdade Particular e também eu não tinha conseguido passar em uma Universidade Pública foi a oportunidade que eu tive, tinha duas opções de

bolsas integrais então eu não poderia deixar escapar essa oportunidade, e como eu te falei desde a minha vivência eu tive experiências indiretas com o ramo da Pedagogia, então acabei escolhendo o curso de Pedagogia porque foi o que eu realmente me identificava mais.

Pesquisadora: Na Instituição Pública você também fez vestibular para esses dois cursos?

Eduardo: Na Pública eu lembro que eu fiz também pra área de humanas, só que não fiz Pedagogia, eu fiz, tentei uma vez pra Ciências Sociais, mas não consegui passar.

Pesquisadora: Você teve um motivo específico para escolher essa Instituição ao qual você se formou?

Eduardo: Não, não tive um motivo específico, no momento porque quando você faz o ProUni você escolhe as Instituições que estão abertas e acaba aguardando pra ver se você passou ou não né, aí foi as que tavão aberta, que tinham o curso de Pedagogia, eu acabei escolhendo a que tava lá, num teve um motivo específico.

Pesquisadora: Você pode falar sobre como você vê a educação e a Pedagogia atualmente?

Eduardo: Uhum! É ... a educação ela ainda não é acessível a todos entendeu, infelizmente, não é porque só uma escola tá aberta que todo mundo vai ter acesso a educação, porque muitas das vezes você vai pra uma escola mas as crianças ainda não tem uma noção do que que elas realmente podem entender, eu acho que cada vez mais o docente ele tem que tá procurando é curso de formação entende, e se ele não tiver preparado ele vai ficar muito difícil pra ele lhe dar com essas pessoas, com essas crianças, que a gente principalmente a gente tá formando a mentalidade dos novos cidadãos né!? Então a importância do pedagogo é fundamental cara na sociedade, não tem como dizer que não, porque a gente tá ali ... é tendo uma paciência redobrada que o professor mesmo de ... enfim do Ensino Médio e tal talvez não teria, porque eu creio que a nossa missão é muito mais difícil que a deles, porque tratar com crianças, tem toda aquela imperatividade e tal, é bem difícil lhe dar que eu já passei por situações que eu falei “eu vou respirar agora aqui, vou sentar um pouquinho, beber uma água pra depois ir lá falar com eles” entendeu, enfim, como eu te falei que o pedagogo tem que ser muito equilibrado entendeu!? Tem que ser muito equilibrado, porque pra lhe dar com crianças não é uma missão muito fácil não, e hoje em dia eu vejo que a educação ... ela ainda é um pouco defasada ... por questões de escolas que ainda não oferecem é ... principalmente atividades extracurriculares pros alunos, entendeu!? Eu tive várias experiências de alunos que eu fui nas escolas e eles me disseram que eles nunca tinham saído do bairro deles entendeu!? Tipo, por exemplo o menino nunca saiu do Guamá, o menino nunca

saiu da Terra Firme, o menino nunca saiu do Jurunas entendeu!? E uma das situações que eu tive presente teve uma vez que foi um passeio pro Bosque, sempre tem esses passeios pro Bosque né, e tipo tinham meninos ali que nunca tinham saído do bairro deles pra ti ter uma noção, imagine de Belém né, nunca saíram do bairro imagine da sua cidade. E pra eles foi um momento único assim incrível porque eles tavam vendo coisas novas entendeu!? Então eu acho que ... a educação deveria proporcionar um movimento de é ... esses momentos de atividades extracurriculares pros alunos porque é muito importante cara, você oferecer sei lá uma oficina de poesia, uma aula de capoeira, um momento de natação, entendeu!? Eu acho que a escola e a educação pecam muito nisso ainda de deixa o aluno só dentro da sala de aula, acho que esse momento que tivesse atividades extracurriculares o aluno iria estar mais interessado em ir pra escolar com certeza.

Pesquisadora: A sua mentalidade quanto a Pedagogia e a educação mudaram no decorrer da Graduação?

Eduardo: Cara muda muito porque eu te falo que dentro de uma ... uma universidade você sofre um processo de desconstrução que pelo menos pra mim foi positivo, entendeu!? Porque, eu creio que eu entrei lá com um pensamento de quatro anos atrás que era muito machista entendeu!? Eu tinha um pensamento muito machista que homem não podia fazer aquilo, não podia fazer isso, mas eu tive é docentes que abriram a minha visão pra isso, me deram outra mentalidade pra isso entende!? Eu te falo que eu fui muito feliz de ter essas pessoas no meu caminho, porque hoje o processo de desconstrução que aconteceu em mim ... foi bruscamente entendeu, e foi por um lado positivo, porque todo dia a gente tenta buscar uma melhora né, e eu creio que aquele pensamento de machista de quatro anos atrás, com o final do curso agora, de todas as experiências que eu tive, que eu vi que é capaz de educar crianças entendeu, de uma forma mais delicada entendeu, é ter mais cuidado, é demonstrar caridade, demonstrar carisma, isso daí não vai te tornar menos homem ou menos mulher se tu fizer isso entendeu, vai te tornar mais ser humano apenas.

Pesquisadora: Há algum comentário que você gostaria de acrescentar?

Eduardo: Olha, eu te falo que ... as atividades que eu fiz dentro da escola sempre foram muito válidas entendeu, principalmente as que são fora de sala de aula porque acaba chamando uma atenção muito maior dos alunos entendeu!? Porque é um momento que eles se soltam entendeu, não é aquele momento que tem cobrança, de tipo “ah você tem que fazer essa atividade senão você vai ficar reprovado, senão você não vai passar”, isso acaba gerando um medo nelas entendeu, porque reprovar acaba sendo você excluir, você não tem que excluir, você tem que cada vez mais tá incluindo ela em atividades que elas querem. Tem até um filme que eu assisti, eu não me lembro quem é o diretor do filme, mas o filme é “Como estrelas no céu” o nome

do filme, e esse filme fala um pouco sobre a Pedagogia como um todo, porque lá ele mostra que não é só dentro de aula que se faz ... é se faz por concurso de pintura, se faz por concurso de outras artes entendeu!? Então acho que a visão que as pessoas devem ter ... principalmente quem tá trabalhando dentro da escola é essa de oferecer novos caminhos e novas vias de conhecimento entendeu!?

Entrevista – Sávio, 20 anos, frequenta a IES x.

Sávio: Bom, eu me chamo Sávio, atualmente estou morando em Belém, é nascido e criado na cidade de Currealinho Pará, na ilha do Marajó, vim pra morar em Belém aos meus dezessete anos, e aos meus dezessete anos eu prestei vestibular na Faculdade Integrada I. no ano de dois mil e quatorze, é sendo assim passei no vestibular, ingressando na Faculdade em dois mil e quinze, dois mil e dezesseis, desculpa, é dois mil e dezesseis, e ... com o fechamento da Faculdade Integrada I. eu fui transferido pra cá pra IES x. Então já vai fazer dois semestres que eu estou cursando aqui na IES x, cursei dois semestres no I. então já vou fazer, vou acabar meus quatro semestres.

Pesquisadora: Você pode falar sobre os motivos que te levaram a escolher o curso de Pedagogia?

Sávio: O que me levou a escolher o curso de Pedagogia é vem muito de família, meu pai é professor, ele é pedagogo, ele foi formado nessa área e tem Pós-graduação. Então, assim eu me espelhava muito nele, que ele me levava pra escola, fazia os trabalhos com ele, pra mim ver como era o cotidiano dele, então a partir dessa vivência que eu tive com ele eu comecei a ter digamos um amor por estar na escola, por ensinar, e ele até me dava oportunidades assim pra ajudar ele em alguma coisa na sala de aula, então comecei a gostar e isso me trouxe pra Pedagogia.

Pesquisadora: Você se sente satisfeito com relação à escolha do curso? Pensou em desistir ou pedir transferência?

Sávio: Não, não. Em nenhum momento pensei se quer em pedir transferência, sempre tive focado na Pedagogia mesmo, é inclusive tô pensando em me especializar, fazer Pós só nessa área da Pedagogia, é porque eu gostei muito, como eu te disse é de família, já vem assim ... uma geração, então eu prefiro continuar na Pedagogia.

Pesquisadora: No período escolar você já tinha o pensamento de cursar Pedagogia?

Sávio: Sim, sim. Como lhe disse, é geração, eu me baseava assim, me espelhava sempre no meu pai, que ele dava aula e eu ia pra escola com ele, então desde assim o Ensino Médio eu já tinha o pensamento.

Pesquisadora: Ao terminar o curso de Pedagogia você pretende trabalhar em que área?

Sávio: Eu ainda estou pensando em qual eu vou me especializar, mas tem diversas, eu tô pensando ainda qual eu vou entrar, vou fazer uma Pós-graduação.

Pesquisadora: Quando analisamos o curso de Pedagogia quanto a sua composição, percebemos a predominância feminina, em função disso, você

sofreu algum tipo de pressão ou preconceito por parte de conhecidos ao escolhê-lo?

Sávio: Não, não. Nenhum colega, amigo se quer, não, teve preconceito nada, e inclusive assim eu falo que é uma experiência muito gratificante assim, porque é diferente, tipo só dois homens numa turma com cinquenta mulheres, então assim, é diferente, é legal, é eu gostei de conhecer esse diferente do lado do que a Pedagogia trouxe.

Pesquisadora: Dentro da sala de aula você já ouviu algum tipo de brincadeira tanto da parte de professores ou de colegas pelo fato de você ser homem e estar na Pedagogia?

Sávio: Alguma brincadeira assim não, mas, é geralmente em trabalhos, por exemplo em grupo, eu tô, sô de um grupo que só eu de homem o resto é tudo mulher, cinco, aí digamos nós fizemos uma paródia agora, e nessa paródia continha a frase assim “é vamos ... eu quero mais é ser uma pedagoga”, ai eu tinha que concordar porque a maioria era mulher né!? E eu digamos que não me metia, eu concordei, é um trabalho acadêmico, a maioria é mulher vamos deixar a frase “pedagoga” mesmo, não é porque tem um homem que vai ser “pedagogo”.

Pesquisadora: Na sua opinião, o curso de Pedagogia prepara os seus frequentadores do sexo masculino para atuarem em turmas de Educação Infantil e Ensino Fundamental?

Sávio: Ele não só prepara o homem como a mulher também, ele tá lá pra prepara a todos, então se tem mulher, homem, é não importa assim o gênero, o assunto, os conteúdos aplicados, as teorias, são para a formação de um profissional mesmo, então ele prepara sim, tanto homem como a mulher.

Pesquisadora: Você sente interesse de ter uma experiência ou futuramente trabalhar com turmas de Educação Infantil ou Ensino Fundamental?

Sávio: Sim, sim, é por exemplo, lá na minha cidade que eu sou de origem, minha cidade natal tem decadência de professor, falta muito professor, então eu tô com pensamento de morar lá e trabalhar lá mesmo, porque tá em falta, e geralmente o mercado da Pedagogia é bastante concorrido, porque todo ano formam-se centenas de pedagogos. Então, é eu tenho esse pensamento de trabalhar na Educação Infantil, é porque é da minha área também, não importa, pode ser na Educação Infantil, pode ser da Gestão de uma escola, pra mim aonde eu for eu vou praticar, tô preparado pra isso.

Pesquisadora: Você já teve oportunidade de por em prática os ensinamentos obtidos no curso de Pedagogia?

Sávio: Sim, sim. Estágios, inclusive eu fiz um estágio de Educação Infantil, que é obrigatório, eu tô estagiando atualmente lá no Museu Emílio Goeldi, é no

serviço de educação, e agora eu vou fazer o estágio do nível Fundamental, no caso eu tenho que fazer esse estágio porque é obrigatório também, então eu dividindo assim o tempo, estágio obrigatório e estágio não obrigatório.

Pesquisadora: Você pode falar sobre os motivos que te levaram a optar por uma IES Privada?

Sávio: Os motivos que me levaram a escolher uma Instituição Privada. Primeiro, é ... na Pública ... assim, eu nunca me preparei, nunca fiz cursinho pra me preparar pra fazer uma Pública, não que a a Particular seja mais fácil de entrar, mas conhecendo muitos amigos que fazem na Pública e sabendo que eu quero me formar logo, é começar cedo digamos assim, é a Pública muita greve, é para muito, então assim uma formação mais demorada, não que o conteúdo da Pública seja inferior a da Particular, e a da Particular seja inferior a da Pública, mas eu olhei mais pelo lado é da questão de me formar logo, tipo começar cedo pra terminar cedo, fazer uma Pós, e o meu objetivo é chegar em Doutorado e ir pra frente.

Pesquisadora: Com relação a Instituição Superior, você teve um motivo específico para escolher a Instituição ao qual você frequenta?

Sávio: Não, não. Eu não tive assim um motivo específico porque eu fiz no I., é eu fui pro I., então na época que eu fiz, é eu olhei, eu andei pesquisando na verdade, e o curso de Pedagogia da I. era muito bom, é um curso com a carga horária, senão me engano era a maior carga horária que tinha de Pedagogia era o do I. e o das Universidades Estadual e Federal, então assim, eu olhei por esse lado, eu fui mais pro lado assim “poxa o I. é bom nessa área da educação, da Pedagogia, da Biologia, essas coisas”, eu escolhi o I.

Pesquisadora: Você pode falar sobre como você vê a educação e a Pedagogia atualmente?

Sávio: Atualmente eu vejo a educação ... é um certo, uma certa desvalorização por parte assim do Governo, Estado, Município, porque a educação é o que te prepara pra tudo, se tu tá numa escola e não tem investimento, tem um professor bom, mas não tem uma estrutura pra permanecer o aluno, não tem merenda escolar, não tem uma sala de aula adequada, não um material escolar, livros. Então, a educação de certa forma ela não tem o valor que merecia, não tô falando assim somente do salário do professor, porque muita gente toca nesse assunto, o pedagogo não recebe bem, sim, tem esse lado também, mas tem o lado de o Governo não dá o devido suporte a escola pra que uma educação adequada seja dada.

Pesquisadora: A sua mentalidade quanto a Pedagogia e a educação mudaram no decorrer da graduação?

Sávio: Muito, muito. Porque eu quando estava digamos no Ensino Médio no Ensino Fundamental, eu não muito a metodologia do professor aplicado, eu

não entendia é certas coisas que eles faziam, então agora cursando Pedagogia me esclareceu muitas coisas, é deixou bem claro pra mim que o professor pedagogo ele busca é conhecer o aluno, ele busca saber o que se passa na vida do aluno pra aplicar algum método na vida dele.

Pesquisadora: Há algum comentário que você gostaria de acrescentar?

Sávio: Um comentário a mais pra acrescentar é ... que eu me identifiquei bastante com o curso, eu me surpreendi, eu cheguei com um pensamento que talvez eu não conseguisse me adaptar, mas a adaptação foi assim super rápida, os professores são ótimos, excelentes, tanto do I. quanto da IES x, é eles te fazem praticar, eles te dão a teoria e te fazem praticar, e digamos que te ... abre tua mente, abre o teu pensamento pra certas coisas que tu não sabia como era, mas agora tu já tem uma base teórica do que é.



Centro de Ciências Sociais e Educação
Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia
Rua do Una, 156 entre Djalma Dutra e José Pio.
66050.540 - Belém-Pará
www2.uepa.br